



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Mariana Morais de Oliveira

**Neologismos na mídia impressa contemporânea: uma análise linguístico-
discursiva**

Rio de Janeiro

2018

Mariana Morais de Oliveira

Neologismos na mídia impressa contemporânea: uma análise linguístico-discursiva



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de doutor, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48 Oliveira, Mariana Morais de.
Neologismos na mídia impressa contemporânea: uma análise linguístico-discursiva / Mariana Morais de Oliveira. - 2018.
187 f.

Orientador: André Crim Valente.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Neologismos – Teses. 2. Língua portuguesa - Lexicologia – Teses. 3. Análise do discurso – Teses. 4. Redação de textos jornalísticos – Teses. 5. Língua portuguesa – Morfologia – Teses. I. Valente, André Crim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-316.1

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Morais de Oliveira

Neologismos na mídia impressa contemporânea: uma análise linguístico-discursiva

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de doutor, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 11 de dezembro de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)

Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Fabio André Cardoso Coelho

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, Edu, que, dentre todas as palavras que me cercam, tem sempre as mais doces e musicais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Mario e Marina, pelo exemplo de vida e pelo amor que me dão – que Deus continue guiando, com delicadeza, seus passos nessa bela jornada.

Aos meus pais, Beto e Vera, pela minha vida e por todas as oportunidades que nela me ajudaram a construir.

Ao meu orientador, André Valente, por ter sempre me abraçado com suas sábias e generosas palavras.

Todo dia é dia de aprender um pouco do muito que a vida traz.

Paulinho Moska

RESUMO

OLIVEIRA, Mariana Morais. *Neologismos na mídia impressa contemporânea: uma análise linguístico-discursiva*. 2018. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Pode-se afirmar que a língua é uma das principais marcas culturais de um povo e que ela define, inclusive, sua identidade. Vale acrescentar, porém, que uma das principais características de um idioma é o fato de ele ser um organismo vivo, em constante renovação, a serviço dos indivíduos que o utilizam para comunicação; assim, na medida em que a sociedade evolui e as necessidades comunicativas se modificam, modifica-se também o idioma, renovando-se. Esta pesquisa pretende, pois, observar a renovação lexical do Português com base em neologismos encontrados em veículos da mídia impressa contemporânea. Objetiva-se, sobretudo, descrever e analisar o processo de criação dos novos itens lexicais sob o aspecto linguístico-discursivo. Isso significa compreender as regras morfológicas – os processos de formação de palavras – utilizadas na construção dos termos, mas também refletir sobre a situação de produção como um ato de linguagem. Desse modo, examinar e descrever a configuração verbal que se apresenta em cada um dos neologismos selecionados é, aqui, tão importante quanto elucidar as circunstâncias envolvidas na elaboração de cada ato de linguagem, buscando reconstruir o contexto discursivo e determinar as condições de produção e de recepção dos novos itens lexicais.

Palavras-chave: Língua. Discurso. Neologismo.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Mariana Morais. *Neologisms in contemporary printed media: a linguistic-discursive analysis*. 2018. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

It is possible to affirm that the language is one of the main cultural marks of a country and that it defines, even, its identity. It is worth adding, however, that one of the main characteristics of a language is that it is a living organism, in constant renewal, at the service of the individuals who use it for communication; thus, as society evolves and communicative needs change, language is also modified and renewed. This research intends, therefore, to observe the lexical renewal of Portuguese based on neologisms found in vehicles of the contemporary printed media. It is mainly intended to describe and analyze the process of creating new lexical items under the linguistic-discursive aspect. This means understanding the morphological rules – the word-forming processes – used in constructing terms, but also reflecting on the production situation as an act of language. Thus, examining and describing the verbal configuration presented in each of the selected neologisms is as important here as elucidating the circumstances involved in the elaboration of each act of language, seeking to reconstruct the discursive context and determine the conditions of production and reception of new lexical items.

Keywords: Language. Discourse. Neologism.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	JORNALISMO E DISCURSO.....	17
1.1	A perspectiva discursiva.....	17
1.2	Notícia: um gênero do discurso.....	28
1.3	O texto noticioso: planejamento, informação e criatividade.....	33
2	LÉXICO E NEOLOGISMO.....	41
2.1	Palavra e léxico.....	41
2.2	Competência lexical, sociedade e neologia.....	53
3	PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	68
3.1	O que dizem os gramáticos.....	68
3.1.1	<i><u>Gramática Histórica da Língua Portuguesa , Said Ali.....</u></i>	68
3.1.2	<i><u>Gramática Histórica, Ismael de Lima Coutinho.....</u></i>	71
3.1.3	<i><u>Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Rocha Lima.....</u></i>	74
3.1.4	<i><u>Nova Gramática do Português Contemporâneo, Cunha & Cintra.....</u></i>	75
3.1.5	<i><u>Moderna Gramática Portuguesa, Evanildo Bechara.....</u></i>	78
3.1.6	<i><u>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, José Carlos de Azeredo.....</u></i>	82
3.2	Outros autores.....	90
3.2.1	<u>Composição X Derivação.....</u>	91
3.2.2	<u>Composição X Derivação prefixal.....</u>	93
3.2.3	<u>Composição X Derivação sufixal.....</u>	96
3.2.4	<u>Derivação prefixal X Derivação sufixal.....</u>	97
3.2.5	<u>Elemento Composto X Sintagma.....</u>	100
3.2.6	<u>Justaposição e aglutinação.....</u>	103
3.2.7	<u>Derivação parassintética.....</u>	103
3.2.8	<u>Derivação regressiva.....</u>	105
3.2.9	<u>Recomposição.....</u>	106
3.2.10	<u>Amálgama lexical.....</u>	108
4	O CORPUS.....	110
4.1	Apresentação do corpus.....	110
4.2	Proposta de análise.....	114

4.3	Análise do <i>corpus</i>	116
4.3.1	<u>Neologismos formais</u>	116
4.3.1.1	Neologismos por composição.....	116
4.3.1.1.1	Neologismos por composição por justaposição.....	117
4.3.1.1.2	Neologismos por composição por aglutinação.....	123
4.3.1.1.3	Neologismos por amálgama lexical.....	125
4.3.1.1.4	Neologismos por recomposição.....	130
4.3.1.2	Neologismos por derivação.....	133
4.3.1.2.1	Neologismos por derivação prefixal.....	133
4.3.1.2.2	Neologismos por derivação sufixal.....	139
4.3.1.2.3	Neologismos por derivação parassintética.....	152
4.3.1.2.4	Neologismos por derivação imprópria.....	153
4.3.1.3	Neologismos por abreviação.....	155
4.3.1.4	Neologismos por empréstimos.....	156
4.3.2	<u>Neologismos semânticos</u>	162
	CONCLUSÃO	178
	REFERÊNCIAS	182

INTRODUÇÃO

A posse da palavra delimita o mundo dos homens. Desvendar a natureza da linguagem é, em boa medida, portanto, uma forma de desvendar a natureza humana.

José Carlos de Azevedo

O idioma falado por uma comunidade é uma das principais marcas da sua identidade. Além de marcar a identidade de um povo, a língua também propicia a seus usuários independência e autonomia quanto ao manejo de seus elementos. Isso porque o sistema linguístico é um aparelho organizado para ser compreendido e internalizado por todos que o utilizam. Assim, investigar a fundo determinada forma de utilização de um idioma significa, também, dar passos significativos rumo ao conhecimento da sociedade que se expressa através dele.

Posso afirmar, portanto, que o principal eixo motivador desta pesquisa foi a curiosidade (e a relevância) de se observar a língua em uso e de se verificarem as inúmeras possibilidades de inovação que decorrem tanto da criatividade dos indivíduos quanto das alternativas disponíveis no sistema da língua que, via de regra, estão acessíveis na memória linguística de todo usuário.

Eleger como objeto de estudo uma, dentre tantas formas de manifestação da língua existentes em nossa sociedade, foi para mim uma tarefa fácil. Nasci em um ambiente de leitores. Jornais e revistas habitavam normalmente o nosso lar, e cresci com eles. Assistir ao ritual de meus pais, que, sempre em busca de cultura e informação, dedicavam vários momentos de seu tempo a folhear os periódicos fez despertar em mim o gosto e o hábito por esse tipo de leitura. Comecei a desejar fazer parte dessa rotina e recordo-me de, ainda menina, buscar minha participação recorrendo à seção dos quadrinhos nos jornais – a única que eu compreendia, à época.

A menina foi crescendo e, na mesma proporção, cresceu a quantidade de leitura. Foi natural, então, durante o período escolar e, sobretudo, quando à época de prestar o concurso vestibular (haja vista a necessidade de se obter informação e conhecimento de mundo) adotar

para meu consumo as leituras que sempre vi fazerem meus pais. Jornais e revistas de conteúdo adulto passaram definitivamente a fazer parte do meu dia a dia.

Já adulta, formei-me professora de Língua Portuguesa e instintivamente tornei o hábito que me acompanhou durante meu crescimento e minha formação um aliado em minha prática docente. Jornais e revistas foram (e até hoje são) alguns dos instrumentos didáticos mais eficientes em minha sala de aula. Verifiquei, através de muitas atividades que realizei em turmas de diferentes níveis, que, a partir da leitura de notícias, artigos e crônicas é possível proporcionar aos alunos situações de aprendizagem que privilegiam leitura, debate e análise de fatos da língua, além de acrescentar-lhes informação, cultura e conhecimento.

Agora, sob o olhar da pesquisadora que também reside em mim, escolher veículos da mídia impressa para proceder a uma investigação sobre a utilização da língua foi uma decisão natural e quase óbvia. Havia, porém, uma segunda questão: que fatos da língua seriam analisados? Há uma infinidade de possibilidades de investigação da língua em uso no Jornalismo, todas igualmente férteis e interessantes, no entanto, uma questão em especial me era cara e me seduzia para observá-la: a infinidade de possibilidades de criação e construção de palavras novas em nosso idioma. Nos estudos gramaticais da língua portuguesa, a Morfologia sempre foi uma área que me chamou atenção, justamente pelas inusitadas combinações de elementos e seus surpreendentes resultados observados em diversas situações de comunicação.

Estudar os neologismos na mídia impressa contemporânea foi, portanto, o tema escolhido para esta pesquisa, fato que possibilitou aliar duas paixões: a leitura de textos jornalísticos à análise morfológica da língua portuguesa. A escolha desse *corpus* é extremamente produtiva para esse tipo de investigação. Isso porque o veículo de transmissão de determinada palavra garante o seu maior ou menor alcance. Nesse sentido, é perceptível que a imprensa, especialmente a escrita, é um dos caminhos através do qual um neologismo chega mais facilmente ao conhecimento da população.

Além disso, é necessário ter em mente que esses meios de comunicação tratam de assuntos das mais diversificadas áreas da atividade humana: economia, esporte, saúde, sociedade, arte, educação etc. e seu ofício é noticiar as inovações e evoluções da vida moderna em todas essas áreas. Desse modo, trabalhar com um *corpus* jornalístico garante um levantamento de termos dos mais distintos campos do saber. Dentre tantas opções que são oferecidas pelo mercado industrial do Jornalismo, optei por realizar minha pesquisa e investigação nas duas publicações que me eram mais familiares; escolhi, portanto, o jornal *O*

Globo e a revista *Veja* como fontes para seleção e recolhimento do *corpus*, tarefa à qual me dediquei durante os anos de 2016, 2017 e 2018.

Cabe agora refletir sobre uma terceira questão: qual a finalidade prática do presente estudo? Que objetivos desejo alcançar? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que se trata aqui de um trabalho de investigação e análise de neologismos em textos jornalísticos. Desse modo, é de extrema relevância alinhar algumas palavras sobre a importância de se considerar a perspectiva discursiva na análise de tais criações neológicas.

Sabe-se que, de acordo com a teoria da Análise do Discurso, à luz dos ensinamentos de Charaudeau, toda atividade comunicativa que tem como suporte a língua organiza-se como um ato de linguagem e obedece a um contrato de comunicação. Esse contrato pressupõe dois sujeitos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais. Assim, o ato de linguagem proposto pelo enunciador parte da expectativa dele de que tal contrato será bem recebido pelo receptor e que as estratégias empregadas por ele na comunicação irão surtir o efeito desejado. Analisar um ato de linguagem significa, portanto, refletir na relação entre o enunciador e o receptor. Não se trata apenas de dar conta da(s) provável(is) intencionalidade(s) do comunicante, mas, sim, de estabelecer “[...] os *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 63, grifo do autor). Em uma perspectiva semiolinguística, estabelecer esses ‘possíveis interpretativos’ demanda um trabalho de análise da utilização e da organização dos elementos linguísticos, semânticos e formais envolvidos no ato de linguagem. São esses os instrumentos a partir dos quais se chega à construção dos possíveis interpretativos.

O principal objetivo desta Tese é, pois, analisar linguístico-discursivamente os neologismos encontrados em dois grandes veículos de comunicação da mídia impressa, o jornal *O Globo* e a revista *Veja*. A intenção aqui é, além de descrever os mecanismos linguísticos que possibilitaram a criação dos novos itens lexicais, refletir sobre o ato de linguagem em que cada um deles se insere, a fim de tecer considerações sobre as condições de produção e as possibilidades interpretativas.

Podem-se citar, ainda, alguns objetivos específicos, que se alinham com o objetivo geral e se traduzem de absoluta relevância na construção do percurso. Trata-se de:

- refletir sobre o significado de léxico, entendendo que a concepção que se adota tem enorme influência na perspectiva de análise que se assume;
- caracterizar o fenômeno da neologia, relacionando-o diretamente à evolução da sociedade e à competência lexical dos falantes;

- estudar os processos de formação de palavras previstos na gramática da língua portuguesa, considerando que são a base linguística das formações neológicas.

No intuito de alcançar os objetivos aqui listados, percorri um caminho que me levou à construção de quatro grandes capítulos que formam esta Tese. O primeiro capítulo, *Jornalismo e Discurso*, faz-se necessário porque nele apresento considerações sobre o Jornalismo e exponho alguns pressupostos teóricos que servirão de base à análise proposta. Esse primeiro capítulo foi dividido em três seções: *1.1 A perspectiva discursiva*, *1.2 Notícia: um gênero do discurso* e *1.3 O texto noticioso: planejamento, informação e criatividade*. Na primeira seção, preocupo-me em definir a postura teórica que será adotada na análise dos fatos da língua. Assumo, pois, entender que toda atividade linguística é um produto de interação e se realiza sob a forma de enunciados concretos. Isso significa entender que todo enunciado é formado por uma parte material e pelos contextos de produção, circulação e recepção. Desse modo, não se pode prescindir da observação de tais fatores no exercício da exploração dos textos do *corpus*. Na segunda seção deste capítulo, discuto o conceito bakhtiniano de gêneros do discurso e busco relacioná-lo aos enunciados com que trabalhei durante toda a minha pesquisa: as notícias. Algumas das principais obras de referência da Análise do Discurso auxiliaram-me nesta jornada. A saber: Bakhtin (1992), Charaudeau (2009) e Maingueneau (2002).

A terceira e última seção do capítulo primeiro destina-se a caracterizar o processo de elaboração do texto noticioso, o que inclui apresentar considerações sobre planejamento, seleção de conteúdos e pertinência para, enfim, chegar à fase de elaboração do texto - área de maior interesse nesta pesquisa - e tecer considerações acerca da linguagem utilizada. Dentre as questões de linguagem, preocupo-me em discutir o tipo de registro utilizado bem como a possibilidade de haver flexibilidade em relação a ele, que é o momento em que a criatividade é permitida. As obras de Nilson Lage (1985, 1993 e 2005) foram de grande valia para a apreensão das características e da linguagem dos textos jornalísticos. Além destas, convém citar também *O Manual de Redação de O Globo*, em cujas páginas pude encontrar fórmulas, padrões e regras de comportamento para o bom jornalista redator, o que muito colaborou na enumeração de características que me proponho a fazer.

O segundo capítulo desta Tese intitula-se *Léxico e Neologismo* e divide-se em duas seções: *2.1 Palavra e Léxico* e *2.2 Competência lexical, sociedade e neologia*. Neste capítulo, pretendo expor toda a conceituação teórica de que necessito em relação ao surgimento dos neologismos. Na primeira seção, *Palavra e léxico*, preocupo-me em fazer uma reflexão sobre esses dois conceitos essenciais. Neologismos são palavras novas, logo, não se pode prescindir

da discussão acerca do que seria, de fato, uma palavra. Quais são os limites (tão tênues) que separam uma palavra de um sintagma? Ademais, pretendo também nesta seção refletir sobre a conceituação de léxico, definindo o que seria o ‘léxico mental’ e qual a sua importância para o estudo dos neologismos. Nesse momento, visito as obras de alguns dos mais importantes estudiosos da língua portuguesa de diferentes épocas: Saussure (1961), Mattoso Camara (1970), Ferreira (2011), Villalva (2014), Schwindt (2014), Rio-Torto (2015).

Uma vez definido o que se deve entender por léxico, na seção *Competência lexical, sociedade e neologia*, proponho-me a apresentar a relação entre a utilização do léxico e a evolução da sociedade, que culmina no surgimento de neologismos. Conceitos como produtividade, criatividade, bloqueio e desbloqueio, também devem ser discutidos na referida seção, afinal trata-se de aspectos relacionados à sociedade e à possibilidade de criação (ou não) das novas unidades lexicais. Para me auxiliar nesse difícil trajeto, conto com os estudos de Alves (2002), Gonçalves (2016), Monteiro (1997), Rio-Torto (2016), Sandmann (1991), Valente (2011) entre outros.

O terceiro capítulo desta Tese destina-se à apresentação de estudos gramaticais, indispensável à análise linguística. Intitulado *Processos de formação de palavras*, o capítulo terceiro divide-se em duas seções: 3.1 *O que dizem os gramáticos* e 3.2 *Outros autores*. Em 3.1, visito algumas das principais gramáticas da língua portuguesa e realizo uma pesquisa aprofundada sobre os processos de formação de palavras. Nessa seção, tenciono apresentar a descrição constante de cada uma das obras, além de verificar em qual delas está presente o assunto ‘neologismos’. Faço também comparações entre o que se expõe em uma e outra obra, tentando estabelecer pontos em comum ou diferenças de conceituação. As gramáticas visitadas foram: 3.1.1 *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali 3.1.2 *Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, 3.1.3 *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, 3.1.4 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra, 3.1.5 *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, e 3.1.6 *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, de José Carlos Azeredo.

Na segunda seção desse capítulo terceiro, pretendo apresentar opiniões de ‘outros autores’. Reconheço que não somente as gramáticas podem ser fonte de pesquisa para assuntos de Morfologia da língua portuguesa, logo recorro a obras especializadas, cujo assunto primordial são os neologismos e os processos de formação de palavras. A intenção aqui é oferecer outros pontos de vista, explicitando posicionamentos diferentes e/ou complementares aos que se apresentaram nas gramáticas. Em alguns casos, podem-se encontrar informações que reiteram o já exposto nos compêndios gramaticais. Trata-se apenas

de sinalizar que há outras fontes de estudo e que é necessário analisar as informações para, assim, efetuar uma tomada de posição. Alguns dos principais estudos consultados foram os de: Basílio (2003), Carone (1995), Henriques (2007), Gonçalves (2016), Ferreira & Lemos (2005), Monteiro (1987), Valente (2011). Em suas obras, busquei o arcabouço necessário para a discussão dos seguintes tópicos: 3.2.1 *Composição X Derivação*, 3.2.2 *Composição X Derivação prefixal*, 3.2.3 *Composição X Derivação sufixal*, 3.2.4 *Derivação prefixal X Derivação sufixal*, 3.2.5 *Elemento composto X Sintagma*, 3.2.6 *Justaposição e aglutinação*, 3.2.7 *Derivação parassintética*, 3.2.8 *Derivação regressiva*, 3.2.9 *Recomposição*, 3.2.10 *Amálgama lexical*.

Chega-se enfim ao capítulo quarto, em que se apresentará a análise do *corpus*. É o maior capítulo da Tese. Encontrei aqui a necessidade de apresentar de maneira mais detalhada o *corpus*, sinalizando como foi o processo de recolha e seleção, qual o recorte de tempo estabelecido etc. Além disso, depois de verificar discordâncias de nomenclatura ou de classificação nas diversas fontes de consulta gramatical a que recorri, achei fundamental delimitar os processos de formação de palavras com que trabalharei para a análise do *corpus*. Desse modo, o capítulo quarto foi intitulado O *corpus* e foi dividido em três seções. As duas primeiras seções, 4.1 *Apresentação do corpus* e 4.2 *Proposta de análise* atendem ao que acabei de expor.

A terceira e última seção refere-se à análise do *corpus* propriamente dita e assim se intitula: 4.3 *Análise do corpus*. É nesse momento que planejo apresentar os neologismos selecionados e alcançar meu objetivo principal: analisar seu processo (linguístico) de produção e tecer considerações referentes ao aspecto discursivo do ato de linguagem em que o termo estava inserido. Devo esclarecer que, para definir o que poderia ser considerado neologismo ou não, utilizei dois critérios: em primeiro lugar, a verificação do registro em dicionário – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, *Dicionário Aurélio* e *Dicionário Caldas Aulette* constituíram o *corpus* de exclusão –; em segundo, a sensibilidade de perceber se é um termo já consagrado pelo uso na linguagem corrente, afinal, muitas vezes uma palavra não figura em dicionário pelo simples fato de não ter havido, ainda, tempo hábil para tal, todavia, ela já circula livremente entre os falantes na sociedade e em publicações da mídia. Nesses casos, não considere como neologismo.

A fim de organizar a apresentação dos neologismos, optei por dividir a seção 4.3 em duas grandes subseções: 4.3.1 *Neologismos Formais* e 4.3.2 *Neologismos Semânticos*. Cada uma delas trata, obviamente, de um tipo de neologismo. Ressalto que a primeira destas subseções, que trata dos neologismos formais, teve de sofrer ainda subdivisões, fato que não

ocorreu com o item que trata dos neologismos semânticos. Dividi a subseção dos neologismos formais de acordo com o processo de formação que é o suporte linguístico que serve de base à criação da palavra, conforme o que está previamente apresentado no item 4.2 *Proposta de análise*. Assim, tem-se: 4.3.1.1 *Neologismos por composição*; 4.3.1.2 *Neologismos por derivação*; 4.3.1.3 *Neologismos por abreviação*; 4.3.1.4 *Neologismos por empréstimos*. Visto que, no sistema da língua portuguesa, existem diferentes tipos de composição e de derivação, outras subdivisões ainda se farão necessárias nas subseções que contemplam esses dois processos. Dessa forma, acredito que os exemplos estejam apresentados de forma bastante organizada e didática, facilitando a leitura e a compreensão.

É minha intenção, com esta pesquisa, apresentar uma contribuição para os trabalhos que se preocupam em aliar o estudo linguístico à observação do aspecto discursivo, já que não se pode mais conceber uma proposta de análise de qualquer situação comunicativa que esteja destacada do seu contexto de produção. Acredito ainda que esta Tese, embora caminhe no rumo dos estudos que privilegiam a descrição da Língua Portuguesa, possa ser também de grande valia para pesquisas ligadas à área de ensino, afinal a prática de um professor em sala de aula não pode prescindir de aliar o estudo da gramática da língua à apresentação de exemplos reais e contemporâneos.

1 JORNALISMO E DISCURSO

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.

Mikhail Bakhtin

Tendo em vista essa estreita relação entre língua e vida, considera-se indispensável discutir a importância de se levar em conta a perspectiva discursiva na análise dos textos jornalísticos. Assim, expor os pressupostos teóricos de tal perspectiva bem como definir as características da notícia como um gênero do discurso são etapas cruciais no desenvolvimento deste estudo.

1.1 A perspectiva discursiva

É fato que, para realizar a análise de um texto de comunicação, é fundamental definir a postura teórica que se adotará na observação. Aqui nesta pesquisa, a proposta é analisar linguístico-discursivamente a criação e a presença de neologismos em textos noticiosos; portanto, faz-se extremamente necessária a inclusão do presente capítulo, em que serão apresentadas as principais concepções que orientam a teoria da Análise do Discurso e servem de base à caracterização do objeto escolhido aqui como *corpus* – as notícias – como um gênero do discurso.

Um dos precursores dos trabalhos em Análise do Discurso foi o filósofo russo Mikhail Bakhtin. O estudioso deteve-se a observar o fenômeno da língua em utilização pela comunidade linguística e foi um dos primeiros a considerar que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.” (BAKHTIN, 1992, p. 280)

Considerar que todo enunciado é um ‘enunciado concreto’ significa considerar que se trata sempre de um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção. Isso quer dizer que o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado.

Ademais, os enunciados emanam de diversas áreas da sociedade. Portanto, eles refletem as condições específicas de cada área, seja por conta de seu conteúdo, pelo seu estilo verbal (seleção de recursos lexicais e gramaticais da língua), ou, ainda, pela construção composicional.

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, claro, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1992, p. 280, grifos do autor)

Maingueneau (2002) concorda com o conceito bakhtiniano dos gêneros do discurso e acrescenta que eles se relacionam com a sociedade, pois “poderíamos caracterizar uma sociedade pelos gêneros do discurso que ela torna possível e que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 2002, p. 61). Além disso, o autor sinaliza que a existência dos gêneros atende a um fator de economia, pois a troca verbal seria impossível se houvesse a necessidade de inventar e reinventar os gêneros a cada situação de comunicação. Assim posiciona-se o autor:

Graças aos gêneros do discurso, não precisamos prestar uma atenção constante a todos os detalhes de todos os enunciados que ocorrem à nossa volta. Em um instante somos capazes de identificar um dado enunciado como sendo um folheto publicitário ou como uma fatura e então podemos nos concentrar apenas em um número reduzido de elementos. (MAINGUENEAU, 2002, p. 64)

Os gêneros são atividades sociais, portanto Maingueneau (2002) entende que eles estão sujeitos a determinadas condições de êxito, que seriam:

- **Finalidade reconhecida** - a identificação da finalidade é indispensável para que o interlocutor tenha um comportamento adequado diante de determinado gênero;
- **Estatuto de parceiros legítimos** – nos diferentes gêneros já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala;
- **Lugar e momento legítimos** - todo gênero implica certo lugar e certo momento;
- **Suporte material** - modificações no suporte material podem acarretar modificações de gênero;

- **Organização textual** - todo gênero está associado a uma certa organização textual que cabe à Linguística estudar. Dominar um gênero do discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis de frase a frase.

Diz-se, também, que todo gênero é um contrato, pois ele é “fundamentalmente cooperativo e regido por normas. Todo gênero do discurso exige daqueles que dele participam a aceitação de um certo número de regras mutuamente conhecidas.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 69)

A diversidade de gêneros de discurso que circulam em uma sociedade é infinita; afinal, a variedade da atividade humana é inesgotável e cada esfera de atividade engloba um grande número de gêneros do discurso. Acrescenta-se a isso o fato de que as atividades humanas desenvolvem-se; dessa forma, desenvolvem-se também os modelos dos gêneros do discurso, que se diferenciam e/ou se ampliam.

Para Bakhtin (1992), os enunciados estão sempre ligados a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito, que tem um lugar na sociedade e na história e que está sempre em interação com outros sujeitos. Assim, todo enunciado concreto constitui-se na interação entre interlocutores, mesmo que não se saiba quem é o outro. É o princípio do ‘dialogismo’, o qual está intimamente ligado à concepção da utilização da língua como interação verbal. Entende-se, pois, que o enunciado é sempre orientado em função de um interlocutor e ressalta-se que

[...] essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. (BAKHTIN, 1995, p. 107, grifos do autor)

Os estudos de Patrick Charaudeau também caminharam no sentido de considerar a importância da interação verbal nas situações comunicativas. O autor afirma que “[...] o ato de comunicação é um dispositivo cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor).” (CHARAUDEAU, 2009, p. 67)

Tal afirmativa tem relação direta com a concepção de análise que o autor propõe. De acordo com suas ideias, as manifestações comunicativas – chamadas por ele atos de linguagem – ocorrem conforme certas condições de enunciação e conforme as experiências armazenadas dos agentes sociais envolvidos nesse processo (locutor e interlocutor). Esses

fatores seriam fundamentais para a decodificação dos signos, para a compreensão da situação de produção do ato de linguagem e, sobretudo, para construir sentido a partir do manejo dos instrumentos linguísticos.

Há, pois, dois pontos básicos a serem observados quando da análise de práticas discursivas: o sentido de uma comunicação reside nas condições históricas, sociais e culturais de sua produção ou são os agentes sociais responsáveis pela interação que, subjetivamente, constroem o sentido de seus enunciados?

Para Charaudeau (2009), o ato de linguagem admite uma dupla dimensão: o **explícito** e o **implícito**. O ato de linguagem é assim considerado “[...] um objeto duplo, constituído de um explícito (o que é manifesto) e de um implícito (lugar de sentidos múltiplos, que dependem das circunstâncias da comunicação).” (CHARAUDEAU, 2009, p. 17)

Segundo o autor, a finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciator quanto para o sujeito interpretante) não deve ser examinada apenas em sua configuração verbal, mas no jogo que um determinado sujeito estabelece entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos sujeitos comunicantes entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias do discurso que os reúnem.

Nessa perspectiva, entende-se que a língua não é um objeto transparente que contém um significado único. Desvendar significado em ato de linguagem requer, pois, que se levem em conta outros fatores, como os conhecimentos prévios do locutor e do interlocutor.

Nas palavras do estudioso:

A significação discursiva, pode-se afirmar, é uma resultante. Uma resultante de dois componentes dos quais um pode ser denominado *linguístico*, já que opera com material verbal (a língua), sendo ele mesmo estruturado de maneira significativa segundo os princípios da pertinência que lhe são próprios, e outro, *situacional*, já que opera com material psicossocial, testemunha dos comportamentos humanos, que colabora na definição dos seres ao mesmo tempo como atores sociais e como sujeitos comunicantes. Trata-se, assim, de uma resultante, isto é, de uma força cujos componentes são simultaneamente autônomos, em sua origem, e independentes em seu efeito, o que significa dizer que não se pode chegar à situação discursiva sem o estudo de um ou de outro desses componentes” (CHARAUDEAU, 1996, p. 6, grifos do autor)

Através da afirmativa acima, o autor marca uma posição entre considerar o discurso sob uma perspectiva sociologizante, que o define como um lugar de marcas sociológicas, ou considerá-lo linguisticamente, acreditando que tudo que é dito expressa-se através da língua, estando, pois, inscrito sob marcas formais.

De acordo com Charaudeau (1996), assumir um ponto de vista situado entre essas duas perspectivas possibilita um processo de relacionar a dimensão *situacional* e a dimensão

linguística do discurso. Desse modo, construir significação em uma cena de comunicação requer que se levem em conta, simultaneamente, um espaço interno e um espaço externo na construção de sentido, daí a necessidade de se pensar o ato de linguagem em sua dupla dimensão.

Nos estudos de Bakhtin (1995), pode-se encontrar semelhante ponto de vista:

É impossível reduzir-se o ato de descodificação ao reconhecimento de uma forma linguística utilizada pelo locutor como uma forma familiar, conhecida. [...] O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. (BAKHTIN, 2009, p. 86)

Compreende-se, portanto, que o discurso não é outra coisa senão o texto situado em seu contexto (em suas condições de produção e reprodução). Percebe-se aí o pressuposto de que os sentidos dos atos de linguagem são social e historicamente situados e construídos no processo de interlocução que ocorre entre o falante e o ouvinte.

Segundo Maingueneau (2002), só se pode proceder a uma análise de língua que não apreenda a organização textual em si mesma nem a situação de comunicação, mas que procure associá-las. A reflexão contemporânea sobre a linguagem afastou-se da concepção de que cada enunciado teria um sentido único, atribuído pelo locutor e que caberia ao receptor decodificar tal sentido. Nessa concepção, o sentido estaria inscrito no enunciado e sua compreensão demandaria, por parte do receptor, um conhecimento gramatical e lexical. O contexto, nesse sentido, desempenharia um papel periférico, apenas para acrescentar dados.

Deduz-se, portanto, que o contexto não se encontra simplesmente *ao redor* de um enunciado, cujo sentido, parcialmente indeterminado, caberia ao destinatário especificar. Acredita-se agora que

[...] todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido. Mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preciso e estável. (MAINGUENEAU, 2002, p. 20)

Acrescenta-se a isso o fato de que

[...] na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjuntos dos contextos possíveis de uso de cada forma particular [...] Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações [...] A palavra sempre

está carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1995, p. 88)

Na intenção de proceder a uma análise que englobe conjuntamente as perspectivas intra e extralinguísticas, Charaudeau (2009) propõe que se deve buscar elucidar as eventuais relações existentes entre os elementos linguísticos, a intencionalidade do emissor e os aspectos referentes ao contexto sócio-histórico. Nesse processo, acredita o autor que surgirão “conjuntos significantes, testemunhos da relação do ato da linguagem com suas condições de produção-interpretação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 18).

Em relação às condições de produção e interpretação, é necessário observar dois aspectos fundamentais: a relação que o sujeito enunciador e o sujeito interpretante mantêm face ao propósito linguageiro; e a relação que esses dois mesmos sujeitos mantêm um diante do outro. A observação desses aspectos remete à existência de “filtros construtores de sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 31), pois o saber que os sujeitos comunicantes constroem sobre as trocas comunicativas não se limita às experiências individuais de cada um deles; ao contrário, esse saber também depende das expectativas de cada um deles frente ao ato de linguagem e depende dos saberes supostamente existentes entre tais sujeitos.

Parece claro, portanto, que o ato de linguagem deve ser concebido como um fenômeno expresso através de elementos linguísticos, mas condicionado, também, por fatores extralinguísticos, o que faz dele um fenômeno social e historicamente condicionado. Para analisar esse fenômeno, Charaudeau (2009) propõe as teorias do **contrato de comunicação** e das **estratégias discursivas**.

O **contrato de comunicação** é o conjunto das condições de realização de um determinado ato de linguagem. Trata-se de um acordo firmado entre o locutor e o destinatário que lhes garante reconhecimento mútuo como parceiros na situação de comunicação e possibilita-lhes a apreensão do objetivo e do conteúdo da mensagem comunicada, além de viabilizar que eles observem a influência das circunstâncias nesse ato. Uma vez que se trata de um conjunto de conhecimentos tacitamente acordados e presentes no repertório dos participantes do ato de linguagem, o contrato de comunicação permite ao sujeito comunicante se expressar nas entrelinhas e, ainda assim, ser entendido pelo sujeito interpretante.

Desse modo, o contrato de comunicação contempla a faceta da interação, que é inerente a uma situação comunicativa, e prevê que a construção dos sentidos se dá pela interação dialética entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante.

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis a chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nessa perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência. (CHARAUDEAU, 2009, p. 56)

A segunda noção proposta por Charaudeau (2009) é a de **estratégias discursivas**. Tal noção se apoia na teoria de que o sujeito comunicante concebe, organiza e encena suas intenções de modo a conseguir a adesão do sujeito interpretante. Conforme o autor, no ato discursivo, o sujeito comunicante não quer apenas ser bem entendido pelo seu interlocutor. Ele também pretende persuadir ou seduzir o sujeito interpretante a aderir aos seus propósitos. As estratégias discursivas são representadas pelas escolhas que os locutores farão no sentido de orientar seu discurso e garantir a adesão por parte do receptor.

Assim, postula-se que, através das estratégias discursivas, o sujeito comunicante “organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos – de persuasão e de sedução – sobre o sujeito interpretante de modo a levá-lo a identificar-se – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 56)

Acrescenta-se, por relevante, que Charaudeau (2009, p. 56) pressupõe que a produção dos enunciados é “uma expedição e uma aventura”. A ideia de expedição respalda-se no fato de que o sujeito comunicante constrói um projeto global de comunicação na esperança de que seus enunciados sejam interpretados pelo destinatário de modo que seus objetivos sejam alcançados, ou seja, o destinatário deve produzir os sentidos de acordo com as pretensões do locutor. Para isso, o locutor faz uso do contrato de comunicação e de estratégias discursivas. Já a ideia de aventura reside no caráter imprevisível da recepção dos enunciados. Não se pode garantir que o sujeito interpretante tenha o domínio absoluto dos efeitos produzidos e desejados pelo sujeito comunicante.

No que diz respeito à construção da interpretação, Maingueneau (2002) oferece também importantes contribuições aos estudos em Análise do Discurso. O autor reconhece que, no momento de construir sentido em uma determinada mensagem, o receptor precisa ativar alguns pressupostos básicos. O receptor pressupõe, por exemplo, que o locutor ‘respeita certas regras do jogo’, o que significa assumir que o propósito do texto é sério e que a finalidade é transmitir uma determinada comunicação.

Nas palavras do autor:

O simples fato de entrar num processo de comunicação verbal implica que se respeitem as regras do jogo. Isso não se faz por meio de um contrato explícito, mas

por um acordo tácito, inseparável da atividade verbal. Entra em ação um saber *mutuamente conhecido*: cada um postula que seu parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite. Essas regras não são obrigatórias e inconscientes como as da sintaxe e da morfologia, são convenção tácitas. (MAINGUENEAU, 2002, p. 31, grifos do autor)

Maingueneau (2002) sinaliza também para a existência de um **princípio de cooperação**, que aponta para a necessidade de os parceiros de uma interação verbal compartilharem um certo conjunto de saberes que mobilizam na apreensão de uma comunicação e, além disso, a importância de eles colaborarem para o sucesso da atividade verbal de que participam. Trata-se de uma reflexão muito semelhante à de Charaudeau, conforme reconhece o próprio Maingueneau (2002)

O princípio da cooperação é apenas uma das formas de exprimir algo que é constitutivo da comunicação verbal e que muitos outros teóricos das últimas décadas do século XX elaboraram sob denominações variadas. Patrick Charaudeau, por exemplo, vê na base de todo exercício da palavra um “contrato de comunicação”[...] (MAINGUENEAU, 2002, p. 34)

Há ainda a preocupação de Maingueneau (2002) em propor as chamadas **leis do discurso**. De acordo com o autor, não se trata de normas de uma conversação ideal, mas de regras que vão desempenhar um importante papel no processo de interpretação dos atos de comunicação. Segue um resumo das principais **leis do discurso**, de acordo com o que expôs Maingueneau (2002, p. 35/36/37):

- **Lei da Pertinência** – estipula que a enunciação deve ser adequada ao contexto em que acontece e deve interessar ao destinatário, fornecendo-lhe informações que modifiquem a situação.

- **Lei da Sinceridade** – diz respeito ao engajamento do enunciador no ato de fala que realiza. Para afirmar algo, deve-se garantir que há verdade naquilo que se diz.

- **Lei da Informatividade** – incide sobre o conteúdo dos enunciados. Não se deve falar para não dizer nada. Devem-se fornecer sempre informações novas.

- **Lei da Exaustividade** - especifica que o enunciador deve dar a informação máxima, e exige que não se escondam informações.

- **Leis da Modalidade** – prescrevem clareza e economia (relaciona-se à escolha das formas da língua mais corretas e à melhor construção dos trechos)

As leis do discurso estão diretamente relacionadas ao conceito de gêneros do discurso. Na verdade, aquelas devem se adaptar às especificidades de cada um destes.

O domínio das leis do discurso e dos gêneros do discurso (a **competência genérica**) são os componentes essenciais da nossa **competência comunicativa**, ou seja, da nossa aptidão para produzir e interpretar os enunciados de maneira adequada às múltiplas situações de nossa existência (MAINGUENEAU, 2002, p. 41)

De acordo com Maingueneau (2002), para participar de uma atividade verbal e ser bem sucedido, é necessário ainda mobilizar outras competências: a **competência linguística** e a **competência enciclopédica**. A primeira diz respeito à capacidade de dominar os elementos da língua; a segunda relaciona-se ao conjunto virtualmente ilimitado de conhecimentos, o saber enciclopédico, variável em função da sociedade em que se vive e da experiência de cada um.

Cabe, ainda, registrar algumas reflexões de Maingueneau (2002) sobre o conceito de **discurso**, tão importante para definir a concepção de língua. Conforme o autor:

A noção de ‘discurso’ é muito utilizada por ser o sintoma de uma modificação na nossa maneira de conceber a linguagem. Em grande parte, essa modificação resulta da influência de diversas correntes das ciências humanas reunidas frequentemente sob a etiqueta da pragmática. Mais que uma doutrina, a pragmática constitui, com efeito, uma certa maneira de apreender a comunicação verbal. (MAINGUENEAU, 2002, p. 52)

Definido esse importante conceito, o autor elenca algumas das suas características essenciais. Apresenta-se, então, um breve apanhado das características essenciais do discurso propostas por Maingueneau (2002).

- **O discurso é uma organização situada para além da frase:** quer dizer que o discurso mobiliza estruturas de outra ordem que as da frase, afinal os discursos estão submetidos a regras de organização vigentes em um grupo social determinado.

- **O discurso é orientado:** não somente porque parte de um locutor, mas também porque se constrói em função de uma finalidade, desenvolvendo-se no tempo, de maneira linear, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar.

- **O discurso é uma forma de ação:** falar é uma forma de ação sobre o outro. Toda enunciação constitui um ato que visa modificar uma situação.

- **O discurso é interativo:** “[...] a atividade verbal é sempre uma interatividade entre dois parceiros, cuja marca nos enunciados encontra-se no binômio EU-VOCÊ da troca verbal.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 53)

- **O discurso é contextualizado:** isso não significa dizer que o discurso está em um contexto, como se o contexto fosse uma moldura, um cenário. Isso significa dizer que não há discurso senão contextualizado.

- **O discurso é assumido por um sujeito:** o discurso remete a um sujeito (EU) que se coloca como fonte de referências e ao mesmo tempo indica que atitude está tomando diante daquilo que afirma e diante de seu receptor.

- **O discurso é regido por normas:** cada ato de linguagem implica normas particulares. Nenhum ato de linguagem pode efetuar-se sem justificar, de uma maneira ou de outra, seu direito de apresentar-se da forma como se apresenta.

- **O discurso é considerado no bojo de um interdiscurso:** o discurso só adquire sentido no interior de outros discursos. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a vários outros.

Maingueneau (2002) ainda postula que, para que o discurso se efetive, é necessário que haja um suporte para sua manifestação material. E, dependendo do tipo de suporte adotado, isso imprime certo conteúdo aos aspectos do discurso e também comanda os usos que dele podemos fazer. Portanto, torna-se importante refletir sobre as especificidades inerentes ao meio escolhido para transportar determinada mensagem.

Uma mudança no meio transmissor pode modificar totalmente o conjunto de características de um gênero do discurso, pois “[...] o escrito não é uma mera representação do oral, nem o impresso uma simples multiplicação do escrito. Oral, escrito e impresso são *regimes* de enunciação distintos, que supõem civilizações muito diferentes.” (MAINGUENEAU, 2002, p. 79, grifos do autor)

No que diz respeito ao texto escrito – área de interesse desta pesquisa – Maingueneau (2002, p. 79) discute algumas de suas propriedades mais evidentes. Conforme o autor, o texto escrito pode circular longe da sua origem, então, quem escreve não é capaz de prever o destinatário real de seu texto; desse modo, é obrigado a estruturá-lo de maneira compreensível a quem quer que seja seu leitor. Além disso, é lícito dizer que se estabelece uma distância entre destinatário e texto, o que permite espaço para análises ou comentários, que colaboram com a interpretação do leitor. E, por fim, há que se considerar que o texto escrito pode ser recopiado ou arquivado, o que permite comparação de um com outros textos.

Finaliza-se esta exposição acrescentando que “[...] o ato de imprimir acentua profundamente os efeitos da escritura. Oferecendo a possibilidade de imprimir um número considerável de textos, [...], é conferida uma autonomia ainda maior aos leitores [...]” (MAINGUENEAU, 2002, p. 80).

Todas as considerações aqui expostas visam, sem dúvida, à solidificação da ideia de que o ato de comunicação pressupõe uma interação de um emissor e um destinatário. Em relação a isso, Charaudeau (2009, p. 67) pontua que se deve representar “[...] o ato de

comunicação como um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever), em relação a outro parceiro (o interlocutor).” (grifos do autor)

O teórico francês apresenta, portanto, alguns componentes envolvidos nesse ‘dispositivo’ que é o ato de comunicação. Citam-se abaixo tais componentes, de acordo com a enumeração proposta por Charaudeau (2009, p. 68):

- a **situação de comunicação** em si, que constitui o enquadre físico e mental no qual se acham os parceiros, que são determinados por uma identidade e ligados por um contrato de comunicação;

- os **modos de organização** do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do enunciador;

- a **língua**, que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem forma e sentido;

- o **texto**, que representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou não) feitas pelo sujeito enunciador dentre as categorias da língua e os modos de organização do discurso, em função das regras impostas pela situação;

Organizar com maestria todos esses componentes é fundamental para que se efetive a comunicação, afinal “comunicar é proceder a uma encenação [...] o texto utiliza componentes do dispositivo de comunicação para produzir efeitos de sentido em um público imaginado pelo sujeito enunciador.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 68)

No que diz respeito à atividade de análise e interpretação dos atos de linguagem, vale registrar a contribuição de Charaudeau (2009). Ele acredita que, para um trabalho de elucidação, é necessária uma tentativa de descrição das representações coletivas que uma sociedade constrói. Trata-se de lidar com ‘possíveis interpretativos’, que, via de regra, são sugeridos pelo contexto, nunca pelo dicionário.

Em relação aos ‘possíveis interpretativos’, acrescenta-se a importância de se ter em mente que os sujeitos pertencem a grupos sociais e detêm representações languageiras de suas experiências, construídas através de elementos languageiros, semânticos e formais, em várias formas de organização. Esses elementos constituem um instrumento que serve para interrogar o texto fazendo surgir os possíveis interpretativos.

Termina-se esta exposição visitando novamente a obra de Charaudeau (2009) e tomando emprestadas as ideias do autor quanto aos procedimentos indispensáveis quando da análise de um ato de linguagem:

Analisar um texto não é nem pretender dar conta apenas do ponto de vista do sujeito comunicante, nem ser obrigado a só poder dar conta do sujeito interpretante. Deve-

se, sim, dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação. O sujeito analisante está em uma posição de coletor de pontos de vista interpretativos e, por meio da comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado. (CHARAUDEAU, 2009, p. 62,63, grifos do autor)

Dar conta dos ‘possíveis interpretativos’ durante o trabalho de análise do *corpus* é, pois, um dos principais objetivos desta pesquisa.

1.2 Notícia: um gênero do discurso

As notícias constituem um dos principais pontos de partida desta pesquisa, pois quase a totalidade dos neologismos selecionados como *corpus* para análise figurava em notícias publicadas na mídia impressa, – à exceção de alguns poucos exemplos coletados em crônicas. Desse modo, importa pensar que as notícias, como todo enunciado linguístico, caracterizam uma atividade de comunicação que pressupõe uma intencionalidade e possui um objetivo previamente definido. Assim, de acordo com esse ponto de partida da produção do texto, que é a intencionalidade, e o ponto de chegada, que é a finalidade, cada texto irá adquirir características peculiares. A apreensão do conjunto de características de um determinado texto é o reconhecimento de um modelo da ação humana a que se denomina gênero do discurso. Aqui, serão retomadas e discutidas algumas considerações sobre o conceito de gênero, seguindo as orientações de Bakhtin (1992), e apresentados alguns aspectos das notícias que delimitam seu perfil textual.

As atividades comunicativas às quais os seres humanos estão expostos a todo momento se utilizam principalmente da língua como matéria-prima; é a língua que lhes dá forma e suporte, permitindo a efetiva comunicação. Há outras formas de linguagem que também transmitem mensagens: fotografias, desenhos, símbolos etc. No entanto, a maioria dos enunciados que circula no dia a dia se constrói a partir da língua. Segundo Bakhtin (1992),

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados quanto as próprias esferas da atividade humana. (BAKHTIN, 1992, p. 279)

Devido a esse caráter infinito e heterogêneo das atividades sociais do homem, é natural que o suporte às atividades, que é a língua, deva ser entendido como um processo passível de múltiplas maneiras de realização. São a intencionalidade e a finalidade específicas a cada ação humana que definem o modo de realização de um enunciado linguístico. Já se sabe que a estas diferentes formas de incidência dos enunciados, Bakhtin (1992) denomina **gêneros do discurso**.

Segundo o autor, os enunciados linguísticos ocorrem de maneira diferenciada, porém peculiar a cada área de atividade: “Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 277). Essa relativa estabilidade, que é inerente a um dado gênero, deve ser compreendida como algo passível de alteração, aprimoramento ou expansão.

Em se tratando da linguagem como atividade verbal – tema que se propõe analisar neste trabalho – modificações podem ocorrer em função de desenvolvimento social, influência de outras culturas ou de outros tantos fatores com que a língua tem relação direta, inclusive o próprio passar do tempo. Então, não obstante exista em cada gênero uma estrutura preconcebida, não se pode dizer que tal estrutura não admita transformações.

Com relação a esse modelo predeterminado, é possível perceber que as notícias são textos de tamanho médio, cuja intenção primordial é informar. Há sempre um título que sintetiza o conteúdo a ser noticiado. Essa é a estrutura básica desse tipo de texto. Contudo, tal modelo ou formato pode sofrer alteração: há textos de tamanho um pouco maior, outros menores.

Outra questão pertinente ao estudo dos gêneros do discurso baseia-se na impossibilidade de se definirem, quantitativamente, os gêneros. Afinal, as atividades humanas são inesgotáveis e estão em constante processo de crescimento ou transformação. Como produto dessas atividades, os gêneros também se diferenciam e se ampliam. É o uso que acarreta a possibilidade de transformação.

Deve-se, pois, considerar o gênero como um meio social de produção e de recepção do discurso. Para classificar determinado enunciado como pertencente a dado gênero, é necessário que se verifiquem suas condições de produção, circulação e recepção. E, ainda, é de extrema relevância reconhecer que o gênero, como fenômeno social, só existe em determinada situação comunicativa e sócio-histórica. Caso sejam modificadas tais condições, é possível que um mesmo enunciado passe a pertencer a outro gênero.

No caso das notícias de jornal ou revista, é preciso levar em conta que se trata de um texto jornalístico, de publicação diária ou semanal, que exige todo um processo peculiar de

produção: definição do conteúdo principal, elaboração do texto e diagramação. Assim, uma vez modificado esse modelo de concepção do texto, é possível que haja alteração ou modificação do gênero. No caso desta pesquisa, cabe ressaltar que as notícias analisadas são atuais e recentes, o que já delinea o momento sócio-histórico de sua produção.

Com relação à recepção, que se entende como a relação do ouvinte com o enunciado, pode-se inferir que haja uma expectativa de obtenção de informação, de forma clara e completa, visto que é um texto publicado na mídia impressa.

Um gênero do discurso é parte de um repertório de formas disponíveis no movimento de linguagem e comunicação de uma sociedade. Nesse sentido, não deixa de ser redundante concluir que cada um dos gêneros discursivos só existe relacionado à sociedade que o utiliza. Ademais, indissociável da sociedade e disponível em sua memória linguística, o domínio de um gênero permite ao falante prever quadros de sentidos e comportamentos nas diferentes situações de comunicação com as quais se depara. Conhecer determinado gênero significa ser capaz de prever regras de conduta, seleção vocabular e estrutura de composição, porquanto é a competência sociocomunicativa dos falantes que os leva à detecção do que é ou não adequado em cada prática social. E ainda, quanto mais competente – e experiente – for o indivíduo, mais proficiente ele será na diferenciação de determinados gêneros e na facilidade de reconhecimento das estruturas formais e de sentido que o compõem.

A vivência das situações de comunicação e o contato com os diferentes gêneros que surgem na vida cotidiana exercitam a competência linguística do falante/ouvinte produtor de enunciados. A saber: competência linguística é um conceito aprofundado, que possui certa complexidade, mas que aqui será recortado no sentido de que todos são aptos e têm uma estrutura interna que, aliada ao social, faz com que consigam, perante determinada estrutura e contexto, definir a que categoria um dado enunciado pertence. Essa competência é inerente ao ser humano social, que interage, comunica, cria e recria. Na medida em que um indivíduo avança em grau de escolaridade, ele tende a tornar-se linguisticamente cada vez mais proficiente. Da mesma maneira, experiência de vida, conhecimento de mundo e cultura geral fazem-no evoluir na operacionalização de variadas categorias textuais.

Sendo assim, é fundamental perceber o gênero como um produto social e, como tal, é heterogêneo, variado e suscetível a mudanças. Devido a essa extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, resultado da infinidade de relações sociais que se apresenta na vida humana, Bakhtin (1992) optou por dividi-los em dois tipos: **gênero primário** (simples) e **gênero secundário** (complexo) e assim o autor justifica sua opção:

A distinção entre os gêneros primários e secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais. (BAKHTIN, 1992, p. 283)

Bakhtin (1992) considera os chamados gêneros primários como aqueles que emanam das situações de comunicação verbal espontâneas, não elaboradas. Pela informalidade e espontaneidade, diz-se que nos gêneros primários há um uso mais imediato da linguagem (entre dois interlocutores há uma comunicação imediata). Essa **imediatização** da linguagem é perceptível nos enunciados da vida cotidiana: na linguagem oral, diálogos com a família, reuniões de amigos etc.

Os gêneros secundários, por sua vez, exigem um meio para que sejam configurados – normalmente a escrita. Logo, se há meio, diz-se que há uma relação mediata, uma **instrumentalização** com a linguagem. O gênero funciona então como instrumento, uma forma de uso mais elaborada da linguagem para construir uma ação verbal em situações de comunicação mais complexas e relativamente mais evoluídas: artística, cultural, política. Esses gêneros chamados mais complexos absorvem e modificam os gêneros primários, que, “[...] ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]”. (BAKHHTIN, 1992, 281)

Os textos noticiosos do jornalismo são um exemplo de gênero secundário por conta da complexidade de seu processo de produção: seleção, planejamento, diagramação e elaboração do texto. A relação com a linguagem é mediata, ou seja, o gênero é um meio, um instrumento para a realização da situação comunicativa, embora se observe que, eventualmente, para fins expressivos, o texto das notícias pode operar uma intencional aproximação com a linguagem imediata, observada, entre outros fatores, no uso de coloquialismos e na criação de neologismos.

Observa-se também certa estabilidade no texto noticioso, que define **o que** e **como** se deve dizer. Também se nota uma espécie de paradigma de estruturação e acabamento textual e formal, que estabelece uma relação específica com os outros participantes da troca verbal existente na leitura de um jornal. Por conseguinte, o gênero que focalizamos neste trabalho – tanto quanto qualquer gênero do discurso – tem uma estrutura definida por sua função e é caracterizado pelo plano comunicacional.

A ação discursiva que caracteriza as notícias se dá em uma situação definida: um enunciadador, que é o jornalista, ao escrever seu texto, procede a uma ação discursiva orientada

por uma série de critérios: elaborar textos claros, focar aspectos relevantes, priorizar a informatividade, sintetizar o conteúdo, incluir fotografias, selecionar títulos interessantes e chamativos. O resultado dessa ação discursiva orientada por tantos parâmetros preestabelecidos é um instrumento através do qual se realiza a comunicação com o leitor: as notícias, um gênero do discurso.

Assim, pode-se verificar que a escolha do gênero no momento de sua criação – bem como a futura caracterização do mesmo – se dá em função da definição dos parâmetros da situação que norteiam a ação, havendo uma relação entre meio e fim que é a estrutura de base da atividade mediada.

A fim de descrever o gênero notícias, há ainda um último item que deve ser analisado. É algo que diz respeito aos elementos fundamentais que configuram um gênero: o conteúdo temático, o plano composicional e o estilo. Considera-se, ainda, que as três características aqui arroladas como principais nada representam se o enunciado não for analisado levando-se em consideração todo seu contexto. Em outros termos: os enunciados pertencem a determinada esfera da atividade humana, são devidamente localizados em um tempo e espaço (condição sócio-histórica) e dependem de um conjunto de participantes e suas vontades enunciativas ou intenções. Essas três características que definem um gênero – plano composicional, estilo verbal e conteúdo temático – “[...] fundem-se no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1992, p. 277).

Com relação ao plano composicional, que diz respeito à estrutura, alguns aspectos das referidas notícias são fundamentais para defini-las como gênero específico, como, por exemplo, a diferença entre o texto noticioso e o texto narrativo – que será abordada no próximo item deste mesmo capítulo.

Quanto ao conteúdo temático, a palavra ‘notícia’, por si só, já o evidencia: os textos noticiosos versam sobre assuntos que estão em voga no momento, notícias das mais variadas áreas de interesse: política, economia, televisão, turismo, moda, amor, esportes, ecologia, criminalidade etc.; enfim, tudo aquilo que colabore com a intenção primordial, que é de fornecer informação.

A última característica proposta por Bakhtin (1992) para descrever um gênero seria o estilo. Considerações sobre esse aspecto serão apresentadas, também, no próximo item, que tratará da enumeração das características do texto noticioso. O objetivo, nesta seção da pesquisa, foi fornecer uma descrição prévia do gênero textual escolhido para análise.

Para justificar a pertinência e relevância de um estudo centrado na noção de gêneros do

discurso, recorre-se novamente às ideias de Bakhtin (1992):

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da linguística e da filosofia. Isto porque um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto [...] lida inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação [...] É deles que os pesquisadores extraem os fatos da língua de que necessitam. Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica (BAKHTIN, 1992, p. 282)

Desse modo, reitera-se que ignorar a natureza do enunciado – e as particularidades inerentes ao gênero do discurso – resulta em uma incompletude em qualquer estudo, visto que é inegável a relação entre a língua em uso e a vida em sociedade.

1.3 O texto noticioso: planejamento, informação e criatividade

Uma vez definido que as notícias constituem um gênero do discurso, cabe apresentar algumas de suas características principais. Nesse sentido, vale refletir sobre os aspectos mais importantes no processo de produção dessas notícias, para, assim, chegar a considerações sobre a utilização da linguagem e sobre a possibilidade do aparecimento da criatividade do jornalista, que tem estreita relação ao tema que é mais caro a esta pesquisa: a criação de novos itens lexicais.

Esclarece-se, por relevante, que, ao serem delineadas as características das notícias, optou-se por desconsiderar as diferenças entre as notícias publicadas em jornal e em revista – que são os dois veículos de comunicação escolhidos para compor o *corpus* desta pesquisa. Apesar das considerações de Maingueneau (2002), que apontam para a importância do ‘suporte material’ no estudo dos gêneros textuais, acredita-se aqui na importância de se definirem as características gerais dos **textos noticiosos**; entende-se, assim, que tais características englobam ambos os tipos de mídia impressa. Não há, pois, necessidade de se discutirem peculiaridades referentes a cada tipo específico de publicação, pois o aprofundamento deste estudo não é o objetivo deste trabalho.

Quando o assunto é a elaboração de uma notícia, o primeiro passo a ser seguido é, sem dúvida, a seleção do conteúdo, ou seja, a definição do acontecimento a ser noticiado. O que,

de fato, deve se prestar a ser alvo de uma notícia? Certamente, algo que seja de interesse do leitor. Afinal, a mídia impressa é, antes de tudo, um produto elaborado para comercialização que circula em um mercado competitivo em que não existe nenhuma garantia entre emissor e receptor; é dada ao segundo, inclusive, a possibilidade de, a qualquer momento, mudar seu canal de informação (trocando de jornal ou de revista, por exemplo). Portanto, os veículos transmissores de notícia precisam estar a todo tempo investindo na qualidade e no ineditismo das notícias, para que seu público leitor mantenha o interesse no conteúdo da leitura, sendo-lhe, portanto, fiel.

No *Manual de Redação e Estilo* de O Globo, que se pretende uma obra para consulta sobre como escrever de maneira correta e clara na imprensa, não faltam considerações sobre o trabalho de seleção e planejamento de um repórter antes de começar a escrever. Trata-se daquilo que no *Manual* é chamado de ‘pauta’. A pauta é uma etapa fundamental na construção de uma notícia, é nesse momento que se define o fato a ser noticiado e se estudam as melhores fontes a serem consultadas e investigadas bem como as melhores formas para a apresentação da informação.

De acordo com O Globo (1992, p. 9), a pauta pode ser “[...] um ponto de partida; cabe ao repórter desenvolvê-la no limite de suas possibilidades [...]”, pois ela é “[...] fundamental para a organização do trabalho de cada dia; nela estão a memória e a imaginação do jornal”.

Berger (2002) acrescenta que, além de uma boa seleção do conteúdo a ser noticiado, pode ser interessante pensar, como critério de passagem de um acontecimento à notícia, o espaço que ele virá a ocupar numa página: o assunto deve *caber* no espaço que lhe é destinado. Entretanto, mais interessante ainda é o outro sentido de *caber*, pois o acontecimento deve ser compatível com a ‘estrutura editorial’, ou seja ‘caber’, também, na ideologia do jornal. Não se deve esquecer que uma notícia é um produto (como qualquer outro) destinado à comercialização. De acordo com a autora:

Acrescentamos a aprovação do anunciante e a apreciação do leitor para completar o círculo que ajuda a definir a noticiabilidade e, assim, a natureza da imprensa. A questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje que ‘caiba’ (nos dois sentidos) no meu jornal, que conquiste leitores e não se confronte com os que o sustentam economicamente. (BERGER, 2002, p. 274)

Mas, afinal, o que define uma notícia?

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como *o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante*. Essa definição pode

ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. (LAGE, 1993, p. 16, grifo do autor)

O texto narrativo caracteriza-se pela organização de eventos em sequências, de modo que o primeiro antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante: são registrados na mesma ordem cronológica em que teriam ocorrido. Contudo, na notícia, essa ordem não precisa ser necessariamente respeitada. Daí a afirmativa de que os acontecimentos, nas notícias, são expostos e não narrados.

Ao se noticiar determinado fato, os eventos que o cercam estarão ordenados “[...] não por sua sequência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve.” (LAGE, 1993, p. 17). O texto noticioso é, pois, uma forma de narração com um modo próprio de organização, em que se priorizam, sempre, os aspectos ligados ao interesse e à compreensão daquele que lê.

O modelo de notícia mais evidente nos maiores jornais brasileiros, difundido pelos americanos, e comum desde meados do século XX, está centrado no leitor: quer mostrar-se claro e o mais esclarecedor possível a quem lê. É um texto marcado pela objetividade. Hierarquiza informações, destacando aspectos principais ou interessantes de um fato, seguindo-se complementos de interesse secundário, até chegar a detalhes passíveis de supressão, no caso de falta de espaço na página. (FARIA; ZANCHETTA, 2012, p. 42)

Antes de escrever um texto jornalístico, o redator tem uma história. A partir daí, ele deve destacar os elementos que são fundamentais para compor o quadro geral: os agentes, as vítimas, as ações etc. Constitui-se, assim, uma nova ordem para a história, em que grande parte da sequência temporal costuma ser suprimida.

Epstein (2004) também enumera alguns aspectos inerentes à produção dos textos noticiosos. Em primeiro lugar, o autor sinaliza que, apesar das semelhanças verificadas, uma notícia não é uma história, pois lida com eventos isolados e não busca encadeamento nem ligação entre eles. Em segundo, Epstein (2004) destaca que a notícia, como conhecimento, pertence sempre ao tempo presente: a efemeridade é, pois, a principal característica dos fatos noticiados. Qualquer evento cessa de ser notícia tão logo tenha cessado o efeito novidade gerador da tensão que provoca o interesse do público.

Além disso, há outros fatores que se incluem na conceituação de uma notícia. Epstein (2004) elenca, por exemplo, a **atualidade**, a **proximidade** e a **consequência**, como aspectos fundamentais para que um evento se torne matéria de divulgação. Um fato ocorrido há tempos, em um local distante e desconhecido e cujos efeitos não serão sentidos pelo público a

que se destina determinado periódico dificilmente lhe interessará. Logo, entende-se que o fato deve ser atual, deve ter ocorrido em área geograficamente próxima e deve ser socialmente relevante, para que seja alvo de uma notícia.

Sabe-se também que, em se tratando de mídia impressa, a rapidez é outro aspecto primordial a ser observado pelo jornalista. No entanto, apesar da necessidade de imediatismo, não se pode prescindir da boa qualidade redacional do texto. O repórter escreve em nome do jornal, ele é responsável pela correção gramatical e pela clareza de seu texto, então, a qualquer velocidade que o faça, exige-se do repórter: “[...] exatidão (para não enganar o leitor), clareza (para que ele entenda o que lê) e concisão (para não desperdiçar nem o tempo dele nem o espaço no jornal).” (O GLOBO, 1992, p. 15)

É claro que se espera que o bom jornalista vá muito além disso. Em muitas seções do jornal ou da revista há espaço para a qualidade literária ou para a criatividade e expressividade. Nesse caso, espera-se que o redator não desperdice essa oportunidade, pois esse pode ser um diferencial para atrair o interesse do leitor. O jornalismo é tão cheio de oferecimentos, que cabe ao leitor um trabalho de seleção: ele passa os olhos pelos conteúdos noticiados e elege aquilo que sente ser importante e o que lhe aguça a curiosidade.

Dessa forma, fazer um bom trabalho de planejamento e seleção de conteúdos aliando isso à arte de manejar com maestria o material linguístico de modo a redigir uma mensagem expressiva pode ser uma garantia de conquistar o público leitor.

Não se pode nunca perder de vista o fato de que uma notícia é um produto industrial. Assim, o jornalista responsável por redigir uma notícia – assim como todos os outros profissionais envolvidos no processo de produção de um trabalho da mídia impressa, como os fotógrafos, os projetistas gráficos – é um trabalhador de uma indústria de prestação de serviços que pretende fazer chegar à sociedade conteúdos alheios à feitura do veículo em si: fatos políticos, econômicos, sociais, científicos etc. O objetivo dessa comunicação é, pois, que o leitor se motive pelo acontecimento, entenda exatamente o que se passou e tenha condições de formar opinião a respeito.

Para o alcance desse objetivo, a notícia deve ser bem escrita. A clareza é um dos aspectos fundamentais para que se obtenha êxito nesse quesito. Além disso, a própria diagramação de uma notícia colabora para que ela seja capaz de despertar o interesse do leitor-consumidor. Um exemplo disso é o fato de que revistas ilustradas e alguns magazines costumam variar o desenho das letras nos títulos principais, tal estratégia teria o objetivo de provocar certa correspondência entre assuntos e formas, conforme explica Lage (1985)

Um texto sobre um caso de amor virá provavelmente com o título em letra *cursiva*, imitando a caligrafia; uma reportagem sobre computadores ou viagens espaciais terá o título em letras digitais; uma entrevista política, em letras *romanas*; matéria de impacto, em *helvéticas*. (LAGE, 1985, p. 18/19, grifos do autor)

Trata-se de mais uma estratégia para representação do real naquilo que se noticia, de modo que o leitor sintá-se motivado a ter conhecimento dessa informação e, portanto, leia a notícia. Chega-se, pois, à área de maior interesse desta pesquisa: a redação da notícia. Cabe, agora, tecer algumas considerações sobre o texto jornalístico e a linguagem utilizada. Que escolhas lexicais são feitas pelos redatores? Qual o registro linguístico adotado? E quais seriam os motivos para essas opções?

Já se ressaltou a importância de se considerar o jornalismo como uma indústria. Fica claro, pois, que o interesse mercadológico capitalista está sempre em primeiro lugar. Assim, o alcance dos objetivos informacionais tem relação direta com a conquista e manutenção do público leitor.

Lage (1985) postula que

[...] a produção de textos pressupõe restrições do código linguístico. A redução do número de itens léxicos (palavras, expressões) e de regras operacionais postas em jogo não apenas facilita o trabalho [...], mas também permite o controle de qualidade. (LAGE, 1985, p. 35)

Nesse sentido, o autor compara o jornalismo à literatura, considerando que esta também não escapa de tais restrições, uma vez que, em certo momento, já dispuseram sobre métricas e rimas em um soneto, por exemplo, e, em momento posterior, a poesia moderna prescindiu totalmente de tais aspectos. No entanto, deve-se salientar que

O jornalismo não é um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente que na literatura. (LAGE, 1985, p. 35)

Não obstante a diferença explicitada entre o jornalismo e a literatura, há de se esclarecer que, em muitas situações pede-se ao jornalista que seja bom artesão, competente, aplicado, honesto. Em outras, há espaço para a qualidade literária, e será imperdoável desperdiçar a oportunidade. E, no terreno do apuro literário, é difícil prever regras e fórmulas, caberá somente ao jornalista-escritor o manejo da língua (sua matéria-prima) no caminho das

significações e expressividades várias, alcançando, assim, singularidade na redação, o que pode lhe garantir o apreço e, conseqüentemente, a fidelidade do público.

É de se ressaltar, ainda, que o texto jornalístico procura conter informação variada, por isso, não pode limitar sua descrição com pobreza vocabular, porque, desse modo, não há como dar conta da variedade de situações encontradas no dia a dia e no mundo real, que são alvo das notícias na mídia impressa. Salienta-se, portanto, a importância de o jornalista dominar o vocabulário da língua. “Não se trata de tirar do baú o polissílabo desconhecido, mas de procurar a palavra que melhor descreve uma situação, cena ou episódio”. (O GLOBO, 1992, p. 18)

Por outro lado, o texto jornalístico deve ser elegante – e não há elegância sem simplicidade, o que justifica a necessidade de se ter bom senso. O vocabulário deve, sim, ser rico e diversificado, entretanto, não se deve perder de vista o objetivo principal, que é a assimilação do texto por parte do leitor. Em se tratando de um veículo de mídia que circula livremente pela grande massa populacional, a linguagem deve se ajustar para estar ao alcance da compreensão por todo tipo de leitor.

Observa-se, ainda, a existência de algumas estratégias redacionais que podem fazer o texto noticioso fugir da banalidade sem perder seu aspecto informativo. A utilização (comedida) da linguagem figurada, por exemplo, é uma dessas estratégias. Comparação e metáfora são recursos de estilo que enriquecem o texto. É preciso, no entanto, ter cuidado. Ao escolher formas inventivas de dar ao leitor ideia de alguma coisa, bom senso é indispensável.

Levando em conta que a língua nacional não é um conjunto homogêneo, na produção de um texto jornalístico deve importar, em primeiro lugar, a escolha do registro linguístico a ser utilizado: o registro formal ou o registro coloquial?

Antes de definir um ou outro registro para o texto jornalístico, cabe retomar algumas observações sobre os objetivos da circulação de notícias na mídia impressa. A intenção primordial é informar; portanto, esse é o compromisso maior de um veículo de mídia: o compromisso com a informação e com a compreensão desta por parte do leitor, afinal, como qualquer prática de interação através da língua, o texto noticioso pressupõe dois interlocutores: o emissor e o receptor.

Sob o ponto de vista da compreensão da informação, que garantiria a eficiência da comunicação, o registro coloquial seria preferível, pois é o registro acessível a todas as pessoas, independentemente do grau de escolaridade. Contudo, a utilização do registro formal caracteriza prestígio; desse modo, ela é imposta por razões políticas e pela própria pressão

social, já que usar o registro formal valoriza o veículo de comunicação, conferindo-lhe seriedade e credibilidade.

Segundo Lage (1985),

[...] a conciliação desses dois interesses – de uma comunicação eficiente e de aceitação social – resulta na restrição fundamental a que está sujeita a linguagem jornalística: ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são *possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal*. (LAGE, 1985, p. 38, grifos do autor)

O registro formal é, de modo geral, o que predomina em textos escritos. É natural, portanto, que as notícias, na mídia impressa, sejam redigidas prioritariamente nessa modalidade. Lage (2005, p. 126) observa que a utilização dessa modalidade permite que toda comunidade linguística que frequentou a escola tenha acesso ao conteúdo do texto, garantindo-lhes o acesso à informação ali presente.

Por outro lado, atualmente existe uma tendência à flexibilização quanto ao uso da formalidade, seja por razões de expressividade ou por necessidade informacional, por isso não é de espantar que se verifiquem construções coloquiais em meio aos textos das notícias. Ou até mesmo (e sobretudo) nos títulos que os introduzem.

Sendo, pois, **uma interface entre o registro culto e o coloquial**, a linguagem do texto jornalístico pode incorporar algumas inovações (como a utilização de neologismos ou de linguagem conotativa). Tais inovações, quando de emprego muito incomum, poderiam se fazer acompanhar de destaques gráficos, como aspas, e acompanhadas de explicações.

Quanto à seleção lexical para a redação de uma notícia, Lages (2005, p. 129 a 134) elenca algumas sugestões apontando termos que usualmente se utilizam (ou não) para redigir um texto em linguagem jornalística. Apresentam-se resumidamente algumas dessas sugestões:

1. Usar palavras de fácil compreensão. Por exemplo, preferir **corajoso** a **intimorato**.
2. Evitar expressões preconceituosas, como **bicha**, **sapatão**.
3. Criar neologismos necessários, sobretudo no plano político: **peemedebista**, **ficha-suja**.
4. Não empregar termos subjetivos, como **sensacional**, **notável**.
5. Evitar advérbios modalizadores, como **provavelmente**, **certamente**.
6. Usar a 3ª pessoa.
7. Ter cuidado com expressões ambíguas.

Um dos aspectos que mais chama a atenção quando se lê uma notícia é o seu título. Não se pode prescindir de traçar algumas considerações sobre as características dos títulos das notícias, sobretudo porque a maioria dos termos constantes do *corpus* desta pesquisa foram palavras encontradas em títulos de notícias.

A característica mais evidente dos títulos é o seu destaque em relação ao texto das notícias. Sejam títulos de notícias de jornais ou revistas, tal característica não se modifica. Na maioria dos casos, os títulos se posicionam logo acima da referida notícia, ocupando uma posição central de destaque, com a função evidente de chamar atenção do leitor, antecipando a informação mais importante ou mais recente sobre o assunto que se noticia. Faria & Zanchetta (2012) ensinam que os títulos

[...] chamam a atenção do leitor, antecipando a informação considerada pelo jornal mais importante ou interessante, ou, ainda, mais recente sobre um determinado episódio em andamento. Do ponto de vista linguístico, trata-se de uma *macroproposição semântica*, isto é, o título porta uma ideia em princípio considerada a mais abrangente sobre o assunto reportado. (FARIA; ZANCHETTA, 2012, p. 26, grifo dos autores)

Os autores apontam, ainda, que os títulos são também responsáveis por ativar e criar no leitor expectativas sobre o que será noticiado, impelindo-o a prosseguir com a leitura de determinada matéria. Ademais, há de se levar em conta a exigência mercadológica de superação da concorrência: a necessidade de conquistar o leitor torna-se, nesse sentido, um dos aspectos mais importantes na elaboração de um título atraente e interessante, que não se furte, contudo, à antecipação de conteúdo.

Nas palavras de Faria e Zanchetta (2012):

Em função da concorrência com outros meios, os jornais procuram tornar seus títulos atraentes, unindo densidade de informação e originalidade. Em boa parte apoiados no episódio em si, nas fotos e outros elementos disponíveis, além da composição gráfica, os títulos buscam a individualização, isto é, tendem a ganhar vida própria. Tornam-se pulsantes, pois são um dos fatores mais visíveis para chamar a atenção do leitor. (FARIA; ZANCHETTA, 2012, p. 42)

Seja nos títulos ou na própria construção do texto noticioso, a proficiência na escrita é um grande diferencial para um jornalista, afinal, “[...] escrever bem é tão fundamental para o jornalista quanto apurar bem: de que vale a notícia cuja apresentação não a faz lida, compreendida, apreciada?” (O GLOBO, 1992, p. 16).

2 LÉXICO E NEOLOGISMO

O surgimento dos neologismos tem relação direta com o domínio do léxico, capacidade inerente a todos os usuários da língua. Por esse motivo, no presente capítulo, discute-se o conceito de léxico e a estreita relação entre a competência lexical, a vida em sociedade e a renovação do idioma.

2.1 Palavra e Léxico

Pensamento e expressão são interdependentes, tanto é certo que as palavras são o revestimento das ideias é que, sem elas, é praticamente impossível pensar.

Othon M. Garcia

Antes de se definir o que se entende por **léxico**, é importante refletir um pouco sobre o conceito – nada fácil – de **palavra**. Pode-se dizer, em uma visão simplista, que a palavra é a realização concreta, escrita e sonora da língua, é o objeto resultante da necessidade de designação do mundo, é a parte principal do mecanismo através do qual os indivíduos se comunicam e interagem: a língua.

Sabe-se que a língua é um produto social, uma forma de expressão de linguagem particular do ser humano, que o diferencia e individualiza. A palavra nomeia, qualifica, distingue, portanto é um elemento fundamental na comunicação humana. A palavra é, naturalmente, a representação do mundo exterior, a expressão do pensamento e a via de comunicação com o outro.

Na tentativa de oferecer uma discussão sobre essa potencialidade de expressar e representar, recorreu-se às ideias de Saussure (1961), um grande mestre nos estudos linguísticos. De acordo com esse autor, a língua deve ser considerada em seus dois planos de realização: a língua e a fala. Historicamente, a fala vem antes, afinal é a partir da associação surgida em um ato de fala que uma ideia se associa a uma imagem mental. Desse modo,

[...] é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência entre da língua e da fala, aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta [...] A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro. (SAUSSURE, 1961, p. 27).

Os ‘sinais’ que se somam e se depositam na memória linguística de cada indivíduo são as palavras, os ‘signos linguísticos’. No entanto, o autor não se furta a refletir que, assumindo a concepção reduzida de que a língua é um conjunto de termos, automaticamente se supõe que o vínculo que atribui um nome a um objeto seria uma operação simples, quando não o é. Essa dificuldade assinala uma das características da palavra para Saussure (1961): a arbitrariedade.

Na visão saussuriana, a palavra deve ser entendida como um ‘signo linguístico’, divisível em dois componentes fundamentais: o **significante** e o **significado**. Ao significante refere-se o dado concreto, a realização gráfica (ou sonora) da palavra. O significante corresponderia à representação mental que se tem a partir da materialização gráfica.

Em relação a essa dicotomia saussuriana, Henriques (2011) analisa que

[...] o significante tem uma face acústica e tem uma face gráfica. O significado [...] é imaterial, precisa ser explicado. Sem o significado, o significante parece uma palavra fantasma, vazia, perdida. Sem o significante, o significado parece uma sombra em busca de um corpo. (HENRIQUES, 2011, p. 10)

Entretanto, não somente com essas duas faces das palavras preocupava-se Saussure (1961). O autor apontava também para a dificuldade de delimitação das unidades lexicais, já que nem sempre os signos linguísticos podem ser equiparados aos signos visuais, visto que “a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão dos quais bastasse estudar as significações e a disposição” (SAUSSURE, 1961, p.120).

Dessa maneira, o autor conclui que

[...] a unidade não tem nenhum caráter fônico especial e a única definição que dela pode se dar é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de certo conceito.* (SAUSSURE, 1961, p. 120, grifos do autor)

Outro conceituado teórico da língua portuguesa cujas ideias são indispensáveis para a discussão do conceito de palavra é Mattoso Camara Junior. O estudioso usa o termo ‘vocábulo’ em lugar de ‘palavra’ e diz:

Não há dúvida de que o vocábulo é em regra, nas línguas do mundo, uma realidade linguística, quer do ponto de vista do efeito vocal (fonológico), quer das

características da forma (morfológicas), quer da significação que transmite (semântica). (CAMARA JUNIOR, 1970, p. 12)

Além de compreender a palavra sob esses três importantes aspectos, o autor propõe uma divisão que as enquadra em dois grupos distintos: os **vocábulo fonológicos** e os **vocábulo formais**.

No grupo dos **vocábulo fonológicos**, estariam todos aqueles que se submetem a um acento. O acento, em português, tem duas funções: a função distintiva e a delimitativa. A função distintiva importa porque o acento em português “[...] serve pela sua posição a distinguir palavras, como em *jaca* (uma fruta brasileira) e *jacá* (uma espécie de cesto).” (CAMARA JUNIOR, 1970, p. 54). Já a função delimitativa tem relevância especialmente no Brasil, já que, na segmentação das palavras, muitas vezes, “[...] falta o fenômeno da ‘juntura’, ou seja, uma marca fonológica que indique, independentemente de qualquer pausa, uma delimitação entre vocábulo na corrente da fala.” (CAMARA JUNIOR, 1970, p. 52).

Em relação ao fato de haver uma ‘pausa’ entre um vocábulo e outro, o autor afirma que isso “[...] só auxilia a delimitação do vocábulo na circunstância muito relativa de que, de um grupo de força a outro, é preciso chegar ao fim de um vocábulo para haver pausa” (CAMARA JUNIOR, 1970, p. 55), sendo, entretanto, um critério muito insuficiente. É presença de um acento que assinala, pois, a existência de um vocábulo fonológico.

Bechara (2015) compartilha das ideias de Camara Junior (1970) no que diz respeito à importância do acento tônico na significação das palavras. Diz o gramático:

O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de erudita; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo saber; *sabiá* é substantivo designativo de um conhecido pássaro. (BECHARA, 2015, p. 89, grifos do autor)

Voltando ao outro grupo da divisão proposta por Camara Junior (1970), o grupo dos **vocábulo formais**, é relevante lembrar que se adota um critério formal na apresentação dos vocábulo na escrita: deixa-se, entre eles, obrigatoriamente, um espaço em branco, porque cada um deles constitui uma unidade mórfica. É o que corresponde à pausa, no âmbito da fonologia. No entanto, Camara Junior (1970) destaca que, mesmo que se prescindia da pausa entre os vocábulo de um sintagma – chamado por ele de ‘grupo de força’, – a representação na escrita obedece ao critério formal.

Além disso, é fundamental esclarecer dois pontos: em primeiro lugar, não há, necessariamente, coincidência entre um vocábulo fonológico e um vocábulo formal; em

segundo, há que se estabelecer a diferença entre **formas livres**, **formas presas** e **formas dependentes**. As **formas livres** são aquelas que funcionam isoladamente na língua, ou seja, independente de outras formas, elas têm um uso discursivo autônomo e suficiente. As **formas presas** são todas aquelas que só existem quando ligadas a outras, como os afixos. Já o grupo das **formas dependentes** abarca toda forma que

[...] não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode se intercalar uma, duas ou mais formas livres ad *libitum*. Por outro lado, quando tal não é permissível (nos pronomes átonos que funcionam junto ao verbo), resta a alternativa dela mudar de posição em relação à forma livre a que está ligada. (CAMARA JUNIOR, 1970, p. 60)

De posse desse conhecimento, pode-se entender a classificação dos vocábulos formais: trata-se das formas livres e das formas dependentes da língua portuguesa. Esclarece-se, por relevante, que as formas dependentes caracterizam a situação em que o vocábulo formal não coincide com o vocábulo fonológico na língua portuguesa.

Para efeito de descrição gramatical, a obra de Camara Junior(1970) é um marco na análise da estrutura da língua. Não se poderia, pois, prescindir da apresentação de suas ideias, haja vista a grande contribuição do seu legado para os estudos de língua.

Na obra de Bechara (2015) podem ser encontradas muitas ideias que refletem a influência de Camara Junior (1970). A preocupação em discutir a falta de correspondência entre a representação dos vocábulos na escrita e a realização deles na fala é um exemplo disso.

[...] temos de lembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata da língua oral ou da língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou as fronteiras dos grupos fônicos, também chamados *grupos de força*. (BECHARA 2015, p. 350, grifos do autor)

A propósito de exemplificação, Bechara (2015) recorre à palavra *aluga-se*, em que a sílaba átona (*se*) se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*), fato que, no processo de aprendizagem da língua escrita, pode provocar erros de grafia, como em *alugasse* ou *alugase*. Seria um caso, segundo Bechara (2015, p. 350), em que “[...] o vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).”

Cabe um esclarecimento sobre a significação proposta por Bechara (2015) para o termo **palavra**. Para ele, a palavra pode ser entendida sob três diferentes aspectos, que seriam:

- a) o aspecto material, como significante;
- b) a significação gramatical (como a classe da palavra);
- c) a significação lexical (o significado atribuído).

Quanto ao primeiro item, que diz respeito à expressão material, entende-se que não há nenhum significado referido na forma da palavra, logo ela só pode ser entendida pelas características físicas. Ao se considerar apenas o aspecto material, “[...] há apenas uma só forma ‘amo’ (*amo*, ‘quero bem’ e *amo* ‘senhor’). Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo vocábulo [...]” (BECHARA, 2015, p. 350).

A questão da significação gramatical contempla palavras como *cheguei* e *chegaste*. Nesse caso, de acordo com a forma, há duas palavras distintas; entretanto, de acordo com o significado lexical, haveria apenas uma palavra. Ambas as formas verbais designam o final de um movimento, o ato de chegar. É a significação gramatical que corrobora a diferenciação de “significado” dos dois termos: em *cheguei*, há expressão de uma ação passada na primeira pessoa do singular; em *chegaste*, ação passada na segunda pessoa do singular. “Tais significações se dizem *gramaticais* porque decorrem de significações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais* distintas.” (BECHARA, 2015, p. 351, grifos do autor)

Pelo exposto, Bechara (2015, p. 351) conclui que “[...] em nossa língua [...], a palavra está constituída indissolúvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical [...]”.

Basílio (2003) concorda com a importância de se discutirem as possibilidades de significados gramaticais atribuídos às palavras. Para a pesquisadora, “[...] há um eixo em que a definição de palavras traz muitas dificuldades: trata-se da distinção que normalmente estabelecemos entre duas palavras distintas e duas formas da mesma palavra [...]” (BASÍLIO, 2003, p. 11). A autora explica que normalmente essa distinção entre palavras distintas e diferentes formas da mesma palavra traduz-se na diferença entre derivação e flexão, na medida em que “[...] dizemos que *casa* e *casas* são duas formas da mesma palavra, mas *casa* e *casinhola* são duas palavras diferentes” (BASÍLIO, 2003, p. 11). Porém, há de se levar em conta que essa também não é uma questão encerrada e resolvida, formando-se um círculo vicioso.

O problema da definição de palavra nas línguas falada e escrita também é mencionado por Basílio (2003). A autora preconiza que a palavra é uma unidade de fácil reconhecimento, porém de difícil definição,

[...] se tomarmos como base de definição a língua falada. Isso acontece porque na língua falada não fazemos pausas sistemáticas entre cada palavra pronunciada. Na língua escrita, não temos problemas de definição neste eixo, e podemos definir a palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços e/ou sinais de pontuação. (BASÍLIO, 2003, p.11)

A autora conclui, portanto, que “[...] o conceito de palavra sempre constituiu um problema para gramáticos e linguistas. Entretanto, a palavra é uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa.” (BASÍLIO, 2003, p. 12)

Henriques (2007) também reconhece a dificuldade em se definir o termo palavra e chama atenção, sobretudo, para a diversidade de terminologias utilizadas pelos teóricos para esse fim.

Muitas são as terminologias empregadas pelos linguistas em busca da coerente explanação acerca do que vem a ser *palavra* e, conseqüentemente, *vocabulo*. Monemas, lexemas, semantemas, morfemas lexicais, formas livres e ainda outros têm sido os nomes dados para limitar seu campo de atuação. (HENRIQUES, 2007, p. 7)

Ademais, o autor preocupa-se em contribuir para a reflexão sobre o quão abrangente é a noção de palavra, sinalizando que o componente morfológico da língua está sempre vinculado a outras partes da gramática. Isso significa dizer que

[...] nem tudo o que se refere à unidade ‘palavra’ é competência da morfologia. Lembramo-nos de que a maioria das palavras da nossa língua tem um significado lexical (objeto de estudo da lexicologia e lexicografia), de que as palavras se combinam entre si para constituir uma unidade de classe superior, o sintagma (de que se ocupa a sintaxe) (HENRIQUES, 2007, p. 1)

Cumpramos ressaltar que, quando se consideram as possibilidades de realização da palavra em outros níveis, que não apenas o do discurso escrito, há, ainda, outras visões acerca do seu conceito.

A definição do que se entende por *palavra* levanta inúmeros problemas [...] embora palavra típica seja aquela que, no discurso escrito, corresponde a uma sucessão de caracteres delimitados por espaços em branco (a chamada palavra gráfica) as palavras da língua assumem muitas outras formas. (FERREIRA E LEMOS, 2005, p. 7, grifo das autoras)

As ‘outras formas’ às quais se referem as autoras seriam os compostos sintagmáticos, em que as dimensões são superiores às das palavras gráficas (por exemplo, *sala de jantar*) ou as locuções (*por cima de*); e as palavras não autônomas, de dimensões menores que às das palavras gráficas (que seriam os radicais *psic-* ou *log-*). Há ainda o caso das expressões idiomáticas cujo significado não é calculável a partir de sua estrutura e precisa ser armazenado na memória lexical, o que pode ser exemplificado com expressões como *bater com o nariz na porta*.

Reconhecendo a dificuldade dessa definição, as autoras avaliam que as gramáticas e os dicionários vêm fazendo um levantamento que não corresponde à realidade do léxico da língua portuguesa, afinal não se pode dizer que o número de palavras de uma língua seja de fato finito.

A todas essas palavras atestadas, isto é que ocorrem efetivamente nos discursos ou nos dicionários, teríamos que acrescentar todas as outras palavras possíveis, tendo em conta as regras de construção de palavras e os elementos que podem participar nessa construção [...] a tudo isso teríamos ainda que acrescentar as palavras novas que todo dia vão entrando na língua, fruto da necessidade de denominar novos conceitos e novas realidades, que todos os dias vão surgindo. Por outras palavras, teríamos que dar conta dos neologismos da língua. (FERREIRA E LEMOS, 2005, p. 9)

A noção de ‘palavras atestadas’ é trabalhada também por Villalva (2014), em oposição aos conceitos de ‘palavras existentes’ e ‘palavras possíveis’. Palavras atestadas são aquelas que constam em dicionários, a mais confiável ‘fonte de atestação’ das palavras. Em contrapartida, há muitas outras fontes em que se pode verificar a incidência de palavras – que, portanto, existem. Assim, as ‘palavras atestadas’ referem-se àquelas que constam em dicionários, as ‘palavras existentes’ são as que circulam na sociedade, em outros textos escritos, porém não estão dicionarizadas ainda.

Já o conceito de ‘palavra possível’ é o que abarca um maior número de itens lexicais, pois, além de privilegiar “[...] todas as potenciais ocorrências de palavras atestadas, acolhe também palavras que estão disponíveis para eventual uso dos falantes, por recurso a processos morfológicos de formação de palavras.” (VILLALVA, 2014, p. 84). A título de exemplo, a autora cita a palavra *imaginabilidade*, que não consta em nenhum dicionário da língua, nem em texto escrito de que se tenha registro, no entanto, obedece a um padrão de formação atestado em muitos *corpora* e trata-se de um processo conhecido e dominado pelos falantes: o acréscimo do sufixo *-idade* a uma base adjetival. “É o quanto basta para uma palavra ser produzida.” (VILLALVA, 2014, p. 84).

Desse modo, têm-se três conceitos diferentes, conforme as ideias de Villalva (2014):

- **palavras atestadas** – referem-se às palavras dicionarizadas;
- **palavras existentes** – referem-se às palavras que já circulam na sociedade em textos escritos, porém não estão ainda dicionarizadas, como é o caso da palavra *gourmetizar*, constante do *corpus* desta pesquisa;
- **palavras possíveis** – referem-se às inúmeras palavras que podem vir a ser produzidas, de acordo com as regras de formação de palavras, assim como a palavra *imaginabilidade*, pensada por Villalva (2014).

Villalva (2014) ainda discute a denominação ‘unidades lexicais’ que se costuma dar às palavras. Para a autora, de modo geral, não são conceitos diferentes. No entanto, ela reconhece que cada domínio da análise linguística tem um diferente entendimento do que é uma palavra, portanto, a depender do campo que se estude, é lícito falar em

[...] palavra fonológicas (identificação das sílabas proeminentes, fronteiras prosódicas entre as palavras), palavras morfológicas, lexemas (unidades em que se se apresenta a possibilidade de atribuição de nexos semântico) e operadores gramaticais [...] (VILLALVA, 2014, p. 75).

No âmbito do estudo do léxico, todas as dimensões das palavras são relevantes, pois, nessa dimensão, as palavras são paradigmas que incluem todas as suas diferentes formas de variação morfossintática. Segundo a autora,

[...] enquanto unidades lexicais, as palavras são paradigmas (identificados por um lema), ou seja, são um conjunto de formas portadoras de informações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas e ainda de outras informações de vária ordem, como, por exemplo, a etimologia. (VILLALVA, 2014, p. 76)

Vale registrar também a contribuição de Schwindt (2014) na observação de algumas definições que são atribuídas à palavra e nos critérios utilizados para tais. Em uma primeira análise, sabe-se que, para as línguas escritas, vale o critério ortográfico: há espaços em branco que precedem e sucedem a cadeia gráfica característica das palavras. Esse seria o critério mais evidente para qualquer pessoa que domine as convenções da escrita. Do mesmo modo, há um critério fonológico representativo, na fala, dos espaços existentes entre as palavras.

Pode-se, porém, segundo o autor, proceder à adoção de um critério sintático, e, nesse caso, “[...] palavra seria, então, aquela estrutura que admite flexão na borda direita do tema; desse modo, num sintagma como *esses cachorros magros*, por exemplo, estaríamos diante de três palavras, já que as três suportam o elemento flexional”. (SCHWINDT, 2014, p. 129)

Sabendo da fragilidade desse critério – já que existem palavras compostas em que os dois elementos pluralizam-se, como *cachorro-quente*, por exemplo – o autor propõe o critério da intercalação. Se a associação entre os vocábulos não é de natureza lexical nem morfológica, é possível intercalar outros vocábulos entre eles. Schwindt (2014) exemplifica com o sintagma *cachorro magro*; há possibilidade de se intercalar a palavra *muito* em meio ao sintagma: *cachorros muito magros*. Contudo, em *cachorros-quentes*, a intercalação não é possível.

Azeredo (2014) concorda com a necessidade de tornar mais preciso o conceito de palavra. O autor também reconhece que o critério ortográfico é o mais visível e evidente, construído ao longo de toda a escolarização, nas atividades ligadas à escrita. Apesar disso, a representação gráfica nem sempre reflete a intuição dos falantes, o que se pode comprovar com exemplos como *depressa* e *de repente*. Desse modo, a fim de tornar mais preciso o conceito de palavra, Azeredo (2014, p. 142) aponta que se deve considerar como palavra “[...] a menor unidade significativa autônoma constituída de um ou mais morfemas dispostos numa ordem estável”.

Conforme se verifica, há muitas reflexões sobre a conceituação da palavra, no entanto nenhuma delas é capaz de abarcar todos os aspectos inerentes à existência das palavras, pois

[...] a palavra escapa às delimitações e definições dos linguistas, que, para isso, se valem de critérios morfológicos, sintáticos e semânticos. Esses critérios têm suas limitações, não podendo ser aplicados automaticamente. Não há, portanto, uma definição generalizante e universal da palavra (LAROCA, 1994, p. 21)

Não há, de fato, uma definição satisfatória e abrangente o suficiente para abarcar a palavra em todos os seus aspectos, nem se pretende, aqui, esgotar tal assunto. Na discussão oferecida, objetivou-se apresentar as ideias principais de alguns importantes teóricos, filtrando as informações mais importantes. Não se projetou chegar exatamente a uma definição final para a palavra, tendo em vista a fragilidade e a dificuldade de se estabelecer um limite entre o que é palavra e o que não é. O que se julga fundamental aqui é considerar a existência das ‘palavras existentes’ e das ‘palavras possíveis’, pois essa análise vai ao encontro dos objetivos desta pesquisa e da concepção de léxico que aqui se assume.

Também não é simples definir e conceituar o **léxico**.

Desde sempre se ouve falar em léxico como sinônimo de vocabulário. Essa será, inclusive, a resposta dada pela maioria das pessoas leigas a quem porventura se pergunte o significado de léxico. A totalidade delas provavelmente responderá que léxico é o mesmo que

vocabulário. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos linguísticos e lexicológicos, foi possível perceber que se trata de uma definição insuficiente e reduzida.

Henriques (2011), por exemplo, considera que os dicionários nos fornecem apenas uma imagem do léxico e chama atenção para o fato de que “[...] embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo.” (HENRIQUES, 2011, p. 13)

Em vista disso, Henriques (2011) prevê que, de forma simplificada, o léxico pode ser dividido em dois tipos:

[...] um deles se refere a um determinado estado de uma língua, composto pelas palavras que são compartilhadas por todos os usuários, parecendo uma espécie de interseção dos usos cotidianos (é o LÉXICO COMUM); o outro comporta todas as palavras empregadas pelos usuários de determinada língua, independente de serem compartilhadas entre eles (é o LÉXICO TOTAL). (HENRIQUES, 2011, p. 13)

Nos dicionários da língua portuguesa, os verbetes encontrados para léxico, em geral, são muito extensos, generalizantes e, ao mesmo tempo, evasivos. Segue um exemplo:

1. Próprio das palavras ou referente a elas; LEXICAL
2. O repertório de palavras de uma língua ou de um texto; VOCABULÁRIO
3. Obra de compilação de uma parte (reduzida ou extensa) dos vocábulos de uma língua e seus significados; DICIONÁRIO
4. Dicionário de antigas línguas clássicas.
5. Relação de palavras usadas por um autor ou por uma escola ou movimento literário.
6. Conjunto dos lexemas da língua (proposto por Saussure), oposto ao conjunto de vocábulos.
7. Componente da gramática internalizada de um falante que abarca todo o seu conhecimento das palavras (esp. sua pronúncia, significação e emprego numa sentença). (CALDAS AULETTE, versão *online*)

Como se vê, há sete definições para o termo. Interessam, especialmente, as duas últimas, pois decorrem do desenvolvimento dos estudos linguísticos e lexicológicos e contemplam um aspecto do léxico que justifica a pertinência desta pesquisa: a competência lexical, ou seja, o conhecimento internalizado do léxico que permite a qualquer falante a criação de novas palavras.

Quanto aos primeiros significados previstos para léxico no dicionário Caldas Aulete, nota-se que são insuficientes. No item 2, por exemplo, considera-se léxico sinônimo de vocabulário, o que, em uma perspectiva linguístico-discursiva não é aceitável. O léxico está muito além do vocabulário, pois abarca uma quantidade ilimitada de formas. Ao vocabulário,

referem-se apenas as palavras atestadas, já no grupo de léxico, podem constar também todas as palavras possíveis, logo, há de se considerar conceitos distintos para léxico e vocabulário.

Ferreira (2011) atesta essa diferenciação postulando que “[...] o léxico de uma língua é o conjunto virtual de todas as palavras da língua [...] vocabulário é um conjunto factual, entre muitos possíveis, de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico”. (FERREIRA, 2011, p. 227)

Entende-se, portanto, que ao léxico correspondem todas as palavras, atestadas ou não, aquelas que são possíveis tendo em vista as regras morfológicas para a construção de palavras na língua, e correspondem, ainda, todos os elementos através dos quais se formam as palavras, como os prefixos e os sufixos. Usa-se, por outro lado, o termo vocabulário para um conjunto fechado de palavras que de fato ocorreram num determinado registro de língua. Desse modo, tem-se o vocabulário da medicina ou da informática etc.

Ferreira & Lemos (2005) também propõem conceituar de forma diferente léxico e vocabulário. Léxico seria o conjunto virtual de todas as palavras da língua (incluindo neologismos, arcaísmos e todas as outras formas que forem possíveis graças aos processos de formação de palavras). Já o vocabulário deveria se referir apenas ao conjunto factual de todos os vocábulos atestados em um idioma.

Além de diferenciar os conceitos de léxico e vocabulário, Villalva (2014), levando em conta que uma língua em uso é sempre viva, dinâmica e mutável, aponta a importância de se reconhecer a existência das variações linguísticas em um estudo do léxico. Conforme a autora: “[...] a descrição do léxico de uma língua pode cobrir realidades bastante diferentes, incluindo ou excluindo a oralidade, registros discursivos mais ou menos prestigiados, ou diferentes delimitações temporais.” (VILLALVA, 2014, p. 22). Desse modo, a identificação do léxico de uma língua está diretamente ligada à variação linguística.

Ademais, é de se ressaltar que o léxico é uma entidade abstrata, que existe em cada falante de um idioma. Trata-se de um acúmulo de experiências: ao uso de determinadas palavras por uma comunidade linguística em um dado momento de sua existência devem-se somar outras tantas palavras, usadas por outro grupo em outro momento, daí as variações linguísticas, que são indissociáveis do léxico. Ferraz (2008) concorda com a evidente relação entre léxico e comunidade linguística e define: “Por léxico, em geral, compreende-se o conjunto aberto, organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística”. (FERRAZ, 2008, p. 146)

Ferraz (2008) pondera, também, que, em um movimento de análise do léxico, é viável identificar traços particulares e relevantes dos grupos sociais que se utilizam desse léxico,

pois a motivação para a constituição e para a possibilidade de expansão lexical reside nas atividades, interações e/ou experiências desses grupos sociais. O léxico é visto, pois, como um banco de dados à disposição da comunidade linguística, uma vez que

[...] o léxico de uma língua reflete o repositório de experiências seculares das comunidades humanas que usaram e usam a tal língua. Com isso, o léxico é constituído de unidades criadas a partir das necessidades expressas pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e, por isso mesmo, essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas. (FERRAZ, 2008, p. 147)

Tendo isso em mente, é lícito concluir que o léxico de cada falante é individual e único. Trata-se, conforme Ferraz (2008, p. 147), do “léxico efetivo”, que é o universo lexical a partir do qual os usuários da língua vão compor o seu repertório de manifestação discursiva. Esse universo lexical serve a todos os membros da comunidade linguística, entretanto,

[...] vai assumindo matizes específicos à medida em que cada falante-ouvinte vai imprimindo colorido próprio a seu repertório lexical, levando-se em conta diversos fatores que podem influir tanto na escolha quanto na realização das unidades lexicais num ato discursivo (FERRAZ, 2008, p. 147)

Conclui-se, portanto, que o léxico de cada indivíduo depende da apropriação dos estímulos lexicais a que cada um é exposto, de acordo com seu grupo e sua própria experiência linguística. Segundo Villalva (2004, p. 23), a esse léxico deve-se chamar ‘léxico mental’ e seu aprendizado percorre toda a vida de um falante, afinal “[...] o conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode não ser idêntico ao de um momento anterior ou posterior: trata-se de um saber cumulativo e, também, degradável”.

Reconhecendo a complexidade do léxico de uma língua, Villalva (2004) também propõe a divisão do léxico de um falante adulto em dois tipos. Para a autora, há o **léxico passivo**, determinante para o reconhecimento das estruturas presentes nos enunciados linguísticos e o **léxico ativo**, mais reduzido, disponível apenas para a produção de itens.

Para descrever a consciência lexical de cada falante, é preciso atentar para as unidades lexicais e as informações que elas trazem. Um falante não somente conhece as palavras de uma língua, mas também conhece as partes que as constituem. E é exatamente levando em conta essa eficácia com que os falantes compreendem e fazem uso da informação lexical que se deve entender o conceito de léxico como algo complexo e sofisticado.

Desse modo, “[...] enquanto parte da gramática, o léxico pode ser visto como o lugar em que reside toda a informação que não é derivável, todas as propriedades idiossincráticas

das línguas”. (VILLALVA, 2014, p. 28) Mais do que um mero repositório de unidades lexicais, o léxico, alegoricamente, poderia ser considerado “uma espécie de cérebro no corpo das línguas que armazena a informação que os outros sistemas transformam em vida” Os outros sistemas aos quais se refere a autora seriam as outras áreas de estudo da gramática: a sintaxe, a morfologia, a fonologia, afinal, “[...] são esses módulos que se encarregam da mecânica e da interpretação dos enunciados frásicos, formados a partir da matéria-prima lexical”. (VILLALVA, 2014, p. 28)

Outra autora que aponta para a impossibilidade de se dissociar o estudo do léxico do fenômeno da variação linguística e das outras áreas da gramática é Graça Rio-Torto (2015). Segundo ela, deve-se admitir que as unidades lexicais

[...] não são dissociáveis da comunidade em que são produzidas e usadas e dos cenários conceptuais e culturais que as enformam [...] e as unidades do nosso léxico mental não são completamente dissociáveis das propriedades gramaticas que o seu uso envolve. (RIO-TORTO, 2015, p. 125)

Assim, o léxico deve ser entendido não somente como um acervo de palavras utilizado como uma ferramenta para comunicação, e deve ser considerado no âmbito social da realidade em que é usado. Ao léxico correspondem todas as palavras da língua, as palavras atestadas e as possíveis; além disso, compete ao campo lexical toda e qualquer estrutura que colabore para a construção de novas palavras, cabendo a ele, portanto, todos os prefixos e sufixos da língua.

2.2 Competência lexical, sociedade e neologia



Uma vez definido que o léxico é um inventário aberto, dinâmico e disponível a toda comunidade linguística, vale ilustrar tal definição com a historinha acima. Calvin, personagem principal dos quadrinhos, valendo-se de sua competência lexical, constrói um neologismo – **sobremesariano** – como um argumento para responder a sua mãe, que oferece a ele comida vegetariana. Ao negar ser **vegetariano**, o menino rapidamente se define como **sobremesariano**, demonstrando claramente que sua preferência não está na alimentação em que se priorizam vegetais, mas, sim, naquela em que aparecem doces e guloseimas, comportamento bem característico de uma criança.

Deseja-se ressaltar, portanto, que o léxico de cada falante é um léxico mental que se relaciona diretamente à experiência linguística individual. É o repertório lexical individual que garante a um falante a capacidade de criar novos termos para o seu idioma, fato a que se denomina ‘competência lexical’. Na história do Calvin, a competência lexical do menino o leva a dominar o mecanismo que possibilita a formação do termo **sobremesariano**, pois ele facilmente o depreende a partir da palavra **vegetariano**. Destaca-se também que a competência lexical independe de idade, tanto adultos quanto crianças detêm as habilidades necessárias para desenvolver tal competência. Vale registrar ainda o fato de que quanto maior for o contato de um falante com a diversidade linguística de uma comunidade maior será seu repertório lexical.

Deve-se lembrar que correspondem ao léxico, além das palavras atestadas e as possíveis, todos os elementos que as formam, e isso inclui os afixos. Ou, conforme a nomenclatura de Camara Junior (1970), as formas livres e as formas presas. Assim, conhecer esses elementos e dominar os mecanismos existentes na língua para combinação deles determina a competência lexical de um falante.

É o que apontam Azeredo (2014, p. 396): “[...] o conjunto dos morfemas, as regras que os combinam em palavras e as próprias palavras daí resultantes fazem parte do que se chama ‘a competência lexical’ de uma pessoa”; e Ferraz (2008, p. 146): “Por competência lexical podemos considerar a capacidade de compreender as palavras, na sua estrutura morfossintática e nas relações de sentido com outros itens lexicais constitutivos da língua”.

De acordo com os estudos de Ferraz (2008), o desempenho lexical de um usuário da língua está atrelado a outros fatores, além da competência lexical. Para o autor, fatores externos, como as condições de produção do discurso, o interlocutor, o ambiente etc. estão intimamente ligados à produção de novos itens lexicais. Além disso, não se pode prescindir de considerar o aspecto individual e único do léxico efetivo, afinal

[...] a competência lexical do falante-ouvinte se caracteriza como o domínio de parte do léxico efetivo, no que diz respeito ao conjunto das unidades lexicais, e o domínio dos padrões lexicais, responsáveis pela realização, produção e interpretação dessas mesmas unidades, em discursos manifestados, bem como pela formação de unidades novas consideradas boas ou aceitáveis ou ainda pela possibilidade de evitar a formação de unidades inaceitáveis. (FERRAZ, 2008, p. 147)

Dominar as regras de combinação dos elementos que compõem as palavras é um ato natural e imperceptível ao falante comum, porém trata-se de um mecanismo sofisticado e passível de análise aos olhos de um estudioso da língua. Rio-Torto (2016) traz uma importante contribuição em relação a esse assunto. Segundo a autora, a organização da estrutura das palavras tem um caráter dinâmico, e isso implica que o falante – inconscientemente – analise essas estruturas e as utilize para a criação de novas palavras, pois

[...] mesmo as palavras atuais não estão necessariamente fixas no léxico, pelo que podem ser ‘montadas’ online cada vez que o falante fala [...] Para isso, o falante recorre aos mecanismos paradigmáticos, às bases e aos operadores afixais disponíveis. (RIO-TORTO, 2016, p. 80)

Desse modo, assim como se considera o léxico um inventário aberto e ilimitado, também o será a morfologia: os recursos para construção de palavras são finitos, mas as formas que podem vir a ser geradas, infinitas. Rio-Torto (2016) defende ainda que o número infundável de formas possíveis a serem construídas seria um enorme desafio à memória da comunidade falante, no entanto há ‘padrões morfológicos’ – presentes no inconsciente do falante – que permitem fazer alterações e combinações *online*. “O léxico não é, assim, uma listagem de lexemas fixos em número finito”. (RIO-TORTO, 2016, p. 82) Por um lado, devem-se considerar os recursos derivacionais existentes na língua para a criação de novos termos; por outro, os lexemas atuais não podem ser vistos como indecomponíveis. Eles se atualizam na medida em que seus constituintes morfológicos são ‘montados *online*’ de acordo com o padrão do português.

Essa perspectiva comprova que os padrões morfológicos estão ativos, disponíveis aos falantes e correspondem a um uso real. Assim, todo lexema criado a partir de um padrão morfológico existente, mesmo que não atestado, será um lexema em potencial.

No que tange à criação de palavras, pode-se ainda ressaltar a relevância de se analisarem conceitos como a **criatividade** e a **produtividade**. Para Rio-Torto (2016), em uma ação discursiva de produção de itens lexicais, a criatividade alia-se ao conhecimento implícito do funcionamento da língua. E a produtividade diz respeito à verificação ou não da incidência

de um padrão morfológico. Nesse sentido, a criatividade seria um ato consciente, não aplicável à morfologia flexional; já a produtividade

[...] é um mecanismo inconsciente. O falante põe em prática a competência morfológica que possui, ou seja, os padrões morfológicos, e gera um lexema ou uma forma de palavra, no caso da morfologia flexional, sem que tenha consciência de que está a produzir uma forma nova. (RIO-TORTO, 2016, p. 85)

Em busca de elucidar melhor as noções de criatividade e produtividade, visitou-se também a obra de Azeredo (2014), em que se pode encontrar uma seção destinada à discussão desses dois conceitos. Segundo ele, o princípio da criatividade responde ao surgimento, à consagração de determinados itens lexicais e às mudanças de significado que porventura as palavras venham a sofrer.

A criatividade é o fundamento da contribuição circunstancial, ordinariamente particularizadora e frequentemente expressiva, que os falantes adicionam ao significado das formas criadas pelos mecanismos regulares que constituem a produtividade [...] Numa distinção radical entre estes conceitos, pode-se dizer que a produtividade é sistemática e coletiva, ao passo que a criatividade é idiossincrática e particular. (AZEREDO, 2014, p. 399)

O autor explica: no caso da palavra *inflação*, por exemplo, a criatividade do falante foi completamente responsável pela restrição de significado que fez com que ela significasse ‘média da elevação dos preços’. Assim como foi a criatividade a responsável pela consagração do significado de *embarcar* como ‘ato de tomar qualquer condução’. Há de se ressaltar, entretanto, a possibilidade de um ato de criatividade vir a gerar um modelo produtivo. Foi o que aconteceu com a palavra *sambódromo*. A partir do ato de criatividade que a formou passaram a circular muitas outras formas, como *camelódromo*, *fumódromo* e *blocódromo*.

O conceito de produtividade também é abordado na obra de Schwindt (2014, p. 125) e refere-se à “potencialidade de formação de novas palavras por um determinado processo”. Em relação a esse conceito, o autor apresenta, ainda, a possibilidade de ele ser dividido em duas partes: **disponibilidade** e **rentabilidade**. A disponibilidade diz respeito aos diferentes contextos de aplicação de um dado processo, enquanto a rentabilidade avalia a frequência de sua ocorrência.

Convém ressaltar a preocupação do autor em deixar claro que os conceitos de produtividade e transparência dos vocábulos só se definem sincronicamente. Isso ocorre porque “[...] as estruturas morficamente **opacas** ou que só podem ser recuperadas

diacronicamente não podem ser consideradas produtivas/transparentes e, por isso, não estão sujeitas ao que definimos como competência lexical”. (SCHWINDT, 2014, p. 125/126).

Observa-se, portanto, que, em um exercício de investigação morfológica das palavras, deve-se ter em conta sempre o critério sincrônico, além de se considerar o fato de que as palavras (atestadas ou não) nunca são blocos rígidos indecomponíveis, ao contrário, elas estão sujeitas à análise dos elementos morfológicos que as constituem de acordo com os padrões do português. Esses padrões, por estarem ativos, possibilitam a formação de outras tantas palavras possíveis no idioma, sejam eles padrões mais produtivos ou menos produtivos.

O domínio da morfologia, mesmo que inconsciente, é, pois, condição fundamental para a produção de novos itens lexicais. À vista disso, pode-se afirmar, que “[...] o léxico é constituído por formas fixas e por padrões que permitem gerar novas formas.” (RIO-TORTO, 2016, p. 83). E é a competência lexical que dá subsídio para que os falantes de uma língua reconheçam as estruturas internas das palavras e, de posse delas, apliquem-nas em diferentes contextos e daí criem novas palavras.

A criação de novas palavras não é um processo aleatório. Gonçalves (2016) propôs-se a refletir sobre a natureza e o objetivo do surgimento dos novos itens lexicais e, segundo o autor, há cinco funções básicas para criação de novas palavras: a função de rotulação, a função de adequação categorial, a função textual, a função atitudinal e a função indexical.

A **função de rotulação** caracteriza-se pelo surgimento de palavras para designação de novas realidades, o que pode se dar de algumas maneiras. Em primeiro lugar, “[...] aparecem palavras novas quando novos fenômenos ocorrem ou quando surge um conceito diferente ou, ainda, quando um objeto é inventado. [...] Assim, temos a necessidade de nomeá-los [...]” . (GONÇALVES, 2016, p. 12).

O autor considera a possibilidade de muitas dessas novidades serem nomeadas na língua em que surgiram, por isso, “[...] podemos nos apropriar das palavras originais para expressar esses conceitos, não sem dar a elas, é claro, feição fonológica própria à nossa língua.” (GONÇALVES, 2016, p. 12). A título de exemplo, há as palavras *bullying*, *botox*, *blog*. Há, ainda, outra possibilidade para o surgimento de novas palavras: a criatividade do falante. Nesse sentido, para denominar atividades ou objetos novos, recorre-se aos procedimentos presentes na própria língua, como ocorre com os termos *cachorroiro* (pessoas que passeiam ou cuidam de cachorros) ou *cuidador* (pessoas que assistem a idosos).

A segunda justificativa elencada por Gonçalves (2016) para explicar o surgimento de novos itens lexicais é o caso das palavras criadas para expressar uma ideia em uma classe gramatical diferente. Nesse caso, o surgimento da palavra responde a uma adequação sintática

para o conteúdo de outra. Como exemplos, há o caso dos verbos que se formam a partir de termos emprestados do inglês (como *hackear*, *clicar*); e o caso das nominalizações deverbais (*cartão hackeado*). É o que o autor chama de **função de adequação categorial**.

Como outra possibilidade para a expansão do léxico, Gonçalves (2016) prevê que há palavras que são criadas para fazer o texto progredir, que seria a **função textual**. Nesse sentido, percebe-se que “[...] afixos que promovem alterações categoriais são frequentemente usado com funções discursivas e/ou textuais”. (GONÇALVES, 2016, p. 19)

Exemplo: Os terroristas *destruíram* as torres gêmeas

A destruição deixou marcas profundas no povo americano.

A retomada da ideia a partir do vocábulo produzido pelo acréscimo do sufixo é importante para a coesão do texto.

A **função atitudinal** na criação da palavra aparece porque

[...] muitas vezes, o emissor pode manifestar seu ponto de vista através do uso de determinadas marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado dos afixos pode se alterar pragmaticamente (em função do contexto ou da interação linguística). (GONÇALVES, 2016, p. 21)

Como exemplo cita-se o termo *pixuleco*, criado por Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT para designar a propina recolhida das empresas com as quais a *Petrobras* tinha contrato. *Pixulé* é um termo antigo, uma gíria da malandragem que denomina dinheiro. O sufixo *-eco*, indicativo de diminutivo (*livreco*, *padreco*) e bastante pejorativo, tem a clara intenção de diminuir a quantidade de dinheiro, que, em verdade, não era nada pequena.

A **função indexical** é aquela em que se observa a criação de uma palavra em busca de uma identificação com um determinado grupo. “De base sociolinguística, essa função não constitui uma propriedade exclusiva dos processos morfológicos, dependendo, também da prosódica que tais construções requerem.” (GONÇALVES, 2016, p. 26).

Para exemplificar, o autor trabalha com exemplos de sufixos superlativos. A intensificação pode materializar-se por meio da derivação sufixal ou por meio de estruturas sintáticas. Assim sendo, o autor prevê que a utilização dos sufixos superlativos (*-íssimo* ou *-érrimo*) revela forte identificação com a fala feminina, motivo pelo qual as construções seriam evitadas por homens, que, em lugar delas, usariam uma intensificação por meio de adjetivos. Como outros exemplos de tal função citam-se: *golaço*, *cansadaço* (mais associados à fala masculina) ou *churras*, *profissa* (para churrasco e profissional – truncamentos que seriam atribuídos mais à linguagem dos jovens).

Com base nessa exposição, entende-se que a criação de vocábulos não é aleatória. Dotados de competência lexical, os falantes têm a possibilidade de construir termos novos para o idioma e o fazem de acordo com o contexto em que se inserem, atendendo a um objetivo específico e, claro, seguindo os padrões de construção disponíveis na língua.

Antonio Sandmann (1991, p. 23) também estudou a competência lexical dos usuários da língua e estabeleceu que ela se compõe de dois momentos: o primeiro, um momento de análise e interpretação das unidades já estabelecidas no léxico e o segundo, um momento de “[...] formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua lhes põe à disposição.” Propondo-se a investigar com mais profundidade os aspectos da competência lexical, Sandmann (1992) discute que interessa saber como o falante-ouvinte ou o escrevente-leitor entende a estrutura e a constituição das palavras, de que maneira ele decompõe seus elementos e vislumbra a possibilidade de eles figurarem disponíveis para utilização no estoque léxico da língua. E, sobretudo, interessa saber de que modo o falante forma unidades lexicais novas consideradas boas e aceitáveis e evita as construções não pertinentes.

Há de se considerarem dois aspectos fundamentais na análise da competência lexical dos indivíduos. Em primeiro lugar, há as **regras de formação de palavras** (RFP); em segundo, as **regras de análise estrutural** (RAE). “Tendo internalizado aquelas, o usuário é capaz de formar palavras novas, um momento por assim dizer mais ativo, ou de entender palavras novas, um aspecto de certo modo mais passivo” (SANDMANN, 1992, p. 13). Para exemplificar, cita-se a palavra *relatoria* (*Teve de mudar o relatório, ou seria destituído da relatoria*). A competência do usuário que forma a palavra *relatoria* consiste no domínio da regra que diz que de um substantivo designativo de agente se pode formar, acrescentando-lhe o sufixo *-ia*, outro substantivo, abstrato. O indivíduo chega a essa regra abstraindo-a de outras unidades do léxico: *coordenador/ coordenadoria, auditor/ auditoria* etc. Com isso conclui-se que as RFP e as RAE interagem ou se complementam. Em resumo:

Às regularidades ou modelos que subjazem ao processo que orienta a formação de unidades lexicais complexas se chamará “regras de formação de palavras” e às regularidades ou modelos que se depreendem das unidades lexicais já integrantes do léxico da língua se chamará “regras de análise estrutural de palavras.” (SANDMMAN, 1991, p. 13)

Basílio (1997) contribui para a reflexão em relação às RFP acrescentado, ainda, uma considerável observação que se refere ao “princípio da analogia”, a que denomina PA. De acordo com a autora, termos criados pelo PA devem ser diferenciados dos termos a partir dos

quais se pode depreender uma RFP. Para exemplificar, a autora cita Guimarães Rosa, que cria o termo *enxadachim*. Trata-se de uma óbvia analogia a *espadachim: espada:espadachim*, *enxada:enxadachim*. No entanto, não é possível depreender, a partir daí, uma regra que indique a adição do sufixo *-chim* a substantivos indicadores de instrumentos. À vista disso, tem-se um termo que pode ser explicado pelo PA, mas a partir do qual não se cria uma RFP.

Não há dúvida de que o mecanismo que impulsiona uma analogia é o mesmo de uma RFP; afinal, ambos são postulados para representar relações lexicais. Há de se observar, entretanto, que, no âmbito das construções lexicais possíveis,

[...] RFPs são capazes de representar apenas o subconjunto das construções gramaticalmente funcionais e preestabelecidas, não abrangendo, portanto, as criações literárias, os desvios estilísticos com objetivo de estranhamento, as proposições de caráter retórico, os mecanismos em jogo na formulação de piadas etc. [...] (BASÍLIO, 1997, p. 13)

Por esse motivo, a autora conclui que “[...] (a) toda e qualquer construção descrita por uma RFP pode *ipso facto* ser descrita por PA; e (b) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFP [...]” (BASÍLIO, 1997, p. 18)

Cabe assinalar, ainda, a problemática subjacente a essa questão: a opção pela postulação de RFP ou PA para dar conta da produtividade lexical de um idioma determina consequências diferentes. Na medida em que se opta por RFP, a consequência é um “[...] léxico de formas bem comportadas, apresentando funções restritas e previsíveis, e determinação categorial estrita das bases e produtos das RFP”. (BASÍLIO, 1997, p. 18) Ao passo que, em uma visão mais abrangente, o PA inclui, além dessas formas previstas, “[...] construções não lineares, em que modelos podem ser tomados para utilizações imprevistas e não enquadradas [...]”. (BASÍLIO, 1997, p. 18)

Valente (2011) também considera o princípio da analogia nas criações lexicais sinalizando que, atualmente, trata-se de um recurso linguístico muito utilizado. O autor cita, como exemplo, o termo *sambódromo*, criado em 1984, modelo a partir do qual surgiram diversos neologismos, como: *camelódromo*, *beijódromo*, *namoródromo*, *malhódromo*, *sexódromo*, *fumódromo* etc.

Vale registrar a terminologia ‘neologia intertextual’, proposta por Valente (2012), para abarcar esses casos em que o princípio da analogia foi decisivo para a criação do novo termo, demonstrando a intrínseca relação entre os estudos do léxico e os do discurso.

Nos estudos neológicos, a combinação de léxico e discurso também se materializa na **neologia intertextual**. O neologismo com base nela criado pressupõe, em princípio, a existência de outro neologismo a que se seguiram, em muitos casos, algumas criações neológicas com a mesma estrutura mórfica. Na neologia intertextual, a analogia é bastante utilizada no diálogo estabelecido entre o termo original e os que se seguiram. (VALENTE, 2012, p. 102, grifo meu)

Ratifica-se, pois, que, para que um novo significante surja na língua portuguesa e seja reconhecido como um item lexical desse idioma, é necessário que o produtor/enunciador tenha seguido as regras de construção do sistema linguístico do português, fato com o qual concorda Carvalho (1984, p. 22): “[...] as regras de construção da língua portuguesa constituem o padrão morfológico a partir do qual podemos identificar determinada palavra como pertencente ao idioma português”.

Valente (2011) também afirma que os neologismos são criados, fundamentalmente, a partir do sistema linguístico e chama atenção para o fato de que o maior recurso criativo que o indivíduo tem a seu dispor é a utilização dos elementos mórficos do vocábulo, portanto, os mecanismos composicional e derivacional são os principais responsáveis pela criação da maioria dos neologismos.

Desse modo, qualquer indivíduo falante de uma língua é capaz de manusear os morfemas de acordo com as regras do sistema linguístico e, assim, criar novos termos. Valente (2011, p. 68) chama de “direito linguístico do usuário” essa possibilidade de criação de novos itens lexicais, que está ao alcance de todos. No entanto, uma vez que o sucesso absoluto da criação, em primeiro plano, se deve ao manejo dos recursos da língua (os elementos mórficos), quanto maior o domínio de seu idioma, maior será o potencial criativo de qualquer sujeito. Nas palavras do autor:

Está equivocada a visão de que o conhecimento linguístico – ou da gramática da língua – pode constituir amarras para a inventividade do falante, vindo a tolher sua criatividade. Ao contrário, quanto mais conhecemos nossa língua, mais podemos criar com ela e usá-la competente e inventivamente. (VALENTE, 2011, p. 69)

Ressalta-se que, para um manejo efetivo dos elementos da língua, é necessária atenção aos moldes linguísticos oferecidos: são os chamados padrões morfológicos ou matrizes morfológicas.

Reconhecer as matrizes morfológicas é fundamental para quem pretende inovar linguisticamente, uma vez que elas correspondem aos modelos – os esquemas da língua – para a formação de palavras. A matriz morfológica equivale, portanto, ao molde linguístico para a criação de palavras. (VALENTE, 2011, p. 40)

A partir do domínio dos elementos e mecanismos da língua, em acordo com as matrizes morfológicas, é possível exercitar a competência lexical. Pode-se observar, ainda, que há algumas regras de construção (ou padrões morfológicos) que têm aplicabilidade plena, há outras que não a têm. A título de exemplificação, pode-se citar o paradigma para formação de advérbios em *-mente*: trata-se de uma regra de aplicabilidade plena, visto que a qualquer adjetivo é possível acrescentar tal sufixo e, a partir daí, forma-se um advérbio. Entretanto, com relação à formação de substantivos abstratos, não se tem uma regra aplicável a todos os itens, pois há vários sufixos disponíveis para a formação de tais palavras (*-ção, -mento, -agem*).

Monteiro (1987) aponta como critério mais satisfatório para justificar a aplicação de um sufixo em lugar de outro, numa determinada palavra, o conceito de ‘bloqueio’, proposto por Aronoff. “Escolhida uma entre as diversas possibilidades de atualização, as demais são bloqueadas. Potencialmente existiriam os abstratos **escureza** e **escuridade**, mas foram impedidos de circular por causa de **escuridão**.” (MONTEIRO, 1987, p. 147).

A hipótese do bloqueio se baseia na impossibilidade de figurarem duas formas distintas com o mesmo sentido. Assim, só se justifica a criação de uma forma paralela em razão de uma variabilidade semântica, como ocorre em **recebimento** e **recepção**, cujos sentidos são bastante distintos.

Acrescente-se a isso o fato de que “[...] o bloqueio é um princípio auxiliar de outro princípio mais geral: o da economia linguística”. (AZEREDO, 2014, p. 400). Desse modo, o conceito de bloqueio responde, ainda, à necessidade de uniformidade e regularidade desse sistema tão grandioso que é a língua, caso contrário, não seria possível à comunidade falante a memorização de todos os termos e possibilidades. Por isso

[...] a criação de neologismos deve fundamentar-se em regras precisas de formação, a fim de que o sistema linguístico não sofra com exceções e desvios. Tanto quanto possível é conveniente manter-se a feição estrutural da língua, definida por fatos regulares e previsíveis. O acúmulo (ou acúmulo?) de exceções apenas dificulta a aprendizagem do idioma e gera equívocos entre os próprios falantes nativos. (MONTEIRO, 1987, p. 148)

Existe também a possibilidade do ‘desbloqueio’, pois a língua é a expressão da sociedade, que é ilimitada em sua capacidade criativa. Portanto, quando uma forma é criada em detrimento da existência de outra, esse surgimento responde sempre a fins de expressividade e criatividade, conforme ensina Valente (2004, p. 201): “[...] mesmo havendo

uma forma, cria-se outra com fins estilísticos, como “apitador” (para mau juiz de futebol ou mau árbitro) e “pintador” (para mau pintor)”.

Toda criação lexical tem relação direta com a sociedade. A língua é o instrumento através do qual os indivíduos se comunicam. Ao lado da necessidade criativa, a evolução da sociedade é outro fator determinante para a renovação lexical. Na medida em que a sociedade evolui, surgem novos conceitos e objetos a serem designados; portanto, há uma necessidade comunicativa imediata. Modificam-se as necessidades comunicativas, modifica-se também o idioma; novas realidades e necessidades, novas palavras para representá-las.

E as novas realidades têm sido muitas nas últimas décadas: avanços tecnológicos e científicos bem como transformações no campo sociocultural demandam novos produtos, mercadorias, assim como novas concepções e entendimentos. A língua reflete diretamente essas necessidades e modifica-se.

A necessidade de nomear as novas experiências traz inúmeras contribuições para a linguagem, como também o fazem a busca por expressividade, as demandas artísticas e individuais, as transformações no plano político e as modificações de âmbito social, pois “[...] o léxico da língua não é um sistema fechado. O falante tem a faculdade de criar neologismos e dela fará uso de acordo com as necessidades comunicativas ou intuitos expressivos.” (MONTEIRO, 1987, p. 148)

Assim sendo,

[...] a evolução da língua, no entanto, apesar de constante passa despercebida ao próprio falante. Mudam costumes, muda o vocabulário, porque justamente é o elemento da língua que está ligado diretamente ao universo de pessoas e coisas, universo em constante mutação. (CARVALHO, 1984, p. 12)

Pela ligação que estabelece com o universo das pessoas e das coisas, não se pode deixar de considerar a língua como um fato social. O que resulta em uma inovação na língua frequentemente é resultado de uma inovação na própria sociedade.

Tem-se, pois, um processo de criação e renovação cujo objetivo final é um novo item lexical no sistema da língua e na consciência dos falantes. Alves (2002, p. 5) considera que “ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*”.

Estudar a renovação do léxico é o foco do trabalho de Ferreira & Lemos (2005). As autoras preocuparam-se em entender por que surgem os neologismos e discutem que alguns deles resultam de uma necessidade comunicativa pontual, nesse caso, a tendência é que

desapareçam logo após sua produção. Há outros, entretanto, cujo surgimento atendeu a uma demanda “denominativa estável” (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 11), conseqüentemente, a probabilidade que eles se estabeleçam em definitivo no idioma é bastante grande. Trata-se, no primeiro caso, do que as autoras chamam de **neologismos expressivos**. No segundo, são os **neologismos denominativos**.

A **neologia denominativa** abarca os casos em que o processo de criação de vocábulos ocorre por uma necessidade de nomear novas realidades, como é o caso da palavra ‘agênero’, constante do *corpus* desta pesquisa, que foi criada para designar as roupas que não são peculiares nem ao gênero feminino, nem ao gênero masculino. Vale acrescentar que, nas linguagens de especialidades, ocorre bastante a neologia denominativa, dada a necessidade de denominação que impera nesse setor.

Já a **neologia expressiva**, que corresponde à busca de expressividade no discurso, abrange sobretudo as construções presentes na mídia.

Os neologismos resultantes de criações neológicas estilísticas existem primeiramente apenas no nível do discurso, sendo geralmente formações efêmeras, entrando raramente no sistema da língua [...] São frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo, ao nível dos títulos, pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crônica política. (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 13)

A chamada **neologia da língua** também é prevista na exposição das autoras e diz respeito à competência derivacional dos falantes. É o caso, por exemplo, dos advérbios terminados em *-mente* (*reconhecidamente, fortuitamente*).

É interessante destacar que os neologismos, na língua corrente, figuram sempre, em um primeiro momento, como unidades do discurso. Só serão definitivamente incorporadas ao sistema linguístico as formações que assumirem caráter permanente e estável. Tal entrada no sistema da língua é oficializada pelo registro em dicionário. Para que se efetive, de fato, a entrada de um neologismo em dicionário, devem-se respeitar, contudo, as três fases de neologia, apontadas por Ferraz (2008, p. 154) e aqui resumidas: a) a fase inicial, de criação do termo; b) a fase da aceitabilidade; c) a fase da desneologização.

Segundo Ferraz (2008, p. 154), “[...] é na terceira fase da neologia que a unidade léxica nova encontra-se em condições de ser dicionarizada. Isso porque a comunidade linguística exerce o papel de determinar, pelo uso, a sua inserção no acervo lexical da língua”.

Quanto à possibilidade de o neologismo ser ou não incorporado ao sistema da língua, Azeredo (2014) afirma que

[...] a vida dos neologismos é governada pelo mesmo princípio fundamental válido para o léxico como um todo: qualquer palavra só se mantém em uso se é necessária para designar uma ideia, um objeto, um conceito circulante na comunidade que a emprega. A debilitação ou esgotamento dessa serventia tem por consequência a raridade de uso ou mesmo a obsolescência da palavra. (AZEREDO, 2014, p. 401/402)

Quando se discutiram as características próprias do conhecimento lexical, pontuou-se, com base nas considerações de diversos autores, que o léxico de um falante é adquirido ao longo da vida e é variável de um falante para outro. Esse conhecimento lexical constitui-se das informações regulares (as regras morfológicas e semânticas que permitem a criação de novos significantes ou de novos significados para significantes já existentes) e das informações idiossincráticas (referente à memória dos itens lexicais aprendidos ao longo da vida).

Nesse sentido, os neologismos seriam as unidades lexicais que são sentidas como novas pela comunidade linguística. Para o estudo da neologia, entretanto, devido à necessidade de se adotar um critério, normalmente se adota o critério lexicográfico: considera-se como neológica uma forma que não conste de nenhum dicionário.

Há certa fragilidade em se utilizar o dicionário como parâmetro, já que

[...] é sabido que tal critério resente-se de maior precisão pelo fato de os dicionários não se atualizarem com mais frequência e, além disso, um dicionário jamais poderá conter todas as palavras de uma língua. Entretanto, por ser o menos subjetivo, esse é o critério mais usual entre os que trabalham com neologismos. (FERRAZ, 2008, p. 155)

Desse modo, Ferraz (2008) postula que se devem considerar também os critérios **diacrônico** e **psicológico**. O critério diacrônico baseia-se na comprovação da data de publicação de determinada palavra; o psicológico, na avaliação do sentimento de novidade que os usuários manifestam diante de um novo termo. O autor, todavia, reconhece a fragilidade e a dificuldade da aplicação prática desses dois últimos critérios, razão pela qual, em seu estudo, ele prioriza o critério lexicográfico.

Acrescenta-se, por fim, que, para o reconhecimento de um neologismo, podem-se considerar ainda as “instabilidades morfológicas ou gráficas” (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 17). Trata-se de dúvidas quanto à flexão de gênero, por exemplo, ou de palavras que são encontradas escritas de várias formas diferentes, revelando a tal instabilidade gráfica, como é o caso de *online*, *on line*, *on-line*.

Em relação aos processos pelos quais os neologismos se constroem, podem-se prever três mecanismos distintos: a construção de palavras, a reutilização, a partir de renovação de significado, e a importação de palavras de outras línguas.

Chega-se, pois, aos três principais tipos de neologismos que vêm sendo estudados:

Neologismos formais (ou neologismos vocabulares, ou neologismos lexicais, ou ainda, neologismos da língua) – são aqueles que se caracterizam pela fabricação de um novo significante (graças aos processos da composição ou derivação), e isso resulta em uma forma inédita no sistema linguístico: os neologismos formais, considerados “os verdadeiros neologismos” (VALENTE, 2011, p. 65). No intuito de sistematizar e melhor compreender os processos pelos quais se criam os neologismos formais, no próximo capítulo desta pesquisa serão apresentadas diferentes abordagens sobre os processos de formação de palavras, recolhidas nas principais gramáticas da língua portuguesa e em estudos especializados em morfologia.

Neologismos semânticos (ou neologismos conceituais, ou neologismos de sentido) – caracterizam-se pela atribuição de um significado novo a um significante já existente. A neologia semântica decorre, normalmente, da utilização da linguagem figurada.

Valente (2011), apoiando-se nos estudos de M. Louis Guilbert, aponta para três formas de ocorrência da neologia de sentido, aqui entendida como “toda mudança de sentido que ocorre em um dos três aspectos significantes do lexema, sem que intervenha simultaneamente uma modificação na forma significante deste lexema” (VALENTE, 2011, p. 66). As três formas da neologia de sentido seriam:

- a linguagem figurada;
- a conversão (a mudança afeta a categorização gramatical do lexema, mas o caráter semântico continua presente);
- a sociológica (quando termos próprios de linguagens específicas passam ao uso comum)

Neologismos por empréstimo – ocorrem quando há importação de palavras de outros idiomas, que pode resultar na integração delas ao sistema linguístico português.

Alves (2002) entende que os neologismos por empréstimo podem ocorrer em forma de **estrangeirismos** ou **decalques**. No grupo dos **estrangeirismos** estariam todos os vocábulos que são sentidos como externos ao sistema linguístico português, não fazendo parte, ainda, do acervo lexical do idioma. Trata-se, principalmente, de termos encontrados em vocabulários técnicos (esportes, economia, informática) ou de termos usados em textos que fazem referência à cultura de região estrangeira. O estrangeirismo, “nestes casos, imprime à

mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência”, (ALVES, 2002, p. 73) fato bastante comum na imprensa brasileira.

A autora chama atenção ainda para o fato de que, enquanto estrangeirismo, o elemento não faz parte do acervo lexical do idioma português, no entanto, pode (ou não) ocorrer uma integração, manifestada por adaptação gráfica, morfológica ou semântica.

A adaptação ortográfica da unidade lexical estrangeira não constitui uma regra. Muitos empréstimos já assimilados – abajur, xampu – revelam tal adaptação, porém, observa-se, com certa frequência, que a forma gráfica integrada ao português chega a concorrer com o elemento grafado segundo a língua de origem. (ALVES, 2002, p. 77)

Outro modo de entrada de itens estrangeiros ao sistema linguístico português, segundo Alves (2002) são os **decalques**. O decalque consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. Como exemplo, tem-se o sintagma *alta tecnologia*, decalcado do inglês *high technology*.

Os conceitos aqui expostos constituem a base teórica indispensável à análise dos neologismos selecionados para esta pesquisa. A partir dessas diretrizes, caberá a reflexão sobre a criatividade dos sujeitos-falantes da língua que, diante de padrões morfológicos predeterminados e internalizados, contribuem com inúmeras formas para ampliação do léxico. O trabalho de análise consistirá, pois, na divisão dos neologismos encontrados de acordo com a sua classificação, bem como na construção de possíveis interpretativos que deem conta de delinear e compreender a situação discursiva em que se produziu cada uma das palavras.

3 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

É um dos objetivos deste trabalho oferecer um panorama sobre o estudo dos processos de formação de palavras nas mais diversas fontes teóricas que se detiveram a pesquisar sobre o assunto. Em vista disso, é imprescindível que se consultem as principais gramáticas tradicionais da língua portuguesa, além das muitas obras especializadas em Morfologia que vêm sendo publicadas ao longo dos últimos anos.

3.1 O que dizem os gramáticos

Neste momento, o objetivo é um debruçar sobre algumas das mais conhecidas e importantes gramáticas do português, a fim de apresentar, resumidamente, a perspectiva de cada um dos autores no que diz respeito à seção em que se estudam os processos de formação de palavras. Além disso, caberá também a observação, em cada obra analisada, da presença ou da ausência do assunto “neologismo” na referida seção, já que essa é a área de especial interesse desta pesquisa.

Esclarece-se, pois, que, para tal apresentação, foram consultadas as seguintes gramáticas: a *Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, a *Gramática Histórica*, de Said Ali, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima, a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos Azeredo, e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara.

3.1.1 Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Manuel Said Ali

Recorreu-se também à *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Manuel Said Ali, cuja primeira edição é de 1931. Trata-se de uma das principais e mais antigas fontes de

estudo do português. No que diz respeito aos processos de formação de palavras, Said Ali (1966) postula que os dois grandes processos são a **composição** e a **derivação**. No primeiro caso, formam-se palavras combinando outras já existentes. Já a derivação “[...] toma palavras existentes e lhes acrescenta certos elementos formativos com que adquirem sentido novo, referido contudo ao significado da palavra primitiva”. (SAID ALI, 1966. p. 229)

Já àquela época, discutia-se a divisão tradicional desses dois processos e polemizava-se sobre algumas questões não resolvidas a contento. Said Ali (1966) reconhece que há grande dificuldade em se traçar a real fronteira entre a derivação e a composição. O estudioso pontua, em relação à derivação prefixal, por exemplo, que “[...] os prefixos são, na maior parte, preposições e advérbios, isto é, vocábulos de existência independente” (SAID ALI, 1966. p. 229). Isso significaria dizer que não se trata claramente de um caso de derivação, conforme já apontara Coutinho (1962), no entanto, apesar de pontuar essa inconsistência da descrição, Said Ali (1966) opta pela inclusão da prefixação como um caso de derivação.

Quando se estuda a derivação sufixal, também se encontra alguma dificuldade na distinção entre esse processo e o da composição. Segundo Said Ali (1966), tal fato se comprova quando observamos, por exemplo, o histórico do sufixo *-mente*. Em latim, *-mente* era um substantivo que se combinava a adjetivos, hoje, é tratado como um sufixo formador de advérbio.

No entanto, há que se fazer uma descrição e Said Ali (1966) a faz: da página 229 à página 264, sob o título *Formação de Palavras*, descrevem-se os mecanismos de **derivação** e **composição** que formam diversas palavras do idioma português.

Para o processo da **derivação**, o gramático prevê que existam palavras formadas por **derivação sufixal** e apresenta um estudo bastante detalhado sobre os sufixos mais produtivos do português em todas as suas variações. O mesmo ocorre com a **derivação prefixal**: ela está prevista como um processo formador de palavras e apresenta-se também um estudo minucioso sobre os principais prefixos.

Said Ali (1966) elenca também o processo da **parassíntese** como um caso de derivação, sendo um mecanismo especialmente formador de verbos. Explica-se que o processo da derivação ocorre quando um vocábulo novo se forma por acréscimo de um afixo: sufixo ou prefixo. “Ocorrem entretanto palavras, como os verbos, *ajoelhar*, *embarcar*, *apodrecer*, para cuja formação parece haver-se recorrido ao emprego simultâneo de um e outro processo derivativo. Dá-se-lhes o nome de parassintéticos” (SAID ALI, 1966, p. 254).

Said Ali (1966) reconhece que há raríssimos parassintéticos nominais, mas não os exemplifica. Para exemplificação, recorre a uma lista de parassintéticos verbais de base

substantiva, como *ajoelhar*, *abotoar*, *anoitecer*, *enraivecer* etc., e uma lista de parassintéticos verbais de base adjetiva, como *avivar*, *esvaziar*, *apodrecer*, *emudecer* etc.

Sobre a **derivação regressiva**, o autor observa que, ao contrário de todas as outras derivações, em que se obtém o vocábulo novo pelo acréscimo de um prefixo ou sufixo, aqui se dá justamente o contrário,

[...] obtendo-se a palavra nova não por adição, mas por subtração do elemento formativo. Dá-se este fenômeno por um erro de raciocínio. O termo preexistente é realmente primitivo, mas produz a impressão de ser derivado por causa de sua semelhança com outros vocábulos que, por sua vez, são derivados [...]” (SAID ALI, 1966, p. 256)

A título de exemplificação, Said Ali (1966) cita o substantivo *almoço*, que produziu o verbo *almoçar*, afirmando que, por conta disso, o povo acaba por criar regressivamente o substantivo *janta*, do verbo *jantar*.

É interessante registrar que, na *Gramática Histórica*, o processo conhecido como **derivação imprópria** (ou conversão), apesar de mencionado, não é elencado como um dos processos de formação de palavras. Para Said Ali (1966, p. 230), o enriquecimento do vocabulário que se dá a partir da mudança da classe gramatical das palavras (*o belo*, *o sublime*, *o ser*, *o jantar*) não deve ser considerado um processo morfológico e, sim, semântico, não devendo, pois, ser estudado no âmbito da Morfologia.

Chega-se à seção em que se estudam as palavras formadas por **composição** e cumpre registrar que Said Ali (1966) já apontava para uma das principais dificuldades no reconhecimento de uma palavra composta: a ortografia.

Não há ortografia uniforme para as palavras compostas: umas quer a convenção que se escrevam reunindo os termos em um só vocábulo; outras se representam interpondo o traço d’união; para outras finalmente é costume escrever os termos separadamente como se não houvesse composição alguma (SAID ALI, 1966, p. 259)

Na descrição do processo da composição, uma extensa lista de compostos é apresentada, levando em conta a natureza dos vocábulos utilizados na nova formação. Assim, apresentam-se compostos formados por substantivo + substantivo, substantivo + adjetivo, adjetivo + adjetivo, verbo + substantivo etc.

Vale observar, por fim, que na *Gramática Histórica* de Said Ali, datada de 1931, não há nenhuma referência aos **neologismos**. Esse termo, inclusive, não é sequer mencionado.

3.1.2 Gramática Histórica, Ismael de Lima Coutinho

Em primeiro lugar, visitou-se a *Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, edição revista e ampliada, de 1962. Vale informar que sua primeira edição é de 1938. Sob um capítulo intitulado *Constituição do léxico português*, registram-se quatro processos de formação de palavras: **derivação**, **composição**, **parassintetismo** e **onomatopeia**.

Na conceituação da derivação, vê-se que Coutinho (1962, p. 195) considera-a como um “[...] processo pelo qual de uma palavra já existente se forma uma nova com a adição de um sufixo, ou supressão, e ainda pela sua transferência para uma outra classe de palavras”. Já se percebe que não há qualquer referência à derivação pelo acréscimo de prefixos. Para a divisão dos tipos de derivação, o autor prevê a existência da **derivação própria** (ou progressiva), a **derivação imprópria** e a **derivação regressiva**.

A **derivação própria** ou progressiva é o que hoje se conhece por derivação sufixal. “A derivação própria é o processo que consiste na formação de um vocábulo novo com o auxílio de um sufixo”. (COUTINHO, 1962, p. 196) Os sufixos na língua portuguesa podem ser verbais ou nominais. Aqueles servem para formar verbos; estes, substantivos e adjetivos. Para advérbios, o único sufixo existente é o *-mente*. O autor oferece, então, uma extensa lista dos sufixos nominais e verbais, cuidando de esclarecer a procedência de cada um: sufixos latinos, gregos e até germânicos e ibéricos. Todos considerados importantes na constituição do léxico português.

Quanto à **derivação imprópria**, Coutinho (1962, p. 203) pontua ser o “[...] processo que consiste na mudança da classe gramatical das palavras, sem intervenção do sufixo”. Como exemplo principal, o gramático observa os inúmeros casos em que “[...] a simples anteposição do artigo a uma palavra de qualquer classe transforma-a em substantivo” (Coutinho, 1962, p. 203). Citam-se também os casos de adjetivos que passam a advérbios, como em *falar alto*, *vender caro*, e os casos de substantivos que passam a adjetivos, como em *menino prodígio*.

A **derivação regressiva** é o único processo em que se verifica a supressão de parte do vocábulo, em detrimento de um acréscimo. Coutinho (1962) prevê a existência de regressivos nominais e regressivos verbais. A exemplificação fornecida para o primeiro grupo contempla, em sua maioria, arcaísmos. A única forma que é utilizada até os dias de hoje é *boteco* (forma regressiva de *botequim*). Para o segundo grupo, os exemplos são vários e bastante conhecidos: *abalo*, *castigo*, *choro*, *ajuda*, *compra*, *desculpa*, *alcance*, *ataque*, *desgaste* etc. Quanto à

dificuldade em se reconhecer nos regressivos verbais se é realmente o substantivo que provém do verbo ou o contrário, o gramático resolve a questão com critério prático: se o substantivo denota ação, ele é o derivado; caso contrário, será o primitivo.

Já a **composição** “[...] é o processo de formação de palavras pela união de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria que se combinam para representar uma ideia nova e única: *sobrenadar, amor perfeito, fidalgo*”. (Coutinho 1962, p. 205)

Dois aspectos chamam atenção no estudo da composição apresentado em Coutinho (1962). Primeiramente, o gramático inclui a prefixação como um caso de composição, fato que já se observa quando, ao definir o processo da composição, o autor fala em “união de dois elementos vocabulares”. A opção pela não utilização da definição “união de dois radicais” dá respaldo e validade para a inclusão da prefixação como um caso de composição. Unem-se “elementos vocabulares”, assim, um prefixo e um radical são elementos vocabulares que podem se unir. Até hoje, há polêmica e divergência entre os teóricos em relação à existência autônoma ou não dos prefixos, o que garantiria às palavras formadas por prefixação o direito de figurarem entre os casos de compostos. Isso ocorre, pois muitos prefixos dissilábicos, em sua origem, são advérbios ou preposições (como é o caso de *contra-* ou *entre-*), desse modo podem ter existência autônoma na língua. Já os prefixos monossilábicos (como *des-* ou *re-*) não se realizam de forma independente no idioma.

Chama atenção, em segundo lugar, o fato de o autor utilizar como exemplos de elementos formados por composição palavras como *fidalgo*, demonstrando a opção por uma perspectiva diacrônica de análise, que pode não ser a melhor. No entanto, em se tratando de uma gramática histórica, datada de 1962, acredita-se que, à época, era a perspectiva mais amplamente abordada e aceita.

Coutinho (1962) observa, pois, que a **composição** se dá de três modos: pela **prefixação**, pela **justaposição** (também chamada por ele **composição perfeita**) e pela **aglutinação (composição imperfeita)**. Ao estudar os casos de prefixação, a exemplo do que fizera com os sufixos, o gramático fornece uma lista dos prefixos gregos e latinos, todos devidamente exemplificados. Também para a justaposição e a aglutinação aparecem dezenas de exemplos – muitos deles arcaísmos, ou palavras em que a noção de composição já se perdeu e só pode ser resgatada por uma análise diacrônica da língua.

Os dois últimos processos apontados por Coutinho (1962) são o **parassintetismo** – que hoje se conhece como derivação parassintética ou parassíntese – e a **onomatopeia**. O parassintetismo seria “[...] a combinação do processo da derivação sufixal, ou derivação própria, com o da prefixação” (Coutinho, 1962, p. 214) e, através desse processo, criam-se

parassintéticos verbais (*embarcar, abraçar, pernoitar*) e parassintéticos nominais (*desalmado, desconfiança*). Em relação ao processo conhecido como **onomatopeia**, o autor pontua que se trata da criação de uma palavra a partir da tentativa de reproduzir um som ou ruído. Assinala-se, ainda, que nunca se consegue uma perfeita identidade entre o vocábulo criado e o ruído originário, há apenas uma aproximação. Observa-se, por fim, que entre os povos primitivos tal processo era muito comum, e há exemplos que permanecem até hoje, sobretudo na reprodução imitativa das vozes dos animais: *cocorocó, cricri*.

Cumpra ainda registrar que Coutinho (1962), ao final desse grande capítulo em que se discute a constituição do léxico português, dedica uma seção especial para refletir sobre os **neologismos**. O gramático pontua que os neologismos “[...] são palavras ou expressões novas que se introduzem ou tentam introduzir-se na língua” (Coutinho, 1962, p. 254). Já nessa primeira observação vê-se a preocupação do autor em reconhecer que nem todas as palavras criadas passam a integrar, de fato, o sistema da língua. Além disso, Coutinho (1962, p. 254) não se furta a esclarecer que também se considera neologismo “[...] o uso de uma palavra antiga com acepção nova”. Trata-se daquilo que hoje é conhecido como **neologismo semântico**.

Todavia, há o cuidado de justificar a origem dos neologismos bem como o de informar as condições necessárias para que um termo se crie:

É que o espírito humano possui a ânsia incontida de novidade. Alcançada uma vitória em qualquer ramo de atividade, não descansa sobre os louros colhidos, mas lança-se a novas pesquisas, satisfazendo assim a sua natural curiosidade de conhecimentos [...] A assinalar as novas conquistas nas ciências, nas artes, nas letras, na indústria, no comércio etc, fica, no vocabulário de cada povo, um número apreciável de termos, que serve bem de índice aos estranhos para avaliarem do seu grau de cultura. Mas disso não se segue que o neologismo seja sempre aconselhável, importe sempre ideia de benefício ou de riqueza para a língua, porque a criação de um vocábulo novo deve estar sempre condicionada ao imperativo da necessidade. (COUTINHO, 1962, p. 254)

Desse modo, Coutinho (1962) reconhece que as atividades humanas, múltiplas e variadas, estão sempre em evolução. Em evolução devem estar, portanto, as palavras de uma língua, pois a elas cabe a tarefa da designação: novas atividades, novas necessidades de designação. É a essa necessidade que os neologismos vêm atender. O gramático ressalta, ainda, a importância de os novos termos serem criados em acordo com as regras morfológicas para a formação de palavras da língua portuguesa, afinal é isso que garante à comunidade falante o entendimento do novo vocábulo. Por fim, Coutinho (1962) elenca as principais fontes das criações neológicas: nomenclatura técnica, importação estrangeira e gíria.

3.1.3 Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Rocha Lima

Na *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima, cuja primeira edição é de 1957, os processos de formação de palavras são trabalhados no capítulo 16, que vai da página 199 à página 227. Rocha Lima (1999) inicia o estudo conceituando **derivação** e **composição**. Assim como Coutinho (1962), Said Ali (1966) e Cunha & Cintra (1985), ele também reconhece a difícil fronteira entre a derivação prefixal e a composição, tendo em vista a existência autônoma de alguns prefixos. Entretanto, adota como critério tratar todos os casos como derivações prefixais.

Assim, em uma seção específica para o estudo da **derivação prefixal**, o autor se detém a explicar os sentidos e significações dos principais prefixos gregos e latinos que compõem as palavras da língua portuguesa. Além destes, mencionam-se, também, afixos de outras procedências: italianos, germânicos, ibéricos ou tupis. O mesmo ocorre na seção destinada à **derivação sufixal**.

Em seguida, aparecem a **derivação parassintética** e a **derivação regressiva**. A primeira consiste na criação de palavras com “auxílio simultâneo de um prefixo ou sufixo” (ROCHA LIMA, 1999, p. 213). Nesse item, o autor inclui uma observação em relação a palavras como *deslealdade*, cujo processo de formação não se caracteriza pela simultaneidade na colocação dos afixos, ao contrário, pois já existem as palavras *desleal* e *lealdade*. Rocha Lima (1999, p. 214) esclarece, pois, que em tais casos haveria ou uma derivação prefixal (acréscimo do prefixo *des-* à já existente base *lealdade*) ou uma derivação sufixal (acréscimo do sufixo *-dade* à palavra *desleal*).

Como último caso de derivação, Rocha Lima (1999) apresenta a **derivação regressiva**, processo oposto aos das outras derivações, afinal, este resulta da redução de um termo, enquanto aqueles consistem sempre em ampliação, pelo acréscimo de afixos. A derivação regressiva seria responsável pela criação de muitos substantivos a partir de verbos (*embarque*, de *embarcar*; *disputa*, de *disputar*), fato pelo qual esse processo também se chamaria derivação deverbal.

O **hibridismo** também é um processo elencado por Rocha Lima (1999) e consiste na criação de palavras a partir de elementos de procedências diferentes, como *automóvel* (*auto* – grego, e *móvel* – latim).

No estudo da **composição**, o autor discorre sobre os dois mecanismos através dos quais se formam palavras compostas no português: a justaposição e a aglutinação. A diferença

seria o fato de que os elementos compostos podem “[...] apenas justapor-se, preservando cada qual sua integridade de forma e sua acentuação ou aglutinar-se mais ou menos intimamente, subordinados a um acento único, perdendo-se então alguns elementos morfológicos” (ROCHA LIMA, 1999, p. 225).

A título de exemplificação, Rocha Lima (1999) propõe uma lista de compostos, divididos pela natureza das palavras que lhes deram origem: substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo etc.

Ao final desse capítulo são previstos ainda os seguintes processos de formação de palavras, chamados de “tipos subsidiários” (ROCHA LIMA, 1999, p. 227): **abreviação** (*auto / automóvel*), **onomatopeia** (*tique-taque*), **sigla** (*ONU / Organização das Nações Unidas*), **hipocorísticos** (nascidos no âmbito familiar: *Filó / Filomena*) e **braquissemia** (próclise de prenome antes de nome de família: *Martim / Martinho*).

Em nenhum momento Rocha Lima (1999) faz referência a **neologismo**, ou à criação de palavras novas. O autor se detém, apenas, à apresentação teórica dos processos de formação de palavras e recorre, para exemplificação, a palavras já existentes há tempos na língua, algumas até nem são mais usadas atualmente.

3.1.4 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha & Lindley Cintra

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra tece sua primeira edição em 1985. Trabalha-se, na *Nova Gramática*, o assunto *Formação de Palavras* em dois capítulos, que ocupam um espaço da página 75 à página 114. Há o capítulo 5, intitulado *Classe Estrutura e Formação de Palavras*, em que se apresenta o conceito de morfema, palavra primitiva, palavra derivada e os elementos estruturais das palavras (radical, vogal temática, prefixo, sufixo etc); e há o capítulo 6, chamado *Derivação e Composição* que trata, obviamente, desses dois grandes processos.

Observou-se, sobretudo, o capítulo 6, que já inicia com a apresentação do estudo da **derivação prefixal**. Com relação a esse tipo de derivação, é importante pontuar a preocupação dos autores em demonstrar, em acordo com Said Ali (1966), que há diferença entre as formações de palavras que se originam pelo acréscimo de prefixos que

[...] são meras partículas, sem existência própria no idioma, como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso, haveria derivação; no segundo, seria justo falar em composição. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 83,84)

Apesar de reconhecerem tal especificidade, os autores esclarecem que preferem tratar todos os casos como **derivação prefixal**, uma vez que entendem a dificuldade no estabelecimento dessa diferenciação. Passa-se, pois, ao estudo dos prefixos e apresentam-se duas listas: uma referente aos prefixos latinos, a outra contemplando os prefixos gregos. Não há estudo de prefixos de outras procedências.

Na seção que se destina à **derivação sufixal**, há a preocupação em estabelecer uma divisão entre os sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos adverbiais (formadores de advérbios) e os sufixos verbais (formadores de verbos).

A partir dessa divisão, os autores privilegiam uma seção específica para o estudo de cada um dos tipos de sufixo. Na parte destinada aos sufixos nominais, por exemplo, contempla-se a análise dos sufixos aumentativos e diminutivos. Nesse ponto, destaca-se a apresentação de uma lista dos principais sufixos (aumentativos ou diminutivos) do português e uma breve descrição das situações de uso de cada um deles, com eventual enfoque nos aspectos semânticos dessa utilização, conforme se verifica nos exemplos abaixo:

[...] **-anzil**. Este sufixo, que ocorre em corpanzil, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z-*. Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 89) [...]

-eco, -ico. [...] O primeiro tem valor acentuadamente pejorativo: *folheca, jornaleco, livreco*. [...] O segundo aparece como diminutivo afetivo, não só de substantivos comuns (*amorico, burrico*), como também em nomes próprios (*Anica, Joanica*). (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 92)

No que tange ao estudo dos sufixos verbais, também se verifica uma preocupação semântica na apresentação desses afixos. Aparece, nessa seção, uma lista dos principais sufixos e dos valores de sentido que eles emprestam aos verbos que formam.

Quanto aos sufixos adverbiais, o único elencado é o *-mente*, que “[...] passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 101). Exemplifica-se o caso com: *bondosa + mente* e *fraca + mente*. Não há nenhuma referência a advérbios formados por esse sufixo que indiquem outras circunstâncias, como *brevemente* (tempo), por exemplo.

Contempla-se também o processo da **derivação parassintética**, item no qual os autores fazem observações em relação à produtividade do processo na criação de verbos do português (*abotoar, amanhecer*).

Em relação à **derivação regressiva**, Cunha & Cintra (1985), assim como Said Ali (1966), expõem a principal diferença entre esse e os outros processos derivacionais. Enquanto estes ampliam palavras já existentes, aquele as reduz. Esclarece-se, ainda, que a derivação regressiva é responsável pela criação de substantivos a partir de verbos (denominados, por esse motivo, *substantivos deverbais*). Para exemplificar, apresentam-se, entre outros: *abalo* (de abalar) e *choro* (de chorar).

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, a **derivação imprópria** é prevista como um dos processos de formação de palavras. Ali, os autores pontuam que há “um enriquecimento vocabular pela mudança de classe gramatical das palavras”, que aparece, por exemplo, em uma frase como: “Esperava *um sim* e recebeu *um não*” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 103) em que as palavras *sim* e *não*, originalmente advérbios, funcionam como substantivos. No entanto, há uma observação em que os autores, em acordo com o estudo de Said Ali (1966), reconhecem que

[...] a rigor, a derivação imprópria (também chamada de conversão ou habilitação ou hipóstase, por linguistas modernos) não deveria ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, não à da morfologia. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 104)

Passa-se, pois, ao estudo da **composição**. Os gramáticos esclarecem que a palavra composta “representará sempre uma ideia autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, de um doce” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 104). Na especificação dos tipos de composição, há uma divisão entre os aspectos formal e de sentido.

Quanto ao aspecto formal, apresenta-se a divisão clássica dos dois processos: a **composição por justaposição** e a **composição por aglutinação**. Quanto ao sentido,

[...] distingue-se numa palavra composta o elemento determinado, que contém a ideia geral, determinante, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o determinado, e *modelo*, o determinante. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o determinante e *pátria*, o determinado. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 105)

Destaca-se, ainda, a observação em relação aos compostos portugueses: segundo os autores, nas palavras compostas da língua portuguesa, em geral, o determinado precede o determinante. Há, ainda, a título de exemplificação, a preocupação dos autores em fornecer uma série de paradigmas a partir dos quais os compostos se formam mais comumente no idioma português: substantivo + substantivo, verbo + substantivo, substantivo + adjetivo etc.

Convém informar a inclusão de um processo de formação de palavras a que os autores chamam **recomposição**. Trata-se dos casos em que um determinado prefixo (nesses casos denominado *pseudoprefixo*) abarca o significado total da palavra e passa a expressar tal sentido em uma série de outros compostos que virá a formar, como, por exemplo, em *automóvel*, palavra formada pelo prefixo *auto-* + *móvel*, que indicaria veículo movido por si mesmo. O prefixo *auto-* abarcou a totalidade de significação de tal vocábulo, fato que explica o surgimento de palavras como *autódromo* (local onde os carros correm) e *autoestrada* (estrada para carros). Diz-se, portanto, que se trata de um caso de **recomposição**.

Cunha & Cintra (1985) trabalham ainda os seguintes processos: **hibridismo**, **onomatopeia**, **abreviação** e **siglas**. O **hibridismo** consiste na formação de vocábulos pela junção de elementos de línguas diferentes, e constam como exemplos: *automóvel* (o primeiro elemento grego, o segundo latino) e *sociologia* (primeiro latino, segundo grego). A **onomatopeia** é responsável pela criação de palavras imitativas. Observa-se a predominância de verbos e substantivos denotadores de vozes de animais: *coaxar* (do sapo) e *cicio* (da cigarra). O processo da **abreviação** é relacionado à economia linguística e é responsável pela existência de formas como *pneu* (para *pneumático*) e *quilo* (para *quilograma*). Também de natureza reducionista e característico de uma linguagem econômica, o último processo de formação de palavras elencado é o processo de criação por **siglas**: *ONU* (para *Organização das Nações Unidas*).

Observa-se, por fim, que não há, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, qualquer referência ao estudo da neologia, tampouco aos **neologismos**.

3.1.5 Moderna Gramática Portuguesa, Evanildo Bechara

A *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara foi editada pela primeira vez em 1999. Para o estudo da morfologia das palavras, é destinado na *Moderna Gramática* um grande capítulo – vai da página 350 à página 418 – que se subdivide em cinco itens: *Estrutura*

das palavras, Formação das palavras do ponto de vista constitucional, Estudo estrutural do léxico: lexicomática, Formação de palavras do ponto de vista do conteúdo e Alterações semânticas.

Diferentemente da maioria das gramáticas estudadas, excetuando-se a obra de Azeredo (2014), na *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, Bechara (2015) inicia a descrição dos processos de formação de palavras – no segundo item *Formação das palavras do ponto de vista constitucional* - já apresentando o conceito de *neologismo*. O gramático inicia essa seção tecendo uma reflexão sobre a renovação do léxico. Segundo Bechara (2015, p. 369), as múltiplas atividades dos falantes na vida em sociedade favorecem a criação de palavras novas, para atender às necessidades culturais ou científicas da comunicação.

Dessa forma, surgem os neologismos, que vêm ao encontro da necessidade de renovação. Os caminhos pelos quais os neologismos surgem são vários: pelos processos formais (de **derivação** e **composição**) e pela incorporação de palavras de outras línguas: os **empréstimos** (palavras tomadas para uso) e os **calcos linguísticos** (palavras traduzidas para o idioma português).

O gramático chama especial atenção para outra fonte de renovação do léxico: as chamadas **lexias**. Também conhecida como **sinapsia**, a lexia complexa consiste na formação de sintagmas complexos (que podem ser constituídos de dois ou mais elementos). A fim de reconhecer uma **lexia**, diferenciando-a de um elemento formado por composição, Bechara (2015, p. 370) elenca alguns aspectos importantes, dentre eles: o fato de a natureza da dependência entre os elementos ser sintática (e não morfológica); a constância de se verificar sempre o emprego de preposições entre os elementos; e o caráter único e constante do significado. Como exemplo de lexia, tem-se *negócio da China*.

Bechara (2015, p. 370) apresenta, ainda, o conceito das palavras compostas por **disjunção** e por **contraposição**. Nos **compostos por disjunção**, “[...] o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim, *peixe-espada* é um peixe que se assemelha a uma espada e *opinião pública* é uma opinião que é pública”. Nota-se que “[...] nos compostos por disjunção nem sempre os elementos se juntam graficamente, mesmo que seja evidente a lexicalização” (BECHARA, 2015, p. 370).

Com relação aos **compostos por contraposição**, o gramático pondera que se trata de uma formação a partir de dois substantivos, quando “[...] o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro” (BECHARA, 2015, p. 371). A título de exemplo, aparecem as formas *escola-modelo*, *carro-bomba*, *navio-escola*.

Os processos de derivação e composição tradicionalmente descritos têm lugar na seção que se destina ao assunto. Sob o título *Processos de formação de palavras* o gramático postula que a **derivação** e a **composição** são os principais processos do ponto de vista “da expressão ou da constituição material” (BECHARA, 2015, p. 373).

Ao tratar da **composição**, Bechara (2015), além de apresentar a divisão tradicional deste processo em composição por **justaposição** e por **aglutinação**, trabalha com a ideia da **coordenação** ou da **subordinação** entre os elementos que se juntam para dar origem ao item composto. Nos compostos formados por coordenação, observa-se que um dos substantivos funciona como oposto do outro, em geral o segundo (*couve-flor*, *carro-dormitório*), todavia, há de se considerar a possibilidade de ocorrer o inverso (*papel-moeda*, *mãe-pátria*). Já em compostos formados por subordinação, há sempre um elemento determinante e um elemento determinado (*arco-íris*, *estrada de ferro*).

O processo de **derivação** é apresentado em suas duas subdivisões mais tradicionalmente conhecidas: a **derivação prefixal** e **derivação sufixal**. Em relação à primeira, Bechara (2015, p. 375) pondera que alguns prefixos “[...] assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária” e que, por esse motivo, vários autores fazem da prefixação um processo de composição de palavras. Sobre a **derivação sufixal**, consideram-se, além do aspecto morfológico, as noções semânticas subjacentes ao uso do sufixo, como a ideia de carinho expressa muitas vezes pelo uso do diminutivo (como em *mãezinha* e *paizinho*). Seguem-se, pois, uma lista dos principais sufixos e uma lista dos principais prefixos formadores de palavras na língua portuguesa e seus devidos significados.

Os outros processos de formação de palavras a que se refere Bechara (2015) são: **formação regressiva**, **abreviação**, **reduplicação** (onomatopeia), **conversão**, **combinação** e **intensificação**.

A **formação regressiva**, ou derivação regressiva, como é mais comumente chamada, é o processo em que se reduz uma forma, em vez de aumentá-la. O autor ressalta o fato de que esse processo “[...] consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar*, tiramos *atraso*, de *embarcar*, *embarque*” (BECHARA, 2015, p. 388).

O processo da **abreviação** consiste no emprego de parte de uma palavra pelo todo, usa-se *foto*, por exemplo, para *fotografia*. Como um caso especial do processo da abreviação, Bechara (2015) inclui o processo de criação por siglas, *PUC*, para *Pontifícia Universidade Católica* ou *UERJ*, para *Universidade do Estado do Rio de Janeiro* e não se furta a ressaltar o

fato de que “[...] destas abreviações se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uerjiano*, *uspiano*, *petista* etc.” (BECHARA, 2015, p. 389)

Os processos da **combinação** e da **intensificação** apresentam inovações conceituais e/ou terminológicas em relação ao que foi postulado pelas gramáticas estudadas anteriormente. A **combinação** consiste em um caso especial de composição em que “[...] a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos termos que entram na formação, como em *portunhol* (português + espanhol) e *cantriz* (cantora + atriz).” (BECHARA, 2015, p. 390). Já a **intensificação** caracteriza-se pela “[...] expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre o *-izar*: *agilizar* por *agir*, *culpabilizar* por *culpar* etc.”. (BECHARA, 2015, p. 390)

Entendendo que discutir os processos de formação de palavras inevitavelmente ultrapassa as barreiras dos estudos exclusivamente morfológicos, Bechara (2015) finaliza o grande capítulo do estudo da formação das palavras propondo uma seção em que se dedica a pensar sobre a *Formação de palavras sob o ponto de vista do conteúdo* e uma outra em que trabalha as *Alterações semânticas das palavras*.

A fim de aprofundar-se na análise das palavras sob o ponto de vista do conteúdo, Bechara (2015) observa que o estudo da formação de palavras deve ser sempre fundado no significado, pois se trata de questões que são indissociáveis do estudo da semântica funcional, afinal, “[...] a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos ‘paragramaticais’ e fatos puramente léxicos” (BECHARA, 2015, p. 408). O autor esclarece que chama de fatos ‘paragramaticais’ exatamente porque encerram uma ‘gramática do léxico’, que não deve ser confundida com a gramática tradicional, pois, “[...] na formação de palavras estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que se conhecem na morfossintaxe” (BECHARA, 2015, p. 408). Para exemplificação, o autor traz a formação de coletivos, como *arvoredo*, *laranjal* etc. Trata-se, nesses casos, de uma pluralização que não envolve um simples plural (*árvores*, *laranjas*), mas sim uma pluralização que se dá como unidade.

O último ponto de reflexão em relação aos processos de formação de palavras também é uma inovação em relação à maioria das gramáticas consultadas. De modo semelhante ao que se encontra na *Gramática Houaiss*, Bechara (2015, p. 413) postula que “[...] nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva ‘esfera semântica’ e assume valores novos”. Desse modo, o autor reconhece que a mudança de significado das palavras é também um processo através do qual o léxico da língua se renova. Portanto, sob o título *Alterações semânticas*, Bechara (2015) discute essa questão e aponta os mecanismos que podem propiciar a mudança

de significado das palavras: a metáfora, a metonímia, a catacrese, o eufemismo etc. Em todos esses casos, o significado novo produzido representa uma inovação no léxico do idioma.

Vale comentar, ainda, a informação trazida por Bechara (2015) que trata dos casos em que as alterações de significado são provocadas por extensão de significado (*embarcar*, hoje, significa entrar em qualquer condução), por enobrecimento de significado (*pedagogo*, antes era o escravo que conduzia as crianças à escola) ou por enfraquecimento de significado (*bajular*, levar alguém às costas, permaneceu apenas a ideia da servidão).

Bechara (2015) chega ao fim de sua explanação sobre as *alterações semânticas* relembando outros aspectos semânticos, como a polissemia, a homonímia, a sinonímia, a antonímia e a paronímia. Apesar de não se tratar especificamente do assunto formação de palavras, parece justa a inclusão dessa informação, visto que alterações de significado também representam renovações lexicais.

3.1.6 Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, José Carlos Azeredo

A última importante gramática visitada foi a *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, de José Carlos Azeredo, que teve sua primeira edição em 2008. Nessa obra, o estudo dos processos de formação de palavras ocorre em um grande capítulo intitulado *SEXTA PARTE – O Léxico: Formação e Significação das Palavras*. A leitura do título já nos revela que, aqui, além de questões relativas à forma das palavras, serão trabalhados também os aspectos semânticos dos vocábulos. Essa *SEXTA PARTE* compõe-se de cinco capítulos: capítulo 17 - *O Léxico Português*, capítulo 18 – *O significado Lexical: Conceitos Básicos*, capítulo 19: *Relações Semânticas no Léxico*, Capítulo 20 – *Relações Morfossemânticas no Léxico I: A Composição* e o Capítulo 21 - *Relações Morfossemânticas no Léxico II: A Derivação*.

A *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta uma perspectiva bastante inovadora no que se refere aos processos de formação de palavras. Isso ocorre porque esse estudo, além de demonstrar preocupação com os aspectos semânticos inerentes à produtividade lexical da língua, tem o cuidado de incluir na descrição gramatical exemplos muito atuais, provando que tal descrição não se resume a uma análise diacrônica, ao contrário, existe uma preocupação sincrônica na apresentação dos fatos da língua. Verifica-se, inclusive, a presença de criações neológicas utilizadas para exemplificação.

No capítulo 17, *O Léxico Português*, Azeredo (2014, p. 394) propõe uma reflexão sobre a formação do léxico da língua portuguesa e aponta que há três grandes “grupos de formas” que deram origem às palavras do vocabulário português: as palavras herdadas do latim, os empréstimos (palavras provenientes de outras línguas) e as palavras formadas com os recursos morfológicos produtivos da língua. Em relação a esse último item, o autor preocupa-se em discutir que as palavras de uma língua não pertencem a um “estoque guardado na memória”, algumas delas, sim; mas não todas.

Isso se justifica pela possibilidade de criação de termos a partir da combinação de lexemas ou de morfemas. Desse modo, há de se considerar que

[...] o lexema *cabide*, por exemplo, é do tipo que precisa ser memorizado como uma associação exclusiva e cem por cento arbitrária entre forma e significado. O caso de *guarda-roupa* é diferente: mesmo uma pessoa que nunca tenha ouvido esta palavra encontrará em sua forma aparente uma pista para a significação. (AZEREDO, 2014, p. 395)

Da mesma forma os falantes processam significados de palavras como *capaz/incapaz* e *leal/ desleal*. Segundo Azeredo (2014, p. 395), a primeira palavra de cada par precisa ser memorizada pelos falantes, pois pertence à parte do “estoque guardado na memória”. Já as palavras *incapaz* e *desleal* foram criadas com base em uma regra morfológica já internalizada pelos falantes: “o acréscimo de *in-* ou *des-* a um lexema dá origem a um segundo lexema que é antônimo do primeiro”. Essa capacidade da língua de se ampliar a partir da combinação de morfemas e lexemas obedece às regras já descritas dos processos de formação de palavras.

A respeito dos processos de formação de palavras aliados à renovação do léxico, Azeredo (2014, p. 396) ressalta a necessidade de se entender a competência lexical do falante, pois “o conjunto de morfemas, as regras que os combinam em palavras e as próprias palavras daí resultantes fazem parte do que se chama a competência lexical de uma pessoa em determinada língua”.

Para que melhor se compreenda a competência lexical, é importante analisar os mecanismos de produção e compreensão de palavras tendo em mente que nem toda palavra formada pela união de dois morfemas (sejam dois morfemas lexicais ou um morfema lexical e um derivacional) é passível de ser analisada de forma simples. Analisem-se, pois, as palavras *produzir/reduzir* e *inteligente/inteligência*. Não se pode afirmar que tais palavras sejam formadas “sobre outras palavras”, como no caso de *incapaz* (formado a partir de *capaz*). Entretanto, é possível verificar que *produzir* e *inteligente* são formadas, respectivamente, por *pro-* + *duzir* e *intelig* + *-ente*.

Essa discussão fornece subsídio para concluir que

[...] nem sempre é fácil decidir se uma palavra é ou não divisível em dois ou mais morfemas. Quando temos certeza dessa divisibilidade, dizemos que a palavra em questão apresenta um alto grau de transparência (ex: *infeliz*, *guarda-roupa*); quando temos certeza de que a palavra é indivisível, é porque a palavra é opaca (ex: *feliz*, *cabide*); quando, entretanto, temos dúvida, é porque o grau de transparência é baixo (ex: *proferir*). (AZEREDO, 2014, p. 397)

Por entender o nível de complexidade na análise do léxico da língua portuguesa, Azeredo (2014, p. 397) traz ainda uma importante contribuição para o estudo das palavras e seus processos de formação apresentando dois mecanismos que fazem parte da competência lexical dos falantes: as **regras de análise estrutural** (RAE), que são as regras necessárias para o reconhecimento do morfema e suas contribuições na significação da palavra, importantes, principalmente, quando o item lexical tem baixo grau de transparência; e as **regras de formação de palavras** (RFP), que são aquelas que explicam a criação dos novos itens.

Essas regras servem, por exemplo, para a análise de termos como *inteligente* e *proferir*, uma vez que eles podem ser alvo de uma análise estrutural (RAE), todavia não há como explicá-los tendo em vista as regras para a formação de palavras (RFP). Isso se dá, provavelmente, porque datam de muito tempo atrás, logo, perdeu-se a noção da palavra dita primitiva a partir da qual se formaram. Daí a importância da distinção da diacronia e da sincronia na abordagem desse assunto.

No que tange à competência lexical dos falantes, Azeredo (2014) propõe uma discussão dos aspectos referentes à **produtividade** e à **criatividade**. Para o autor, o princípio que norteia a consagração (ou não) de uma palavra, bem como a modificação de seu significado, por ampliação ou por restrição, é a criatividade da comunidade que a utiliza. A palavra *embarcar*, por exemplo, teve seu significado original (*entrar em um barco*) ampliado, passando a nomear o ato de entrar em qualquer tipo de transporte. O mesmo ocorre com *inflação*, que em princípio significaria apenas o “ato de inflar”, mas, por uma restrição de significado, adquiriu o sentido de “média da elevação dos preços”.

A relação da criatividade com a produtividade se dá uma vez que

[...] a criatividade é o fundamento da contribuição circunstancial, ordinariamente particularizadora e frequentemente expressiva, que os falantes adicionam ao significado das formas criadas pelos mecanismos regulares que constituem a produtividade. (AZEREDO, 2014, p. 398)

A criatividade é, portanto, uma ação individual; a produtividade, coletiva. O autor acrescenta ainda que um modelo produtivo pode ser gerado a partir de um ato de criatividade e exemplifica com a palavra *sambódromo*. Após o surgimento dela (um ato criativo), eclodiram várias outras criações populares, *camelódromo*, *beijódromo*.

Chama atenção, na *Gramática Houaiss*, a preocupação em não prescindir de uma seção específica para tratar dos neologismos, assunto não abordado na maioria das gramáticas da língua portuguesa. Na referida seção, Azeredo (2014, p. 399/400) assinala que “[...] ao conjunto dos processos de renovação lexical de uma língua dá-se o nome de **neologia**, e às formas e acepções criadas ou absorvidas pelo seu léxico, **neologismos**”. Em seguida a tal definição, preocupa-se em discutir os fatores que levam a determinar um neologismo a ser assimilado pelos falantes de uma língua e passar a circular como parte integrante do vocabulário. Além dos fatores históricos e socioculturais, há um fator estrutural, uma condição de funcionamento do próprio sistema linguístico: o **bloqueio**. O bloqueio diz respeito à impossibilidade de criação de uma palavra para cujo significado já exista outra. Desse modo, Azeredo (2014, p. 400) sinaliza que “[...] não se cria uma palavra com um dado radical e um dado significado se já existe na língua outra palavra com o mesmo radical”, portanto “[...] o bloqueio é um princípio auxiliar de outro princípio mais geral: a economia linguística”.

Sabendo, pois, que somente formas cujo significado seja inédito podem ser objeto de análise quanto à renovação do léxico, convém registrar que essas criações vernáculas podem ser inovações morfológicas ou inovações semânticas, as “criações vernáculas formais” e as “criações vernáculas semânticas” (Azeredo, 2014, p. 401). O primeiro grupo é aquele em que o significante é inédito e foi criado a partir das regras estruturais do sistema linguístico para a formação de palavras (derivação e composição). Para este primeiro grupo, podem-se citar exemplos como *bafômetro* ou *sem-terra*. Já o segundo grupo caracteriza-se por apresentar uma inovação quanto ao significado para um significante já existente, a exemplo de *laranja* (pessoa cujo nome é usado em lugar do de alguém, em transações comerciais) e *torpedo* (mensagem de texto enviada pelo celular).

Outro aspecto compreendido pela neologia e merecedor de investigação diz respeito aos **estrangeirismos** ou **empréstimos linguísticos**. A forma como as palavras estrangeiras se incorporam à língua portuguesa determina um processo diferente de neologia. Há, por exemplo, os casos em que os estrangeirismos conservam sua grafia original, como em *mouse* (acessório para computador) e *rack* (móvel para televisão). Nesses casos, diz-se que se trata

de um **xenismo**. Há também as **adaptações**, que consistem em submeter às regras do português a palavra estrangeira, como em *checar* (apurar a verdade, do inglês *check*).

Azeredo (2014) cita, ainda, os **decalques** e as **siglas**, como processos de ampliação do léxico a partir da incorporação de palavras estrangeiras. No primeiro caso, trata-se de traduções literais do estrangeirismo (*centroavante*, termo do futebol, do inglês *center-foward*); no segundo, empregam-se as iniciais das palavras da expressão estrangeira (*PC*, *personal computer*).

Essa seção em que se estudam os neologismos e seus processos de criação encerra-se com a reflexão de que há alguma dificuldade em se reconhecer um neologismo, “pois não há, para isso, instrumentos de medida e avaliação” (Azeredo, 2014, p. 402). O autor aponta ainda para os domínios discursivos em que as criações neológicas são mais presentes, como, por exemplo, o jornalismo e a literatura, pelo uso artístico e expressivo da palavra, sinalizando, porém, que

[...] ao criar o seu texto o autor pode produzir conscientemente uma forma, e muitas vezes explicitar essa consciência com um recurso gráfico qualquer, como aspas ou itálico [...]. Uma vez posta em circulação, porém, a forma neológica pode ser notada como tal por seus usuários e não o ser por outros, e à medida que seu emprego se repete e se expande, é possível que a consciência da neologia se torne cada vez mais clara (AZEREDO, 2014, p. 402)

Como se percebe, entre todas as gramáticas visitadas, a *Gramática Houaiss* é a obra que contempla de forma mais completa o estudo sobre a neologia e os neologismos.

É de se notar que essa grande *SEXTA PARTE* em que se abordam os processos de formação de palavras traduz-se em um estudo muito mais amplo, afinal, o objetivo é examinar o léxico português, a formação e a significação das palavras. Aparecem, pois, dois grandes capítulos em que se discute o significado das palavras: são os capítulos 18 e 19.

Nos capítulos subsequentes, capítulos 20 e 21, Azeredo (2014) trabalha a **composição** e a **derivação**, respectivamente, e algumas questões muito relevantes são colocadas. No que tange à composição, por exemplo, o autor inicia a conceituação desse processo pontuando a importância de serem observadas em uma palavra composta as suas características gramaticais e semânticas. Estas, segundo Azeredo (2014, p. 444), são o diferencial entre uma palavra composta e “uma construção sintática estável”. Uma das características gramaticais elencada trata da não possibilidade de adjetivação independente de um dos termos do elemento composto. Isso quer dizer que, na palavra composta *pé de vento*, qualquer adjetivo deve ser atribuído ao conjunto, o que não ocorre em um sintagma estável. Em *noite de lua*,

por exemplo, pode-se atribuir um adjetivo a apenas um dos elementos *noite de lua cheia*, ou *noite linda de lua*.

Em relação às características semânticas, Azeredo (2014) chama atenção para o fato de que uma palavra composta deve ser

[...] interpretada como uma nova unidade de significado. Este significado novo pode ser entendido, muitas vezes, como a soma dos significados particulares dos lexemas componentes. É o caso, por exemplo, de *navio-escola* – navio em que os candidatos a tripulantes realizam o aprendizado – e de *socioeconômico* – relativo à sociedade e à economia. (AZEREDO, 2014, p. 444).

No entanto, salienta o autor que, curiosamente, há casos de compostos cujos significados não se explicam facilmente por essa lógica de soma dos significados parciais dos seus elementos constituintes, como em *pé de cabra*, nome de uma ferramenta cuja relação com a cabra se dá apenas pela semelhança da forma do objeto.

Reconhecendo, pois, a complexidade de se entenderem as relações de significações das palavras, Azeredo (2014) discute alguns princípios gerais para a formação do significado das palavras compostas. Em uma seção denominada *Modos de Referência das Palavras Compostas*, o autor postula que “[...] por dois modos principais as palavras compostas se referem às entidades que designam: como **metonímia** [...] ou como **metáfora**” (Azeredo, 2014, p. 446/447).

Dentre as palavras que se referem à entidade designada por **metonímia** incluem-se aquelas às quais é atribuído um significado novo graças a uma relação de proximidade, e isso ocorre quando a entidade referida pelo composto é identificada por duas formas: pela utilidade ou função (*saca-rolhas*, *porta-voz*, *tira-teima*) ou por característica tipificadora (*mão aberta*, *cara-de pau*, *dedo-duro*). Já nos compostos gerados por **metáfora**, verifica-se que a entidade referida é nomeada por uma relação de semelhança, como em *espada-de-são-jorge*, *pé-de-galinha*, *goela de pato*.

Por fim, Azeredo (2014) dedica suas últimas linhas do capítulo 20 para apresentar dois outros processos que seriam casos especiais de composição. Trata-se da **recomposição** e do **amálgama lexical**. Por meio da **recomposição**, como já observado em Cunha e Cintra (1985), criam-se compostos como *fotonovela*. Nesse caso, observa-se que o já elemento composto *fotografia* é submetido a uma nova composição – a recomposição – da qual participam a forma abreviada *foto* e o lexema *novela*. Já o **amálgama lexical** é o mecanismo responsável pela criação de compostos “[...] em que se misturam de forma arbitrária ou

imprevista dois ou mais lexemas”. (AZEREDO, 2014, p. 448) Pode-se citar como um exemplo de amálgama lexical o composto *aborrescente* (*aborrecer* + *adolescente*). É muito comum observar esse processo em criações que tenham finalidade artística ou expressiva, como o discurso literário ou a linguagem jornalística. Do discurso literário, Azeredo (2014) cita Guimarães Rosa e seu *funebrilho* (enfeite de caixão: *fúnebre* + *brilho*).

A discussão dos casos de palavras formadas por **derivação** se dá no capítulo 21 da *Gramática Houaiss* e percebe-se a preocupação em, logo de início, estabelecer a diferença entre a derivação e a flexão, postulando que, no primeiro caso, tem-se um processo que dá origem a novas palavras; no segundo, o que se verifica são “[...] variações da forma de um mesmo lexema, dando origem ao que chamamos de vocábulos morfossintáticos” (AZEREDO, 2014, p. 449).

Desse modo, conclui-se que os processos da derivação são caracterizados pela formação de palavras por meio de afixos e são: a **derivação prefixal**, em que se coloca o afixo antes do radical (o prefixo) e a **derivação sufixal**, em que o afixo é colocado após o radical (o sufixo).

No estudo da **derivação prefixal**, Azeredo (2014, p. 451), em acordo com outros gramáticos já citados, faz questão de ressaltar a dificuldade existente em se traçar uma fronteira rígida entre os casos de derivação prefixal e os casos de composição, já que “vários prefixos são variantes de preposições (*com*, *sem*, *entre*) e muitos adjetivos e morfemas de significação numeral se antepõem a bases léxicas com um comportamento gramatical análogo ao dos prefixos (*aeroespacial*, *bimotor*, *pentacampeão*)”. Contudo, para fins de descrição, atendendo à prática corrente, a discussão das palavras formadas por prefixos é apresentada como um caso de derivação e discutida nesse capítulo 21. Para tanto, o autor elenca os principais prefixos formadores de palavras do português e seus respectivos significados, fornecendo exemplos vários para cada caso.

O estudo dos sufixos traz uma interessante observação no que diz respeito à produtividade desses afixos: é imprescindível considerar que há sufixos capazes de dar origem a novas palavras (*-eiro* e *-ção* / *motoqueiro* e *poluição*) e há sufixos que, embora reconhecíveis como sufixos, só se verificam em algumas palavras historicamente incorporadas ao léxico (*-ície* e *-ugem* / *planície* e *ferrugem*). Daí a importância de se estabelecer um critério sincrônico ou diacrônico para a análise do léxico

Sobre a contribuição da **sufixação** para a renovação lexical, Azeredo (2014) postula que

[...] a possibilidade de conferir uma nova classe gramatical à palavra derivada faz da sufixação um processo de extraordinária versatilidade na língua [...] a sufixação é a responsável pela versatilidade dos recursos de construção dos sintagmas e das orações, já que por meio dela não só se encurtam construções sintáticas, mas ainda se condensam orações que, sob a forma de sintagmas nominais, podem ocorrer como parte de orações mais complexas (AZEREDO, 2014, p. 454)

Desse modo, orações como *a cerca é segura* ou *a água está contaminada*, podem, graças à derivação sufixal, figurar como sintagmas: *a segurança da cerca* e *a contaminação da água*.

O autor passa, pois, à apresentação de uma lista de sufixos, com observações sobre a alta ou baixa produtividade de cada um deles bem como as classes das palavras que cada sufixo é responsável por formar.

Discutem-se, ainda, os processos de **derivação regressiva** e **parassíntese**. A **derivação regressiva** é um processo que forma principalmente substantivos a partir de verbos (*compra / comprar, desmonte / desmontar, salto / saltar*). É o único processo em que se verifica a supressão de parte da palavra, em detrimento de um acréscimo. Azeredo (2014) não se furta a informar que alguns autores especulam que a rigor talvez não haja

[...] uma simples supressão da terminação verbal, visto que o nome apresenta com frequência uma vogal temática distinta do verbo (*perder/perda, fugir/fuga, saltar/salto*). Admitindo-se que a própria vogal temática faz aqui a vez do sufixo, teríamos nesses exemplos um processo de **derivação sufixal**. (AZEREDO, 2014, p. 465, grifos do autor)

Já a **parassíntese** é um processo em se verifica o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma forma primitiva. A simultaneidade desse acréscimo pode ser comprovada pela “[...] inexistência do lexema desprovido de apenas um dos afixos: não existem *esclaro* nem *clarecer*” (AZEREDO, 2014, p. 466). Comunica-se ainda que a parassíntese é um processo através do qual se criam muitos verbos (*anoitecer, entortar*) e alguns adjetivos (*desbocado, desalmado*).

Apresenta-se então a **derivação imprópria** – mecanismo que consiste na ampliação do léxico pela mudança da classe gramatical da palavra – em que não se verifica nenhuma alteração formal. É um processo muito produtivo, sobretudo na criação de substantivos (*o amanhã, o poder*).

E, como último processo formador de palavras do português, Azeredo (2014) expõe a **abreviação**, que consiste na redução da forma de uma unidade lexical (*quilo / quilograma, Mengo/ Flamengo*). O autor inclui, também, na seção dedicada à abreviação, o processo

conhecido como **siglagem** ou **acronímia**, caracterizado pela utilização das letras iniciais para a representação de um nome composto (*PT / Partido dos Trabalhadores*).

3.2 Outros autores

Como foi possível perceber pela síntese sobre a abordagem dos processos de formação de palavras em algumas das principais gramáticas da língua portuguesa, há assuntos que não se esgotam, assim como definições que não contemplam satisfatoriamente todos os aspectos referentes ao processo de formação de um ou outro vocábulo, o que provoca divergência entre os estudiosos. Convém comentar o fato de que as gramáticas da língua portuguesa tratam de muitos assuntos, por isso não oferecem discussão tão aprofundada sobre todos eles. Há obras que tratam de assuntos específicos – como os estudos especializados em Morfologia que foram aqui consultados. Nesse caso, obviamente um estudo específico apresentará uma descrição mais detalhada e um posicionamento mais analítico.

Por esse motivo, houve a necessidade de extensão da pesquisa com aprofundamento em alguns conceitos ou retomadas de pontos polêmicos, a fim de proporcionar maiores reflexões sobre eles. Para tanto, foi fundamental estudar além das gramáticas e buscou-se visitar trabalhos especializados em Morfologia, de autoria de grandes teóricos da língua portuguesa, em cujas ideias se encontrou o apoio necessário para refletir sobre algumas questões. Recorreu-se, portanto, às obras dos seguintes autores: Alves (2015), Basílio (2003), Carone (1995), Ferreira & Lemos (2005), Figueiredo (2002), Gonçalves (2016), Henriques (2007), Laroca (1994), Monteiro (1987), Sandmann (1992), Schwindt (2014) e Valente (2011).

Listaram-se alguns pontos a serem discutidos nesta seção. São eles: Composição X Derivação; Composição X Derivação prefixal; Composição X Derivação sufixal; Derivação prefixal X Derivação sufixal; Elemento composto X Sintagma; Justaposição e aglutinação; Derivação parassintética; Derivação regressiva; Recomposição; Amálgama lexical.

3.2.1 Composição X Derivação

Os dois grandes processos utilizados para formar palavras na língua portuguesa são a derivação e a composição. Parece relevante, portanto, estabelecer as principais diferenças entre esses dois processos. Basílio (2003) preocupa-se em enumerar tais diferenças, sinalizando que “[...] o processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo [...] Já o processo de composição obedece à necessidade de expressão de combinações particulares.” (BASÍLIO, 2003, p. 27)

A autora explica que, no processo da derivação, os afixos possuem funções definidas, e essas funções delimitam os usos e os sentidos das palavras que eles podem vir a formar. “Assim, a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua”. (BASÍLIO, 2003, p. 28) Desse modo, quanto maior o grau de generalidade de um afixo, maior será a produtividade do processo.

Basílio (2003) exemplifica apontando que afixos que trazem noções de grau, de negação (como o prefixo *-des*) ou de designação de indivíduos (sufixo *-ista*) são generalizantes, pois traduzem noções bastante comuns; assim, espera-se que os processos que incluam tais afixos sejam também bastante comuns, portanto, produtivos.

Ao contrário da derivação, que envolve um elemento estável (o afixo), Basílio (2003) analisa que, no processo da composição, ocorre a união de duas bases, sem elementos fixos e sem funções predeterminadas no nível dos elementos. A função da composição é definida pela sua própria estrutura, pois é ela que define o papel de cada uma das bases que se juntam. Em *sofá-cama*, por exemplo, o segundo substantivo tem a função de modificar/especificar o primeiro. Pode-se dizer então que

[...] a composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais. Ou seja, mecanismos ou estruturas que são normalmente utilizados na formação de enunciados passam a ser utilizados na função de denominar ou caracterizar seres, que é uma função fundamental do léxico. (BASÍLIO, 2003, p. 30)

Sandmann (1992) também se detém a discutir a diferença entre a composição e a derivação. A principal diferença, para o autor, está no fato de que na derivação há uma base e um afixo, e a este cabe expressar uma ideia geral. Na composição, há duas (ou mais) bases, e

cada uma delas expressa uma ideia particular. Como exemplo, citam-se o prefixo *ex-* e o sufixo *-iano*. Ambos os elementos podem se unir a uma infinidade de bases, expressando o primeiro a ideia de “aquele que foi”; o segundo, “que diz respeito a”. Tem-se, pois, as formações *ex-aluno*, *ex-namorada*; *machadiano*, *gregoriano*. O prefixo *ex-* pode ser unido a uma infinidade de substantivos, e o mesmo acontece com o sufixo *-iano*; trata-se de afixos cuja produtividade é ilimitada. Já nos elementos formados por composição ocorrem bases que expressam ideias particulares, como, por exemplo, em *professor-show*; portanto, é de se esperar que não se verifique produtividade no processo que envolve essas bases.

Vale ressaltar ainda algumas considerações relevantes, resgatadas da obra de Carone (1995), que dizem respeito à diferença entre derivação e composição. A autora reconhece que o processo da derivação é o mais produtivo em português e realiza-se sobre um radical apenas, ao qual se articulam prefixos ou sufixos. Nesse ponto, destacam-se duas observações:

- composição e derivação não se excluem, podem se combinar à vontade (*Do lado do Oriente, o horizonte se **cartãopostalizava** clássico*);
- a natureza da derivação é opcional, aleatória e ilimitada (do verbo *por* formou-se *posição*, em seguida, *posicionar*, *posicionamento*).

A fim de tornar ainda mais clara a diferenciação entre os processos de derivação e composição, recorreu-se à obra de Ferreira & Lemos (2005). As autoras também propõem alguns critérios que se prestam a distinguir esses dois processos. Em primeiro lugar, assinalam que a derivação distingue-se da composição, pois naquela existe apenas uma unidade de significado lexical, a base da derivação, à qual se junta o afixo. Na composição, há pelo menos duas unidades de significado lexical, autônomas ou não.

Ressalta-se, portanto, que a derivação é um processo mais regular, visto que é limitado o número de afixos de uma língua e que eles estão submetidos a um processo governado por regras fixas. Assim, em uma derivação, sempre é possível determinar a categoria gramatical da base e do elemento derivado, além de ser possível prever o significado do novo elemento a partir dos elementos anteriores.

Em relação à composição, Ferreira & Lemos (2005) sinalizam que se trata de um processo menos previsível, já que o número de bases disponíveis para sua realização é ilimitado. Acrescenta-se a isso o fato de que os elementos que participam da composição são sempre portadores de significado lexical e pertencem a classes abertas de palavras.

Importa lembrar que as unidades de significado lexical são aquelas que remetem diretamente para a realidade extralinguística. Trata-se, principalmente, de substantivos, adjetivos e verbos e constituem as palavras de classe aberta entre as quais, também se inclui o

advérbio. Já as unidades de significado gramatical são as preposições, as conjunções, os pronomes e os artigos, ou seja, as palavras de classe fechada, cujo significado não remete a um aspecto da realidade. A função dessas palavras é estabelecer relações variadas entre as palavras de significado lexical.

3.2.2 Composição X Derivação prefixal

Outra questão importante quando se estuda a diferença entre a derivação e a composição diz respeito ao processo da derivação prefixal. Todos os estudiosos da língua portuguesa entendem que delimitar a fronteira da derivação e composição é uma questão delicada e, muitas vezes, impossível.

Tal acontece, sobretudo, quando a estrutura em causa apresenta uma forma à esquerda que tem o estatuto de modificador do elemento da direita (exs: *hipermercado*, *pedagogo*): é, por vezes difícil, embora não impossível, aferir do estatuto do elemento à esquerda (prefixo ou elemento de composição?) e do estatuto da palavra construída (derivada por prefixação ou composta?). (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 25)

Ferreira & Lemos (2005) apontam ainda para a dificuldade de se estabelecer se o prefixo é, de fato, um afixo ou se ele, na verdade, é uma unidade lexical. Isso ocorre porque muitos prefixos “equivalem frequentemente a adjetivos e, nesses casos, apresentam um significado que pode considerar-se de natureza lexical, pelo que podem ser considerados elementos de composição.” (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 32) As autoras exemplificam o exposto com a palavra *megaconcerto*, que, em termos práticos, significa *grande concerto*. Essa dificuldade para a distinção dos dois processos explica por que, em diversas gramáticas tradicionais, a prefixação era incluída na seção destinada à composição.

Na tentativa de caracterizar os prefixos, as autoras propõem, portanto, as seguintes características para esse tipo de afixo:

- ocorrem sempre à esquerda da base;
- correspondem frequentemente a antigas preposições e advérbios latinos e gregos;
- têm um conteúdo semântico menos gramatical do que o sufixo, razão pela qual ocorrem situações em que se torna difícil reconhecer o prefixo entre outros elementos que participam de composições.

Alves (2015) concorda com a dificuldade de reconhecimento de alguns prefixos e afirma que

[...] o conceito de prefixo, morfema que se antepõe a uma base, não é consensual, como se sabe nas gramáticas e nos dicionários da língua portuguesa. Os elementos considerados prefixais, diferentemente classificados segundo os autores são algumas vezes incluídos entre as formações derivadas, outras vezes entre as compostas. (ALVES, 2015, p. 17)

Monteiro (1987), ao estudar o processo da derivação prefixal, entende a dificuldade de distingui-lo da composição e apresenta uma lista de estudiosos da língua portuguesa: de um lado, aparecem aqueles que consideram a prefixação como um mecanismo de derivação; de outro, aqueles que incluem os prefixos no processo da composição. Segue-se aqui um resumo em que se pode contemplar a lista exposta em Monteiro (1987, p. 127):

**AUTORES QUE CONSIDERAM A
PREFIXAÇÃO COMO DERIVAÇÃO**

Evanildo Bechara (1963)
 Celso Pedro Luft (1971)
 Domingos P. Cegalla (1976)
 Leodegário de Azevedo Filho (1975)
 Pilar Cuesta e M. Albertina da Luz (1971)
 Celso Cunha (1972)
 Hildebrando André (1974)
 A. de Almeida Torres (1973)
 Cecília de Souza e Silva e Ingedore Koch (1983)
 Francisco Savioli (1983)
 Gilberto Francesconi (1983)
 J. Domingues Maia (1982)
 Luiz A. Sacconi (1982)
 Rocha Lima (1972)
 Antenor Nascentes (1972)
 Brunot (1972)
 A. Dauzat (1972)
 Meyer-Lúbke (1972)

**AUTORES QUE CONSIDERAM A
PREFIXAÇÃO COMO COMPOSIÇÃO**

J. Rebouças Maçambira (1978)
 Mattoso Camara Junior (1968)
 Gaspar de Freitas (1956)
 Carlos Goes e Hebert Palhano (1960)
 Real Academia Española (1959)
 Napoleão Mendes de Almeida (1973)
 Marques da Cruz (1957)
 Bourciez (1972)
 Garcia de Diego (2972)
 J.J. Nunes (1972)
 Ribeiro de Vasconcelos (1972)
 João Ribeiro (1900)
 Eduardo Carlos Pereira (1932)
 Clóvis Monteiro (1978)
 Rodrigo F. Fontinha (s/d)
 Pires de Castro (1943)
 Ismael de Lima Coutinho (1976)
 Francisco da Silveira Bueno (1968)

Nyrop (1972)

Grandgeant (1972)

Sweet (1972)

J. N. Figueiredo e A. Gomes Pereira (1979)

Gladstone Chaves de Melo (1970)

Mansur Guérios (s/d)

M. Said Ali (1966)

Vale observar que, na lista oferecida, Monteiro (1987) coloca, entre renomados autores, professores que produziram livros didáticos. Como se pode ver, dentre os estudiosos consultados por Monteiro (1987), o primeiro grupo traduz-se em maioria: 25 consideram a prefixação um caso de derivação, ao passo que 18 a consideram caso de composição. É uma informação interessante, mas, de fato, não resolve a questão.

O problema, segundo Monteiro (1987), está em considerar que alguns prefixos (formas indubitavelmente presas) possam produzir elementos compostos. Seria o caso de *ingrato* ou *adnominal*. Por outro lado, há elementos como *extra* ou *contra* que frequentemente figuram como formas livres, no entanto, são classificados como prefixos. Pela existência independente, não poderiam, termos como *extra* ou *contra* ser considerados radicais? Nesse caso, um elemento produzido a partir deles seria um elemento composto.

De acordo com o teórico, a dificuldade pode estar na delimitação do conceito do que é radical e o que não é.

É comum afirmar que os vocábulos conectivos são vazios de conteúdo semântico e, por esse motivo, apresentam apenas um significado gramatical. Talvez não se possa aceitar essa generalização, pois, enquanto as preposições **a** e **de** parecem desprovidas de significado lexical, outras como **sobre**, **contra** e **perante** são na verdade núcleos de significação. Por que não considerá-las raízes? (MONTEIRO, 1987, p. 129)

Desse modo, Monteiro (1987) salienta que critérios como produtividade e autonomia morfológica devem ser levados em conta para diferenciar radicais e prefixos.

Se o morfe tiver sentido sozinho num contexto frasal ou situação comunicativa, não constituirá forma presa. Com maior razão ainda, se ele for capaz de receber morfemas derivacionais, produzindo vocábulos derivados. De **contra** há vários cognatos criados por derivação (contrariar, contrário, contrariedade), além de uma série aberta de compostos (contradança, contradizer, contrapartida). (MONTEIRO, 1987, p. 129)

Importa reportar uma consideração trazida por Sandmann (1992) referente à diferença de estrutura entre derivação prefixal e composição. O autor pontua que, nas formações compostas, predomina o modelo determinado + determinante, como em *caça-talentos*, *cidade-polo*. Já na prefixação, tem-se exatamente o oposto: determinante + determinado, *pós-nacionalista*, *megatendência*. A confusão para diferenciar os dois processos é aumentada devido à incidência dos chamados ‘compostos neoclássicos’, em que se verifica estrutura igual à da prefixação, como em *videolocadora*.

Sandmann (1992) acrescenta que o fato de se observar se o dito prefixo é um elemento livre ou preso não é o suficiente para classificá-lo corretamente e, assim, distinguir a prefixação e a composição. Mesmo sabendo que a maior parte dos prefixos são elementos presos, há de se considerar que as gramáticas tradicionais incluem *contra* e *além* no rol dos prefixos, e trata-se de elementos que ocorrem livremente nas frases. Ademais, há o fato de que, modernamente, é muito produtivo o processo de formação de palavras com o *não*, que assume aí comportamento prefixal.

Não obstante a dificuldade que se apresenta, Sandmann (1992, p. 37) conclui que “[...] o que distingue o prefixo é o fato de ele expressar uma ideia geral, ideia expressa por preposições (*sem-vergonha*), advérbios (*não-alinhado*) e adjetivos (*super-docente*)[...]”. Acrescenta-se a isso o fato de que “[...] justamente o fato de o prefixo expressar uma ideia geral é responsável por sua maior produtividade, por sua maior recorrência, por sua produção como que em série”. (SANDMANN, 1992, p. 37/38)

Chama-se especial atenção para o exemplo “*não-alinhado*”, citado da obra de Sandmann (1992). A partir de 2009, o decreto da Academia Brasileira de Letras preconiza **a não utilização do hífen em compostos formados pela palavra não**, entretanto, paradoxalmente, continua chamando tal vocábulo de prefixo. A apresentação do vocábulo com prefixo na referida citação, em detrimento da orientação da Academia, se deve à **fidelidade ao texto original do autor**. Manteve-se, pois, a citação tal qual se encontra no original.

3.2.3 Composição X Derivação Sufixal

Embora menos polêmica, a diferença entre um elemento composto e outro derivado por sufixação também é trabalhada por Sandmann (1992). O autor reconhece que tal

diferenciação torna-se mais fácil, pois o sufixo é sempre um elemento preso e “sinsemântico” (SANDMANN, 1992, p. 38), já que ele só tem sentido quando unido a uma base.

Sandmann (1992) chama atenção para o fato de que, na sufixação, pode-se reconhecer um processo capaz de detonar formações em série, como é o caso do sufixo *-ismo* ou do sufixo *-ção*, tão produtivos nas últimas décadas. Todavia, destaca-se que há palavras (ou elementos livres) que também se prestam a formações em série, tornando-se recorrentes, como o caso de *palavra-chave*, *testemunha-chave*, *dia-chave*. O estudioso, então, ressalta que “[...] essas palavras são, nesses casos, esvaziadas de sua função denotativa ou denominadora para assumirem antes função qualificativa ou predicativa”. (SANDMANN, 1992, p. 39).

Ferreira & Lemos (2005), a exemplo do que fazem com os prefixos, elencam as principais características dos sufixos. A saber:

- ocorrem sempre à direita da base;
- determinam a categoria gramatical do derivado (embora haja sufixos que não alteram a classe da palavra base);
- determinam a sílaba tônica da palavra.

Vale ressaltar a observação de Gonçalves (2016) em seu estudo sobre as tendências atuais de formação de palavras. O autor assinala que a sufixação é a principal fonte de novas palavras complexas no português, mas ressalta que, além dos sufixos mais tradicionalmente utilizados (*-dor*, *-vel*, *-ista*, *-mente*), há uma tendência atual de se resgatarem radicais neoclássicos e utilizarem-nos como sufixos, a exemplo de *-dromo*, em palavras como *camelódromo* e *fumódromo*.

3.2.4 Derivação prefixal X Derivação sufixal

Nos estudos de Sandmann (1992) encontraram-se reflexões sobre as diferenças entre prefixos e sufixos. Obviamente, a etimologia das palavras já nos indica que o prefixo é o elemento que vem antes da base; o sufixo, depois. No entanto, segundo o autor,

[...] essa é uma diferença superficial. Mais importante é a diferença de função: em *desatrelar*, o *des-* tem função apenas semântica: ele indica reversão, volta, em outros termos, é reversativo. Já em *desatrelamento* a função de *-mento* é sintática, isto é, faz do verbo um substantivo. (SANDMANN, 1992, p. 39)

Com relação à estrutura da palavra produzida, Sandmann (1992) pontua que, quando há prefixação, o prefixo é sempre o elemento determinante, entretanto, na sufixação, à exceção do sufixo de grau, o sufixo é sempre o elemento determinado, o núcleo da palavra, justamente porque lhe cabe a função de mudar a classe da base.

Assim, o autor conclui que

[...] como diferenças principais entre prefixação e sufixação temos, pois, que a prefixação tem função primordialmente semântica e a sufixação principalmente sintática, sendo que o sufixo, por outro lado, excetuando o de grau, constitui o núcleo da palavra complexa produzida, e o prefixo, o adjunto. (SANDMANN, 1992, p. 40)

Gonçalves (2012) propõe-se a estudar as semelhanças e diferenças entre prefixos e sufixos. A primeira diferença elencada pelo autor é o fato de que os prefixos não determinam categoria sintática da palavra complexa que formam, pois são “categorialmente neutros” (GONÇALVES, 2012, p. 148). Já a sufixação é capaz de promover alteração categorial. Ressalta-se, porém, que essa diferença se aplica apenas aos representantes centrais de cada um dos grupos, pois sabe-se que, em ambos os grupos, há exceções: há prefixos capazes de alterar categoria sintática, assim como há sufixos que não o fazem. Para exemplificar esses prefixos, Gonçalves (2012, p. 149) recorre às palavras de Alves (2002) e postula que “determinados prefixos, se acrescentados a uma base substantiva, podem atribuir-lhe função adjetiva: ‘coleira antipulgas’”.

No entanto, Gonçalves (2012) explica que, em um trabalho de inventariar semelhanças e diferenças, deve-se levar em conta o comportamento dos elementos mais representativos, já que nem todos os membros das duas classes têm igual estatuto: alguns são mais centrais (prototípicos) e outros mais periféricos, encaixando-se na categoria com menos precisão.

Além da possibilidade de alterar a categoria gramatical, Gonçalves (2012) também chama atenção para o fato de os sufixos quase sempre serem responsáveis por determinar o gênero da palavra complexa. Nas palavras do autor:

Além de não serem cabeças categoriais, prefixos também não são cabeças morfológicas, ao contrário dos sufixos, que quase sempre determinam o gênero da palavra resultante. De fato, a maior parte dos sufixos denominais do português é responsável pela especificação feminino / masculino do produto [...] Prefixos jamais respondem por este tipo de informação. (GONÇALVES, 2012, p. 149)

No que tange à estrutura da palavra, Gonçalves (2012) concorda com Sandmann (1992) e informa que sufixos sempre constituem o núcleo significativo da palavra complexa, por isso são chamados “cabeças semânticas”. Já os prefixos nunca funcionam como cabeças

semânticas. O autor justifica dizendo que os significados dos prefixos se assemelham aos veiculados por:

- a) adjetivos (quando contribuem para caracterizar a base, *minimercado*);
- b) advérbios (expressam determinada circunstância, *pré-natal*);
- c) preposições (ideia de posição ou movimento, *sobreloja*).

Ainda com relação à estrutura, Gonçalves (2012) observa que prefixos se combinam com palavras; sufixos, com radicais. Por esse motivo, a retirada de um prefixo, em uma palavra complexa, resulta numa forma livre (*in-feliz, des-leal, sub-gerente*). Já no caso dos sufixos, haverá uma forma presa (*palit-eiro, mort-al, bel-eza*).

Do ponto de vista fonológico, há duas observações interessantes em Gonçalves (2012). Em primeiro lugar, o autor informa que os prefixos não afetam a posição do acento lexical da palavra à qual se unem. Os sufixos, ao contrário, quase sempre o fazem. Em segundo,

[...] pode-se afirmar que a maior parte dos prefixos projeta uma palavra prosódica independente, fazendo com que a construção morfológica resultante se realize sob dois acentos. [...] Há, na sufixação, relação inversamente proporcional à prefixação no que diz respeito à projeção de palavras prosódicas: se por um lado, são menos numerosos os prefixos sem acento próprio, por outro, a maior parte dos sufixos não projeta palavras prosódicas independentes, realizando-se, com a base a que se anexam, sob um único acento [...] (GONÇALVES, 2012, p. 153)

O autor acrescenta, ainda, que decorre dessa diferença fonológica a possibilidade de os prefixos se comportarem como formas livres, pelo processo do truncamento (*Ela reatou com o ex. / Terminei minha pós.*). Esse processo não incide sob os sufixos, à exceção do *-ismo*, todavia, trata-se de uma exceção, que não representa a totalidade do grupo.

Apesar de estarem listadas até aqui apenas diferenças entre prefixos e sufixos, há também semelhanças entre eles, motivo pelo qual eles são tradicionalmente alocados em um mesmo grupo: o dos afixos. Gonçalves (2012) oferece algumas reflexões sobre as semelhanças entre esses dois elementos. Primeiramente, deve-se ter em mente que tanto prefixos como sufixos prestam-se a desencadear formações em séries. Assim, ambos os elementos contribuem para criar vários itens lexicais que se relacionam morfológica e semanticamente, isto é “[...] apresentam um significado em comum, associado a uma sequência que compartilham na posição inicial ou final”. (GONÇALVES, 2012, p. 158)

Além disso, o autor pondera que prefixos e sufixos têm função semântica predeterminada, o que delimita seus possíveis usos (com relação às bases a que se agregam) e os significados das palavras a serem formadas. Gonçalves (2012) explica que isso ocorre

porque “[...] a impossibilidade de certas formações (*desnascer*, *antifeliz*) resulta da incompatibilidade entre o significado do afixo e o da palavra-fonte; portanto, os prefixos, assim como os sufixos, selecionam suas bases”. (GONÇALVES, 2012, p. 157)

3.2.5 Elemento composto X Sintagma

Ainda há polêmica entre os estudiosos sobre como diferenciar os vocábulos compostos dos sintagmas comumente existentes na língua. Dentre os gramáticos da língua portuguesa, Azeredo (2014) e Bechara (2015) foram aqueles que mais discutiram a questão. Ambos optam por apontar diferenças entre um elemento composto e uma construção sintática estável e estabelecem critérios objetivos para tal, como já foi dito na seção anterior.

Monteiro (1987) também aborda o assunto. Segundo ele, a dificuldade em se definir morfológicamente a composição ocorre porque se trata de um processo de natureza sintático-semântica. Há três possibilidades, segundo Monteiro (1987), para a criação dos compostos: eles podem ser graficamente ligados (como *aguardente*), hifenizados (como *franco-suíço*) ou ligados pelo sentido (como *Porto Alegre*). A questão seria, pois, como diferenciar o vocábulo composto ligado pelo sentido de um sintagma.

São apresentados por esse autor alguns critérios fundamentais, como a ordem fixa dos elementos; a não possibilidade de intercalação de determinantes; e a não possibilidade de supressão de nenhum dos termos do composto.

Devido à necessidade de se apresentar um critério prático para resolver a questão, Monteiro (1987) opta por estabelecer também critérios de natureza morfológica, já que o assunto é do domínio da Morfologia. Dessa forma, o autor determina que um elemento será composto quando o plural incidir apenas no último elemento, como em *vaivém* (*vaivens*), *aguardente* (*aguardentes*), *beija-flor* (*beija-flores*). No entanto, não seriam compostos os elementos *mula-sem-cabeça* (*mulas-sem-cabeça*), *amor-perfeito* (*amores-perfeitos*), devendo, estes últimos ser considerados como locuções ou grupos sintáticos. Monteiro (1987) ainda observa outro aspecto puramente morfológico: em caso de ser atribuído ao composto um sufixo, ele deve atingir o vocábulo inteiro, como em *Porto Alegre* (*porto-alegrense*).

Somando-se estes dois últimos critérios aos três já anteriormente elencados, têm-se, portanto, como critérios para definir um vocábulo composto, os seguintes:

- flexão exclusiva do último componente;

- sufixação relacionada ao todo;
- impossibilidade de intercalação de determinantes;
- ordem fixa dos constituintes;
- impossibilidade de supressão de um dos elementos.

Assim, o autor conclui que

[...] ao estudar o mecanismo da composição, nossas gramáticas o enquadram na parte referente à morfologia, apresentando exemplos que, por força das relações de concordância ou regência, não constituem vocábulos morficamente compostos, porém grupos sintáticos ou sintagmas locucionais. (MONTEIRO, 1987, p. 169)

Outra autora que defende a natureza sintática do processo da composição é Carone (1995). Segundo ela, a composição é um procedimento de formação de palavras pelo qual uma “[...] construção sintática se imobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada. Em decorrência, forma-se um sintagma bloqueado, com duas características essenciais da palavra: inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas” (CARONE, 1995, p. 37).

Por esse motivo, a autora prevê que sintagmas possam ser alçados à condição de vocábulos, mesmo que se prescindia do uso do hífen, o qual, segundo Carone (1995, p. 38) consiste somente em uma “representação gráfica de que ocorreu a lexicalização”. A título de exemplo, cita-se o sintagma *roupa branca*, com o significado de roupa íntima. Trata-se de um sintagma bloqueado, uma vez que não se podem dissociar seus elementos, não havendo a possibilidade de se dizer *roupa muito branca*.

Schwindt (2014) pontua que a composição é um processo em que o novo item lexical é formado por dois (ou mais) radicais, todavia reconhece que os critérios usados para distinguir uma composição de uma construção sintagmática nem sempre são simples nem suficientes. Para essa distinção, Schwindt (2014, p. 137) alerta que há de se levar em conta propriedades fonológicas (acento), morfológicas (possibilidade de flexão/derivação), sintáticas (possibilidade de inserção de um modificador) e semânticas (composição do significado).

Dois tipos de composição também são previstos nos estudos de Laroca (1994): a composição vocabular e a composição sintagmática. A composição vocabular engloba os casos de composição por justaposição (*vale-transporte*) e aglutinação (*pernilongo*), além da truncação (*portunhol*) – este último é considerado um caso de “combinação” por Bechara (2015). Já a composição sintagmática ocorre quando os componentes de um segmento frasal

relacionam-se sintática, semântica e morfológicamente, de modo a constituírem uma unidade léxica (*cesta básica, condomínio fechado*).

Ferreira & Lemos (2005) concordam que há dois tipos de composição e também os denominam composição morfológica e composição sintagmática (ou lexicalização de sintagmas). No primeiro caso, estariam os vocábulos formados a partir da junção de unidades não autônomas (*psicólogo*). O segundo caso merece especial atenção, por se tratar de um assunto polêmico. Ferreira & Lemos (2005, p. 40) estabelecem que a lexicalização é o processo através do qual determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática se transformam em unidades lexicais. Como exemplos, citam-se *queda livre, guarda noturno, sala de jantar*.

As autoras admitem, ainda, que o reconhecimento desses sintagmas como unidades lexicais ou não é bastante difícil, visto que

[...] nem sempre é fácil definir se dado sintagma é apenas mais um sintagma livre da língua, ou se trata já de uma unidade lexicalizada. Embora o hífen, quando é utilizado, possa dar uma indicação sobre a composição dos elementos, ele não pode ser entendido como um critério de identificação, dado que seu uso em português é extremamente irregular. (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 42)

Há autores que centram o estudo da composição na natureza dos elementos que compõem o novo vocábulo. Esse é o caso de Basílio (2003), em cuja obra a discussão principal sobre o processo da composição é centrada nas questões estruturais, como a natureza das bases que compõem o novo item e o papel que cada uma virá a desempenhar.

Basílio (2003) passa, pois, a discutir a natureza sintática do processo da composição, analisando que, nos compostos formados por dois substantivos, por exemplo, o primeiro é sempre o núcleo da construção, e o segundo atua como modificador (como em *peixe-espada, sofá-cama*). Ou ainda, em composições de verbos mais substantivos (*guarda-roupa, porta-bandeira*), percebe-se que o substantivo apresenta comportamento de objeto direto do verbo. Tais exemplos se prestam a validar a afirmativa de que

[...] a composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais. Ou seja, mecanismos ou estruturas que são normalmente utilizados na formação de enunciados passam a ser utilizados na função de denominar e/ou caracterizar seres, que é uma função fundamental do léxico. (BASÍLIO, 2003, p. 30)

3.2.6 Justaposição e aglutinação

Na obra de José Lemos Monteiro (1987) encontra-se uma grande contribuição em relação aos processos de formação de palavras. Trata-se da discussão sobre os conceitos da justaposição e aglutinação.

Para o estudioso, é um equívoco das gramáticas a apresentação da justaposição e aglutinação como aspectos peculiares ao processo da composição. Isso seria errôneo, primeiramente, porque tais processos seriam fonológicos e não morfológicos; assim, não poderiam constar em uma seção cuja pauta principal é um estudo de morfologia. Em segundo, porque não é exclusividade da composição a manutenção ou não da integralidade dos dois elementos que poderão vir a formar o novo termo.

O autor exemplifica: derivação por aglutinação: *cento + avo = centavo*; derivação por justaposição: *alegre + mente = alegremente*; composição por aglutinação: *agua + ardente = aguardente*; composição por justaposição: *passa + tempo = passatempo*.

Percebe-se pela exemplificação que, no processo de derivação, também pode ocorrer perda fonética, como no caso da palavra *centavo*, ou pode não ocorrer, como no caso de *alegremente*. Parece válido, portanto, assumir que a justaposição e a aglutinação podem não ser exclusivas do processo de composição.

3.2.7 Derivação Parassintética

Não mencionado na Nomenclatura Gramatical Brasileira, mas verificado na língua corrente, presente no ensino e nas obras de referência sobre o tema, o processo da parassíntese merece alguma atenção.

Henriques (2007, p. 115/116) observa a ausência desse processo na NGB, o que denunciaria uma “pretensão simplificadora”. Tendo isso em conta, o autor ressalta a importância de se corrigir essa ausência, afinal o mecanismo de produção de vocábulos pela parassíntese, mesmo não sendo muito produtivo na criação de neologismos, ainda figura em muitas palavras do idioma; portanto, tal omissão gera uma lacuna no ensino e no estudo dos processos de formação de palavras.

Apresentar a diferença entre palavras formadas pela derivação parassintética e palavras formadas pelo acréscimo de prefixo e sufixo também é uma preocupação. Henriques (2007, p. 114/115) postula que há diferenças entre a derivação sucessiva (prefixação ou sufixação) e a derivação simultânea (parassíntese). No primeiro caso estariam palavras como *infelizmente, removível*; no segundo, *entristecer, esbravejar*.

Carone (1997), em relação à parassíntese, também problematiza uma interessante questão. A autora prevê a necessidade de se estabelecer uma diferença entre dois grupos de palavras: um grupo que seria formado por prefixo e sufixo (como *amanhecer, esclarecer*) e outro cuja formação se deve a um prefixo e uma desinência verbal (como *esburacar, engavetar*). Trata-se, aqui, de uma lacuna na descrição gramatical, já que a definição existente não contempla todos os casos.

Outra proposta pode ser verificada em Schwindt (2014). O autor pontua que a parassíntese deve ser trabalhada como uma “circunscrição de afixos”. A justificativa para essa hipótese estaria no fato de que, nas palavras derivadas pelo processo da parassíntese, “[...] prefixo e sufixo constituem um só afixo descontínuo, que se parte para se anexar às bordas esquerda e direita da base”. (SCHWINDT, 2014, p. 136)

A fim de sustentar um critério prático para reconhecimento dos parassintéticos, recorreu-se a Basílio (2003, p. 44), em que se lê que “[...] o reconhecimento se faz pela possibilidade ou não de se extrair um dos afixos da construção e ter como resultado uma palavra da língua. Havendo a possibilidade, a construção não seria parassintética”.

Contudo, a autora sinaliza que não se pode limitar o reconhecimento a esse critério, é necessário levar em conta, também, o fator semântico. Isso se deve ao fato de existirem palavras como *desdentado*, que significa ‘sem dente’; sendo, portanto, uma forma paralela à *desalmado*. No entanto, não se pode considerar *desdentado* como um exemplo de parassíntese devido à existência em português do verbo *desdentar*. *Desdentado* seria, pois, o particípio do verbo *desdentar*; seu significado, porém, não corresponde a essa leitura.

Desse modo, a autora conclui que “[...] quando a supressão de um afixo nos deixa como resultado uma palavra existente na língua, temos ainda que verificar se o significado da construção global corresponde à função semântica do afixo retirado”. (BASÍLIO, 2003, p. 47) Conclui-se, pois, que há outra lacuna na descrição gramatical, pois a abordagem tradicional não dá conta de explicar exemplos como esse.

3.2.8 Derivação regressiva

A abordagem tradicional costuma definir a derivação regressiva como um processo em que a palavra derivada resulta da supressão de um elemento à palavra primitiva. Os casos mais comuns são aqueles em que substantivos são formados a partir dos verbos (*amasso* de *amassar*, por exemplo). Porém há mais a se dizer sobre esse processo.

Sandmann (1992), por exemplo, discute os casos do substantivo *sarampo* e do verbo *legislar*, formados, respectivamente, a partir de *sarampão* e *legislador*. Em ambos os casos, o autor analisa que a retirada do sufixo (aumentativo, em *sarampão*; indicativo de agente, em *legislador*) dá origem à nova forma. O autor reconhece, contudo, que nesses casos houve

[...] fenômenos eventuais ou ocasionais, produtos em cuja base não está uma regra ou modelo produtivo abstraível e formalizável como temos, por exemplo, em *agitar* + *-ção* – *agitação*, [...] ou em *agitar* – *agito*, sendo que *agito* seria produto da chamada derivação regressiva. (SANDMANN, 1992, P. 45)

Em relação ao *o* final de *agito*, Sandmann questiona se seria o caso de considerá-lo um sufixo. No entanto, reconhece que, nessa análise, os substantivos deverbais não estariam mais enquadrados no processo da derivação regressiva.

Monteiro (1987) apresenta uma proposta de análise, com o objetivo de resolver essa questão. Já no índice de seu trabalho, ele enumera dois tipos de derivação: a **derivação nominal** e a **derivação verbal**. No grupo da derivação nominal entram a **derivação prefixal**, a **derivação progressiva** (mais conhecida como derivação sufixal ou sufixação) e a **derivação por sufixo zero**. Importa aqui este último grupo.

No que diz respeito à formação de nomes deverbais, Monteiro (1987) analisa que há um encurtamento da forma verbal, razão pela qual muitos estudiosos optam por chamar o processo de derivação regressiva. Todavia, o autor propõe que se trata de uma **derivação por sufixo zero**, e justifica sua opção: “[...] usamos amplamente o morfema zero no paradigma flexional dos nomes e verbos. É possível, contudo, estendê-lo ao mecanismo derivacional, uma vez que existem formas derivadas sem a presença de morfemas aditivos.” (MONTEIRO, 1987, p. 131)

O autor esclarece que o nome deverbal é formado quando ocorre o encurtamento de uma forma primitiva. Trata-se da adaptação de uma terminação verbal a um tema nominal, Desse modo, de *abater* forma-se *abate*; de *pescar*, *pesca*. Para que se considere, então, que se

trata de uma derivação nesses casos, o autor propõe que se assuma a existência de um sufixo zero agregado à palavra derivada. Assim, *abat-* + \emptyset + *e* = *abate*; *pesc-* + \emptyset + *a* = *pesca*.

Vale registrar outra análise inovadora sobre a derivação regressiva que se encontra na obra de Ferreira & Lemos (2005). As autoras entendem que se trata sempre de um processo que forma substantivos a partir de verbos.

A derivação regressiva caracteriza-se pelo fato de, em vez de juntar um afixo a uma base, se retirar um segmento a uma base. Trata-se sempre de um processo de nominalização deverbal, isto é as bases da derivação regressiva são sempre verbos e os seus produtos são sempre nomes de ação. (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 33)

A grande inovação proposta pelas autoras é analisar que

[...] observando este fenômeno de outra perspectiva, o que acontece, de fato, é que o radical verbal assume a categoria de substantivo, adquirindo apenas uma vogal, que é a sua desinência (ou marcador) de gênero. Por isso, abordagens mais recentes desse fenômeno defendem que, em rigor, **a derivação regressiva não se verifica, mas que estamos, sim, diante de um caso de conversão.** (FERREIRA; LEMOS, 2005, p. 34, grifo meu)

3.2.9 Recomposição

Pouco explorado nas gramáticas, o processo da recomposição verifica-se, segundo Ferreira & Lemos (2005), quando um novo elemento é formado a partir de dois outros elementos, sendo que um deles é resultante de uma **truncação**. É o caso de unidades como *telenovela* ou *telegenia*. Efetivamente, o elemento *tele* que ostentam já não é o radical de origem grega, que significava longe, distante; mas, sim, um elemento que resulta da truncação da unidade *televisão*.

Vale lembrar que o processo da **truncação** ou **truncamento** é o processo pelo qual um elemento se reduz, e a parte reduzida – a abreviação – passa a abarcar o significado do todo, como *metro* para *metroviário*, *foto* para *fotografia*. Schwindt (2014) pontua que em geral ocorre um ‘apagamento’ de parte da palavra no processo da truncação e acrescenta que

Esse processo seria mais facilmente explicado em situações em que estão um jogo de morfemas diferentes, em que se estabelece uma relação da parte – o prefixo – pelo todo – prefixo + base. Em geral, esse tipo de formação está na dependência da frequência de seu uso ou do contexto em que se emprega (um exemplo da dependência do contexto para truncamento com prefixos é o caso de *pós*, para *pós-*

graduação num ambiente universitário, já que seu significado se define a partir de uma informação compartilhada). (SCHWINDT, 2014, p. 142)

Ferreira & Lemos (2005) apontam para a denominação pseudoprefixos, proposta também por Cunha & Cintra (1985), para elementos originários da truncação como *tele*, entretanto reconhecem não ser a terminologia mais adequada, pois muitos desses elementos podem ostentar informação lexical e sofrer categorização (nomes ou adjetivos).

As autoras citam ainda outros exemplos de pseudoprefixos que figuram em recomposições na língua portuguesa: *agro* (de agricultura em agropecuária), *eco* (de ecologia em ecoponto), *euro* (de europeu em eurodeputados), *foto* (de fotografia em fotobiografia), *narco* (de narcótico em narcotráfico).

Gonçalves (2016b, p. 72) pontua que a recomposição é um processo pelo qual há um encurtamento de uma palavra “[...] em um formativo que adquire o significado de todo o composto”. A título de exemplo, o autor cita as palavras *fotografia* e *ecologia*, a partir de cuja reanálise depreendem-se as formas *foto* e *eco*, que conservam o significado do todo, carregando-o para as novas formações de que passam a ser constituintes: *fotojornalismo*, *fotomontagem*, *ecoturismo*, *ecovia*.

Sem definir um nome para tais elementos, Gonçalves (2016b) ensina que, no processo de recomposição, utilizam-se como formativos dois tipos de radicais: aqueles que são presos e se comportam sempre como prefixos, nunca figurando de forma autônoma (é o caso de *eco*, *auto*, *tele*, *bio*) e aqueles que acabam se comportando como unidades lexicais autônomas, com estatuto de palavra (*foto*, *moto*). O autor observa que o volume de formas do primeiro grupo é bem maior no português.

3.2.10 Amálgama lexical

Amálgama lexical, palavra-valise, *blend*, cruzamento vocabular, há uma enorme quantidade de termos para designar o processo que agora se descreve. Trata-se de uma espécie de composição em que duas bases se unem, perdendo uma delas ou ambas, grande parte de seus elementos, conforme Alves (2002, p. 69): “Por meio do processo denominado palavra-valise [...] duas bases – ou apenas uma delas – são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra, sua parte inicial”.

Henriques (2007) chama de **cruzamento morfológico** esse processo e entende que seu objetivo é explorar inovadoramente as cargas semânticas das bases que se unem para dar origem ao novo item. O autor exemplifica com formas recolhidas em jornais e em anúncios publicitários, como *showmício* (*show* + *comício*), *chocotone* (*chocolate* + *panetone*) e *dedoches* (*dedos* + *fantoches*).

Pelo caráter expressivo de tal processo, é comum que se encontrem seus exemplos em textos midiáticos. É o que se observa na obra de Valente (2011), que analisa o termo *bistronomia*, encontrado no *Jornal do Brasil*: “[...] o neologismo *bistronomia* é uma forma resultante de três palavras, processo que vem sendo chamado pelos estudiosos da neologia de palavra-valise, cruzamento-vocabular, contaminação, combinação ou amálgama”. (VALENTE, 2011, p. 149)

Sandmann (1992) acrescenta algumas características desse processo, ao qual denomina **cruzamento vocabular**. Trata-se de um processo em que os aspectos da criatividade e da densidade semântica devem ser ressaltados. Isso porque essas formações não obedecem a modelos predeterminados na estrutura da língua, como ocorre na derivação e na composição; portanto, cabe a quem produz a palavra por cruzamento vocabular decidir, por exemplo, onde operará o corte em cada uma das unidades. A produção dos compostos por cruzamento vocabular é feita, portanto, “[...] de forma por forma, como que artesanalmente”. (SANDMANN, 1987, p. 58)

Com relação à especificidade semântica, Sandmann (1992) observa que muitos cruzamentos vocabulares vêm carregados de expressividade, normalmente tendentes à ironia. O autor exemplifica com formas encontradas na imprensa, como *politicanalha* e *esquerdofrênico*.

Vale registrar a observação de Sandmann (1992) em relação ao objetivo das criações por cruzamento vocabular e seu tempo de vida:

[...] a vida é, em geral, muito efêmera, limitando-se, via de regra, como uma criação artística, carregada de jocosidade, ironia ou despreço, ao momento ou contexto para o qual ou no qual foram criadas. O que não lhes tira o mérito ou a graça, sinal que são da criatividade e inventividade do código e de seus usuários. (SANDMANN, 1992, p. 60)

Finaliza-se esta abordagem com a contribuição de Figueiredo (2002), que analisa construções neológicas em “O último voo do Flamingo”, de Mia Couto. A autora portuguesa defende que o processo de criação por amálgama deve receber o nome de *palavra*

portmanteau ou *palavra-mala* e exemplifica com termos como *ficcionário* (ficção + dicionário).

4 O CORPUS

Conforme já se disse na introdução desta Tese, o *corpus* desta pesquisa foi constituído de termos recolhidos em textos publicados em dois veículos de grande circulação na mídia impressa contemporânea: o jornal *O Globo* e a Revista *Veja*.

4.1 Apresentação do *corpus*

É de suma relevância a escolha de um *corpus* jornalístico para o tipo de pesquisa que é aqui proposto. Isso porque o veículo de transmissão de determinada palavra garante o seu maior ou menor alcance. Afirma-se, pois, que a imprensa, especialmente a escrita, é um dos caminhos através do qual um neologismo chega ao conhecimento das pessoas. Isso porque os textos jornalísticos são consumidos por um enorme e variado público, tornando fácil o acesso de grande parte da população aos novos itens lexicais ali publicados.

Além do mais, é em jornais ou revistas que inovações e evoluções da sociedade e da vida moderna são noticiadas, e, sabe-se, é estreita a relação entre evolução, sociedade e neologismo. Acrescenta-se a isso o fato de que a diversidade impera nesses meios de comunicação, uma vez que eles tratam de assuntos das mais diferentes áreas da atividade humana. Desse modo, trabalhar com um *corpus* jornalístico garante um levantamento de termos dos mais distintos campos do saber.

Já o dizia Valente (2011), ao defender a validade da opção por termos encontrados em textos jornalísticos para o trabalho de análise da renovação lexical:

O jornalismo é, atualmente, uma das maiores fontes de enriquecimento do nosso léxico. Em suas diversas áreas (política, economia, cultura etc.), o jornalismo - principalmente o impresso - cria novas palavras ou incorpora algumas inventadas pelo povo. [...] A prática jornalística nos mostra, cotidianamente, como a língua é dinâmica, viva, e está em constante mutação. Nas manchetes, nos editoriais, nos artigos, nos primeiros cadernos, nos cadernos de cultura, de automóveis etc., encontram-se exemplos variados. (VALENTE, 2011, p. 21)

Outros grandes estudiosos dos neologismos da língua portuguesa também optaram por trabalhar com um *corpus* jornalístico. Sandmann (1996, p. 7), por exemplo, avalia que vários fatores colaboram para a escolha desse *corpus*: há um bom número de modelos de criação de

palavras novas, além disso, é corriqueiro que apareçam, em jornais ou revistas, entrevistas com representantes das mais diversas áreas da atividade humana (possíveis formadores de opinião) e destacam-se, por fim, as inúmeras cartas - de políticos, de articulistas, de artistas ou dos próprios leitores – que são dadas a público nesse tipo de mídia.

Sandmann (1996) reitera, ainda, que, na imprensa, são publicados textos de todos os domínios do conhecimento humano, o que garante a diversidade de conteúdo (e, por conseguinte, de vocabulário). Diante disso, o autor afirma que “[...] a multiplicidade dos campos do saber e agir humanos que encontra expressão em jornais mais categorizados garante a acentuada diversificação estilística e a representatividade do *corpus*”. (SANDMANN, 1996, p. 7)

Alves (2002, p. 9) reconhece que “[...] as criações neológicas empregadas nos meios de comunicação de massa brasileiros são muito constantes e de variada natureza.” Tal afirmativa, por si só, já justifica a opção por um *corpus* jornalístico para o trabalho de análise da renovação lexical. Porém a autora inclui um argumento importante, que se presta a ratificar a pertinência da escolha (do jornal *O Globo* e da revista *Veja*) feita para esta pesquisa. A autora avalia que “[...] sendo esses os jornais brasileiros que atingem o maior número de leitores, os elementos neológicos citados nessas fontes têm a possibilidade de serem lidos por um contingente bastante grande de receptores.” (ALVES, 2002, p. 9)

Cabe reiterar que, apesar de um dos veículos fixado para o *corpus* desta pesquisa ser uma revista, optou-se por desconsiderar as diferenças e peculiaridades de cada um desses tipos de publicações (jornal e revista). Para o fim de análise do léxico, julgou-se irrelevante diferenciar os dois periódicos. Importa, aqui, reconhecer que ambos são textos jornalísticos, da mídia impressa e de grande circulação do Rio de Janeiro e no Brasil.

Outra questão importante a relatar é o fato de que, atualmente, no jornalismo, a formalidade da linguagem foi dando espaço para a entrada de um maior despojamento verbal. Hoje é comum que, em nome da expressividade, sejam encontradas manchetes em que figuram vários recursos linguísticos, como o duplo sentido, o uso de expressões polissêmicas, as alusões intertextuais e os neologismos.

Carvalho (1984, p. 61) aponta para a o caráter de simplicidade que se atribui à linguagem jornalística atual, justificando que a informação trazida pela imprensa “[...] está ligada à cultura de massa, de intenção comunitária e generalizante”. Por esse motivo, o que se percebe é que a linguagem rebuscada acaba sendo substituída pela simplificação, a serviço de uma maior comunicabilidade. Tal simplificação, muitas vezes, é condição fundamental para que surjam as palavras novas/inventadas.

Para o sucesso da comunicabilidade, objetivo principal do jornalismo, Carvalho (1984) prevê que, não obstante o caráter simples e comum que apresenta, a linguagem da imprensa precisa ser “[...] tratada de maneira funcional, extraindo-se o máximo de poder de penetração e novidade. É aí que entra o neologismo, uma maneira rápida, diferente e, por vezes, mordaz de transmitir uma notícia”. (CARVALHO, 1984, p. 62)

A autora conclui, pois, que

[...] a imprensa é a via de acesso de inúmeras modificações da linguagem, notadamente dos empréstimos à língua estrangeira, nos noticiários internacionais. Muitos jornalistas também introduzem neologismos em suas seções, pelo cunho de atualização que tal uso traz e pelo poder de influir junto ao público, ávido de novidade. (CARVALHO, 1984, p. 13)

Vale lembrar que se pretende aplicar ao *corpus* desta pesquisa uma análise que alia a perspectiva discursiva à descrição dos aspectos linguísticos. Nesse sentido, merece registro a valiosa contribuição de Valente (2011). O autor considera que os textos produzidos pela mídia merecem especial atenção e valoriza a integração entre os estudos da lexicologia e do discurso, afinal, em se tratando de textos jornalísticos, é sabido que, na maioria das vezes, a mensagem é elaborada de acordo com o posicionamento ideológico do redator (ou do veículo de mídia por ele representado). Em relação a isso, Valente (2011) afirma:

Os textos midiáticos constituem importante objeto de pesquisa não só por atingirem milhões de brasileiros, mas também por constituírem um padrão médio de linguagem de nossa sociedade. É fundamental, portanto que, na análise de tais textos, se identifiquem os recursos linguísticos discursivos utilizados e se comentem tanto os que têm valor expressivo como aqueles que servem de instrumento de manipulação. Afinal, nos meios de comunicação, nenhum autor/produzidor/enunciador é neutro, isento ou inocente. É certo que ele se posiciona ideologicamente – a serviço de quem manda no veículo – e constrói sua mensagem com embasamento sociopolítico. (VALENTE, 2011, p. 63)

Assim, sobretudo por se tratar da análise de termos provenientes da linguagem jornalística, ratifica-se que é fundamental que se investiguem as situações discursivas envolvidas em seu processo de produção.

Maria Aparecida Barbosa (1981, p. 104) também defende a observação dos “contextos intra e extralinguísticos” da situação de produção para que se alcance a total compreensão do novo item lexical. A autora, na verdade, vai além, postulando que só se pode proceder à análise de um termo (seja um neologismo ou não) a partir do momento em que tal item esteja inserido em uma situação de comunicação específica. Só assim se pode depreender toda a significação do discurso. Conforme a autora:

[...] não só a lexia neológica, como também qualquer tipo de lexia, unidade do universo do léxico, disponível na memória do falante, apenas adquire sua plenitude de signo linguístico – como valor de comunicação – em enunciados, em situação de comunicação, num ato de enunciação em que existe toda uma conjuntura que define o valor, o significado específico da lexia empregada. (BARBOSA, 1981, p. 97)

E mais à frente:

Não se pode, na realidade, chegar a compreender uma lexia isoladamente, sem que pertença a um enunciado, nem chegar a aprender toda a significação de um discurso, sem levar em consideração as circunstâncias de comunicação, uma vez que nem sempre o contexto intralinguístico é explícito em si mesmo. Para que possamos depreender seu verdadeiro sentido, isto é, seu valor de comunicação específico, toda a informação que o emissor do texto quis transmitir, é necessário que recorramos ao contexto extralinguístico. (BARBOSA, 1981, p. 105)

Em concordância com os especialistas aqui citados, reconhece-se, pois, que, em um trabalho de análise linguístico-discursiva de neologismos, levar em consideração as circunstâncias de produção de um enunciado (ou de um termo) é de suma importância; caso contrário, não se chega ao verdadeiro sentido, ao valor de comunicação, à informação exata que o produtor do texto desejou alcançar. Além disso, há de se ressaltar que os aspectos linguísticos não serão esquecidos: pretende-se realizar, também, um trabalho de descrição dos mecanismos existentes na língua (e disponíveis no léxico dos falantes) que possibilitaram a construção das novas palavras. Para tanto, apesar do risco de ser redundante com a explanação teórica que se fez ao longo da pesquisa, sempre que necessário para ratificar a análise apresentada, recorrer-se-á a novas explicações ou citações de autores; afinal, aqui importam, sobretudo, a clareza e a objetividade teórica.

Quanto aos neologismos selecionados para constar na seção 4.3 *Análise do corpus*, convém esclarecer mais alguns pontos:

- a) A pesquisa no jornal *O Globo* e na revista *Veja* foi realizada durante os anos de 2016, 2017 e 2018. Nem todos os neologismos encontrados no referido período foram aproveitados na versão final desta Tese. Foi feito um trabalho prévio de análise e selecionaram-se apenas os exemplos mais representativos, ou por conta do aspecto linguístico (da construção inusitada) ou pela expressividade observada no contexto discursivo.

- b) O *corpus* de exclusão constituiu-se dos três mais importantes dicionários da língua portuguesa no Brasil: o *Dicionário Aurélio*, o *Dicionário Houaiss* e o *Dicionário Caldas Aulete*.
- c) A apresentação dos termos seguiu uma organização específica: privilegiou-se ordenar os neologismos pelo processo de construção que lhes deu origem. Desse modo, acredita-se que a exposição tenha ficado mais didática e organizada, facilitando o trabalho do leitor. As divisões e subdivisões que se fizeram necessárias na seção 4.3 *Análise do corpus* serão explicitadas logo adiante, na seção 4.2 *Proposta de análise*, razão pela qual tal organização não será exposta aqui.
- d) Por último, esclarece-se que houve o cuidado de preservar e apresentar, para cada termo catalogado, as devidas informações referentes a sua fonte: data, veículo no qual se encontrou o termo e, quando necessário, o caderno do jornal ou a seção da revista em que foram originalmente publicados.

4.2 Proposta de análise

Importa, na presente seção, definir os parâmetros que serão considerados na análise aqui proposta. Tal definição se faz relevante, pois, conforme o estudo apresentado no capítulo 3 *Processos de formações de palavras*, há divergências entre os teóricos, seja no que diz respeito à própria descrição do processo de formação seja por uma questão de terminologia.

Desse modo, definiu-se nesta Tese, com base nos processos de formação de palavras e nos resultados da pesquisa, que serão considerados, os seguintes tipos de neologismos:

1. Neologismos formais

1.1. Neologismos por composição

1.1.1. Neologismos por composição por justaposição

1.1.2. Neologismos por composição por aglutinação

1.1.3. Neologismos por amálgama lexical

1.1.4. Neologismos por recomposição

1.2. Neologismos por derivação

1.2.1. Neologismos por derivação prefixal

1.2.2. Neologismos por derivação sufixal

1.2.3. Neologismos por derivação parassintética

1.2.4. Neologismos por derivação imprópria

1.3. Neologismos por abreviação

1.4. Neologismos por empréstimos

2. Neologismos semânticos

O primeiro grupo, o dos neologismos formais, abarcou inúmeras subdivisões, de acordo com o mecanismo de construção do vocábulo. No grupo dos neologismos por composição, cabe um esclarecimento: o terceiro item contempla os neologismos formados por amálgama lexical. Esse processo, muito produtivo para fins de expressividade, é pouco contemplado nas gramáticas tradicionais, talvez porque seus termos não tenham uma vida longa no idioma: trata-se, na maioria das vezes, de vocábulos que são construídos a partir da criatividade do falante, explorando as potencialidades significativas de cada uma das bases do composto. Observou-se a incidência de muitas criações desse tipo no *corpus*, portanto foi fundamental incluir o processo de composição por amálgama na lista de processos possíveis para formação dos neologismos. Vale observar ainda que o processo de composição por amálgama recebe diversas outras nomenclaturas, como cruzamento vocabular, *blend* ou palavra-valise. Aqui, optou-se por utilizar o termo amálgama lexical.

Quanto aos neologismos formados por derivação, há, também, esclarecimentos a fazer. Observa-se que o primeiro item da lista dos derivados contempla os neologismos formados por derivação prefixal. Ainda que se saiba da problemática em diferenciar prefixos e elementos compostos (prefixação e composição), escolheu-se privilegiar a análise tradicional e considerar os casos de neologismos formados a partir do acréscimo de prefixos casos de derivação. Logo, há uma seção destinada aos neologismos por derivação prefixal.

Outra informação importante refere-se à ausência de uma seção que privilegie os neologismos por derivação regressiva, mecanismo bastante comentado no capítulo que se refere aos processos de formação de palavras. Explica-se: não foi encontrado, no *corpus*, nenhum termo formado a partir de tal processo, sendo assim, tornou-se desnecessária a inclusão de tal seção.

Por fim, informa-se que os processos conhecidos como siglagem (ou siglas) e truncamento (ou truncação) serão aqui alocados na seção que analisa os neologismos por abreviação. O mesmo se verifica em Azeredo (2014, p. 467), que aponta para três modelos de abreviação: a redução ao primeiro elemento da forma complexa (*pós*, para *pós-graduação*) –

que seria o processo denominado por muitos estudiosos de truncamento; a supressão de uma parte fonética do termo (*Mengo*, para *Flamengo*) – o processo da abreviação propriamente dito; e a representação de um nome composto ou expressão por suas unidades iniciais (*PT* para *Partido dos Trabalhadores*) – que seria o processo denominado siglagem.

4.3 Análise do *corpus*

Chega-se, pois, ao momento de apresentação e análise dos neologismos. Serão apresentados 116 neologismos, divididos da seguinte forma: 84 neologismos formais e 32 neologismos semânticos.

Reitera-se a intenção de apresentar, nesta análise do *corpus*, apenas os exemplos que foram considerados mais expressivos. Desse modo, muitos termos encontrados durante a pesquisa não foram aproveitados no *corpus* final.

4.3.1 Neologismos formais

Os neologismos formais, também conhecidos como neologismos vocabulares ou neologismos da língua, são aqueles em que se verifica um novo significante.

4.3.1.1 Neologismos por composição

Os neologismos por composição são aqueles em que há duas bases que se unem para dar origem a uma nova palavra.

4.3.1.1.1 Neologismos por composição por justaposição

A composição por justaposição caracteriza-se pela união das duas bases de modo que cada uma delas conserve sua identidade fonética.

FREIXOFOLIA

O Globo, 09.02.2017

A criatividade do povo carioca tem relação direta com o surgimento desse novo item lexical. Para o carnaval de 2017, os cariocas prepararam um novo bloquinho, que seria inaugurado na tradicional Praça São Salvador, em Laranjeiras. ‘Me Beija Que Eu Votei no Freixo’ era o nome do bloco.

Ancelmo Gois, então, intitulou a notinha de divulgação do referido bloco de FREIXOFOLIA. Trata-se da junção de dois radicais, sem perda fonética em nenhum deles. Unem-se as bases **Freixo** e **folia** para representarem, respectivamente, o político homenageado e o momento cultural vivido: o Carnaval.

TURISMOFOBIA

O Globo, 13.08.2017

Em muitos países da Europa, os habitantes estão fazendo manifestações contra a invasão de turistas que ocorre a cada verão. Para noticiar o fato, sob o título ONDA DE TURISMOFOBIA ALCANÇA O VERÃO EUROPEU, percebe-se que o jornalista cria o vocábulo **turismofobia**, que significa aversão a turistas, remetendo diretamente ao conteúdo exposto na matéria. **Turismofobia** é um termo formado pela união de duas bases, sem que nenhum deles sofra perda fonética. Trata-se, pois, de uma composição por justaposição.

RIOFOBIA

O Globo, 15.01.2017

Na coluna de Lauro Jardim, no caderno principal do jornal *O Globo*, o colunista noticia que uma grande empresa multinacional realizaria uma convenção na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. No entanto, parece que a empresa desistiu de fazer o evento na cidade devido ao alto custo para o transporte, alegando que os participantes precisariam de uma “escolta armada” do aeroporto ao hotel.

Riofobia é o vocábulo criado por Lauro Jardim, a partir de uma composição por justaposição entre as bases **Rio** e **fobia**, reforçando e chamando atenção para o medo sentido pelos estrangeiros em relação à falta de segurança na cidade do Rio de Janeiro.

MÃE-PROPAGANDA

O Globo, 10.05.2018

Ancelmo Gois anuncia que a mãe de Neymar, Nadine Gonçalves, será a estrela da nova campanha de propaganda da *Gol*, empresa de aviação brasileira, pelo Dia das Mães. Por analogia ao conhecido termo **garoto-propaganda**, e por se tratar de uma campanha em homenagem ao Dia das Mães, o jornalista cria para título da notinha o termo **mãe-propaganda**, uma composição por justaposição entre as bases **mãe** e **propaganda**.

HOMEM-TIME

O Globo, 16.06.2018

Por ocasião da Copa do Mundo da Rússia, o Jornal *O Globo*, como faz com a maioria dos grandes eventos, criou um caderno especial, o *Copa 2018*, e ali passou a concentrar, diariamente, os informes, as notícias e as opiniões acerca do campeonato de futebol. Carlos Eduardo Mansur, a propósito de um dos primeiros jogos do mundial, o jogo entre Portugal e

Espanha, aplaude a atuação de Cristiano Ronaldo redigindo um texto intitulado: **O HOMEM-TIME**.

Para o leitor que assistiu ao jogo, fica fácil verificar que tal composição trata de atribuir a responsabilidade do espetáculo esportivo presenciado às brilhantes jogadas do artilheiro português. O jogo terminou em um empate (3 a 3). Foi uma bela partida do time espanhol, mas o que chamou atenção mesmo foi o desempenho de Cristiano Ronaldo. A composição **HOMEM-TIME** faz jus à excelente atuação do astro português, fato pelo qual o jornalista termina seu texto afirmando: “A Espanha tinha mais jogo. Mas vieram a bola longa, a falta, e o Cristiano Ronaldo. Determinados homens são, eles próprios, o jogo”.

Homem-time é uma composição por justaposição das bases **homem + time**.

SAMBABOOK

O Globo, 22.01.2017

A notícia é sobre o artista Jorge Aragão e o lançamento de seu **sambabook**. Trata-se de um novo produto do mercado fonográfico que faz um compêndio das principais obras de vários sambistas e é comercializado no formato CD, DVD ou Blue Ray. O pacote ainda contempla um livro e um fichário de partituras. Já lançaram seu **sambabook** intérpretes como Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, entre outros. Trata-se de uma composição híbrida, a partir da justaposição das bases **samba + book**.

DISQUE-FLANELINHA

O Globo, 02.04.2017

No *Caderno Niterói*, noticia-se um projeto de lei que visa às denúncias contra os abusos praticados pelos conhecidos (e dicionarizados) **flanelinhas**. Em *Caldas Aulete*, versão *online*, pode-se encontrar a seguinte definição para **flanelinha**: “pessoa que, em troca de dinheiro, vigia carros na rua”.

Em Niterói, devido à falta de regulamentação para a ação desses indivíduos e aos inúmeros episódios de coação a que os motoristas vêm sendo submetidos, surge o projeto de

lei. A ideia é que haja um telefone para possíveis denúncias contra os guardadores de carros: o **disque-flanelinha**, daí o título da matéria. É uma composição por justaposição entre as bases **disque** e **flanelinha**. Trata-se de uma analogia ao conhecido canal telefônico auxiliar nas investigações policiais, o **disque-denúncia**.

GOVERNADOR-LARANJA

O Globo, 30.04.2017

O termo aparece numa notinha ao final da crônica de Arthur Xexeu. Explica-se: é hábito do autor apresentar, ao final de seus textos semanais, pequenas “notinhas”, com informações distintas do conteúdo da narrativa maior. Na data em questão, Xexeu se referia a mais um dos problemas enfrentados pelo Rio de Janeiro: a falta de atuação do governador Pezão e sua insistente tentativa de transferir os problemas do estado para a alçada federal. **Governador-laranja** foi o termo usado pelo escritor para se referir a Pezão.

Laranja é um conhecido neologismo semântico, já dicionarizado. Em *Caldas Aulete*, por exemplo, encontra-se a seguinte definição para **laranja**: “[...] pessoa que serve de intermediária em transações financeiras fraudulentas, usando o próprio nome para ocultar a identidade de quem a contrata”. Utilizando a expressão **governador-laranja**, o cronista refere-se ao fato de o governador Pezão estar transferindo a responsabilidade de atuar na resolução dos problemas do estado RJ; desse modo, comportando-se como uma figura decorativa no governo, que apenas aparece ocupando a função de governador, mas as atribuições dessa função são de responsabilidade de outrem, no caso, o governo federal.

Trata-se, pois, de uma composição por justaposição das bases **governador + laranja**.

PILATES-CABEÇA

O Globo, 19.05.2017

Em uma divertida crônica, Arthur Dápiève propõe uma nova estratégia para a prática de exercícios físicos à qual denomina **pilates-cabeça**, que é o título do texto. O novo

treinamento consiste na arrumação de livros em estantes. Passo a passo, o autor vai descrevendo os exercícios: abaixar, pegar os livros, agrupá-los em pilhas, separá-los por assunto, subir na escada, dispor os livros na estante etc. Todas essas atividades são, é claro, acompanhadas por informações de grande valor cultural sobre os livros que “passam” pelas mãos do **pilateiro-cabeça** (outro termo criado pelo autor para designar aqueles que participam das atividades do **pilates-cabeça**).

Pilates-cabeça é uma composição por justaposição: apenas somam-se as bases **pilates** + **cabeça**; e **pilateiro-cabeça** é também uma palavra formada pela composição por justaposição de **pilateiro** (também um neologismo, formado por derivação sufixal a partir de pilates) + **cabeça**.

PRIMEIRA-COMPANHEIRA

Veja, 08.02.2017

A notícia é sobre a morte de Mariza, esposa do ex-presidente Lula, portanto, ex-primeira-dama do Brasil. O termo **primeira companheira** é uma analogia ao termo ‘primeira-dama’ e uma alusão ao fato de ela ter sido esposa de um membro atuante de um partido político, já que o termo ‘companheiro’ é comumente usado por integrantes de associações políticas de esquerda. Intitula-se, então, a notícia A PRIMEIRA-COMPANHEIRA, uma composição por justaposição a partir da união das bases **primeira** + **companheira**.

MÃO-SOLTA

Veja, 28.06.2017

A JUÍZA “MÃO-SOLTA” é o título desta notícia sobre Sueli Armani, uma juíza que é conhecida por julgar com muita rapidez a concessão de benefícios previstos em lei para

prisioneiros. Sueli dá celeridade ao processo e concede liberdade ou progressão ao regime semiaberto para muitas pessoas, fato que é criticado por muitos outros magistrados.

O jornalista cria, por composição por justaposição, o termo **mão-solta**, uma união das bases **mão + solta**. Destaca-se, ainda, a expressividade semântica que se confere ao termo, numa tentativa de denunciar certa falta de critério da juíza, como se ela assinasse e deferisse todos os pedidos, sem dar-lhes a devida atenção.

UBERBEBÊS

O Globo, 03.06.2018

‘UBERBEBÊS’ A BORDO é o título da referida notícia que consta do *Caderno Rio* do jornal *O Globo*. Trata-se de uma curiosidade: noticia-se que, no último ano, nove bebês nasceram em veículos do aplicativo de transporte Uber no Rio de Janeiro. **Uberbebês** é uma composição por justaposição, realizada a partir da união das bases **uber + bebês**.

Vale comentar também a intertextualidade que se verifica no título da notícia. “Bebê a bordo” foi o nome de uma famosa novela de Carlos Lombardi, exibida pela Rede Globo de televisão, em 1989. Anos depois, em 1993, a novela foi reexibida na programação de *Vale a pena ver de novo*.

VÔVOLKS

O Globo, 19.03.2017

No *Caderno Barra*, **Vôvolks** é um termo criado por composição por justaposição a partir da junção da palavra **vovô** com parte do nome da marca **Volkswagem** de automóveis (já largamente conhecida como **Volks**). O termo, conforme se explica no texto da notícia, foi criado pelos participantes da tal confraria dos amantes de carros antigos e foi uma homenagem ao participante mais velho da turma, já conhecido por todos como “Vovô”. Daí nasceu a **Vôvolks**.

Trata-se de uma composição híbrida, já que a uma palavra do idioma português, **vô** (criada pelo processo de abreviação a partir da palavra “vovô”), soma-se uma palavra de origem alemã **volks** (uma também abreviação do nome *Volkswagen*).

Comenta-se, ainda, o sintagma adverbial presente na manchete da notícia **VÔVOLKS NA PISTA**. **Na pista** é uma inovação semântica para aludir ao fato de que a confraria é atuante, há encontros e atividades em desenvolvimento, assim como o encontro organizado no shopping Recreio, em comemoração ao primeiro aniversário do grupo, assunto da matéria em questão. **Na pista** refere-se, pois, a estar em atuação e parece bastante pertinente, sobretudo quando se leva em conta que a notícia trata de carros que, supostamente, são feitos para trafegarem em “pistas”.

4.3.1.1.2 Neologismos por composição por aglutinação

Ocorre composição por aglutinação quando duas bases se unem submetendo-se a um único acento tônico.

CÃOMINHADA

O Globo, 14.03.2017

O *Caderno Boa Viagem* noticia uma inovação na cidade de Brotas. Conhecida como roteiro imperdível para os adeptos de ecoturismo e aventura, a cidade terá disponível, em um de seus principais hotéis, uma área destinada a atender aos animais de estimação: o *Dog Park*. (utilização de termos emprestados da língua inglesa, que compõem o nome do parque).

A formação neológica que se deseja comentar aqui é o nome dado a uma das atividades oferecidas: a **cãominhada**. Trata-se de um passeio oferecido para os tutores e seus cães, uma composição por aglutinação das bases: **cão** + **caminhada**. A união das duas bases traduz-se numa tentativa de reforçar que se trata de uma atividade de caminhada destinada aos animais. Unem-se duas bases que, entretanto, se submetem a um acento único, caracterizando o processo da composição por aglutinação.

TROPICALIENTE

O Globo, 14.12.2016

Não se pode negar que muitas palavras de língua espanhola já transitam largamente em nosso vocabulário, o que justifica a facilidade com que aplicamos a elas as regras do nosso sistema linguístico. O termo **tropicaliente**, já utilizado em 1994 como título de uma novela da rede Globo de televisão, aparece na capa da *Revista de Domingo*, atualmente *Ela*, anunciando uma lista especial de verão constante das páginas da revista: são biquínis, boias, protetores solares etc. Vale informar que a referida novela passava-se em um ambiente de praia, e o título **tropicaliente**, obviamente, reforçava esse cenário.

A palavra **tropicaliente**, que se realiza graças à junção de elementos de línguas diferentes, é uma composição híbrida, que reforça a ideia da temperatura elevada na estação do verão, fato que justifica a matéria com a sugestão de itens indispensáveis para o uso. Unem-se as duas bases acarretando a perda fonética em uma delas, caracterizando, pois, a composição por aglutinação.

CÃOLIMPÍADA

Veja, 14.09.2016

A notícia aproveita o ensejo das Olimpíadas do Rio de Janeiro e anuncia um evento esportivo destinado aos cães, idealizado por um clube canino. Trata-se de um dia em que os tutores devem levar seus cães ao clube para atividades em pistas de corridas, piscinas etc.

A palavra **cãolimpíada** é formada pelo processo da composição por aglutinação, a partir da união das bases **cão** + **olimpíada** que se submetem a um acento único.

4.3.1.1.1 Neologismos por amálgama lexical

Trata-se de um processo de composição muito utilizado para finalidade expressiva: para formar a nova palavra, unem-se duas bases, perdendo uma delas ou ambas, grande parte de seus elementos.

ATACAREJO

O Globo, 14.04.2017

A reportagem é sobre o CADEG, um dos maiores mercados populares do Rio de Janeiro, onde se vendem produtos por atacado ou varejo. Exatamente por esse motivo, o jornalista cria o termo **atacarejo**, afirmando que “[...] não deixa de ser inusitado um passeio por esse mercado de **atacarejo**”. Juntam-se os elementos **atacado** e **varejo** em uma referência clara ao fato de coexistirem os dois tipos de comércio no Cadeg.

A união entre os dois elementos é feita de forma criativa, cortando-se, aleatoriamente, parte de cada um dos vocábulos, portanto é um caso de amálgama lexical.

GERIATUBER

O Globo, 01.04.2018

A manchete em questão anuncia uma entrevista com a ex-apresentadora de programas de televisão Leda Nagle. Segundo a própria Nagle, agora que ela investe em um canal do *youtube*, ela transformou-se em uma **geriatuber**. A criação se justifica porque Leda Nagle já é uma senhora de 67 anos de idade e ela mesma faz piada e propaganda com isso.

Influenciada pelo filho e pela nora, que também gerenciam canais no *youtube*, Nagle resolveu dedicar-se a essa nova mídia e parece que vem tendo sucesso. *Youtuber* é o nome que se dá àqueles que têm canais no *youtube* e os utilizam, normalmente, para entreter, expor

conhecimento, opiniões, informações etc. Portanto, agora *youtuber*, Leda Nagle faz uma brincadeira e se autodenomina **geriatuber**.

Para os termos formados a partir de *tube*, Gonçalves (2016) apresenta uma importante contribuição:

A expressão inglesa ‘You tube’ pode ser traduzida como “você no tubo”, em que a palavra ‘tubo’, usada metonimicamente em referência à televisão nessa língua, é hoje empregada para se referir ao monitor (tela do computador), dispositivo pelo qual são veiculadas as imagens fornecidas pela Internet. [...] A expressão ‘youtube’ pode ser considerada o gatilho para a formação de um esquema de formação de palavras, ainda em inglês, pois *-tube* deixa de significar “tubo, televisão” e passa a designar um site de vídeos, em que o conteúdo das filmagens é evocado pela palavra base à esquerda. (GONÇALVES, 2016, p. 80, 81)

Gonçalves (2016) defende que partículas como *-tube* não têm estatuto morfológico definido e devem ser chamadas de *splinters*. De acordo com a definição do estudioso, “[...] em inglês, *splinter* originalmente significa “fragmento”, “pedaço”, “lasca”. Na literatura morfológica, por sua vez, o termo remete a partes de palavras que, retendo o significado da forma original, recorrem numa borda específica de novas formações lexicais”. (GONÇALVES, 2016, p. 75) Assim, partindo do modelo inicial *youtube*, o *splinter -tube* assume função bastante semelhante à dos sufixos, posicionando-se sempre à direita da base quando dão origem a novas formações.

Geriatuber é, portanto, uma composição híbrida por amálgama, a partir da junção dos elementos **geriatra** + **tuber** com o fim de alcançar o efeito expressivo da brincadeira.

MARATURISMO

O Globo, 10.05.2018

No *Caderno Viagem*, a reportagem é sobre viagens que combinam passeios turísticos com maratonas. Parece que, nos últimos anos, tem aumentado muito o número de atletas maratonistas que viajam a outros países ou a outros estados para participar de corridas. Os atletas acabam aproveitando a viagem para visitar pontos turísticos, conhecer restaurantes etc.

Para designar esse tipo específico de viajantes, o jornalista cria o termo **maraturismo**, uma composição entre os radicais **maratona** e **turismo**, em que, aleatoriamente, o redator

opta por operar um corte na primeira palavra. Trata-se, pois, de uma composição por amálgama.

BICITÁXI

O Globo, 17.06.2018

Notícia-se que, em janeiro de 2019, começará a circular no Rio de Janeiro um novo tipo de veículos: os **bicitáxis**, que são veículos de três rodas, com capacidade para dois a cinco passageiros, velocidade de 30km/h e movidos à energia solar e elétrica. Esse meio de transporte já circula há um tempo em cidades como Havana e Bangkok e foi considerado uma ótima saída para percursos curtos, sem impacto ambiental.

Os **bicitáxis** atendem a demandas que são o futuro mundial: a necessidade de se criarem alternativas mais sustentáveis de transporte e de se pensarem estratégias para circulação nas grandes cidades.

Bicitaxi é uma composição por amálgama a partir das bases **bicicleta** e **táxi**.

NEYMARKETING

O Globo, 31.07.18

A notícia é sobre o comercial da *Gillette* que teve como personagem principal o jogador Neymar. O comercial trazia, além de imagens do jogador durante a Copa do Mundo, um texto lido pelo próprio atleta. De acordo com a notícia, o comercial gerou repercussões negativas na imprensa e nas redes sociais.

O texto lido por Neymar fazia referência a sua atuação em campo, ressaltando a questão dos ‘exageros’ protagonizados pelo jogador nos momentos de quedas em campo. Parece que a fala do atleta foi muito criticada, já que não houvera nenhuma entrevista oficial do craque depois da Copa. Diz o texto da notícia:

“Nas redes sociais, houve muitas críticas. Há quem cite ainda o ‘**neymarkentig**’, em alusão ao fato de o atleta só se pronunciar em campanhas publicitárias, sem encarar os

jornalistas”. **Neymarketing** é um neologismo por amálgama lexical, em que se unem as palavras **Neymar** e **marketing**.

FUTUROBOL

O Globo, 11.06.2018

Com o início da Copa do Mundo de 2018, na Rússia, começam a se discutir as novas diretrizes para o próximo mundial. Segundo se noticia, as mudanças já estão sendo pensadas; portanto, o modelo com 32 seleções participantes está próximo de ser substituído por outro, com 48 times participantes. Esta é uma das primeiras notícias anunciadas para o mundo do futebol.

Sob o título FUTUROBOL, uma composição por amálgama entre as palavras **futuro** e **futebol**, o texto comunica ainda a consagração da utilização da tecnologia como um aliado para a arbitragem.

NEYMART’NÁLIA

O Globo, 19.06.2018

No *Segundo Caderno*, na coluna de Marina Caruso, a colunista noticia o fato de que a aparição de Neymar no primeiro jogo da seleção brasileira pela Copa do Mundo com um novo e inusitado corte de cabelo havia causado grande repercussão na internet. Houve comparações entre Neymar e a cantora Mart’nália, já que, de fato, o corte de cabelo ficara bastante semelhante.

Caruso comunica, pois, a reação da cantora, que brincou com as comparações feitas, ressaltando o fato de que, apesar do cabelo parecido, havia muitas diferenças entre ela e o jogador, a começar pela conta bancária milionária do atleta e pela sua namorada famosa, a atriz Bruna Marquezine. Devido à brincadeira da cantora, a jornalista intitula seu texto NEYMART’NÁLIA, MAS NEM TANTO.

O termo **Neymart'nália** configura uma composição por amálgama, com os nomes das duas personalidades: **Neymar** e **Mart'nália**.

BOLSODORIA

O Globo, 20.06.2018

A notícia, intitulada FENÔMENO BOLSODORIA informa sobre a tendência que vem sendo observada em eleitores de São Paulo. Parece que, por conta de um discurso contrário ao PT peculiar a ambos os candidatos, eles detêm a preferência de muitos eleitores: eleitores que votam em Doria para governador também votariam em Bolsonaro para presidente. É o fenômeno do voto **bolsodoria**.

No texto da notícia, o fenômeno é comparado a outro, ocorrido nas eleições de 2006, em Minas Gerais: o **lulécio**. O **lulécio** consistia no voto de eleitores que escolhiam Aécio para governador e Lula para presidente.

Bolsodoria é uma composição por amálgama a partir dos nomes dos políticos **Bolsonaro** e **Doria**. **Lulécio** é também uma composição por amálgama a partir dos nomes de **Lula** e **Aécio**.

4.3.1.1.4 Neologismos por recomposição

O processo de recomposição ocorre quando um novo elemento é formado a partir de dois outros elementos, sendo que um deles é resultante de uma **truncação**. Vale lembrar que a **truncação** (ou **truncamento**) é o processo pelo qual um elemento se reduz, e a parte reduzida passa a abarcar o significado do todo.

BIOMARCADORES

O Globo, 29. 07.2017

BIOMARCADORES MOSTRAM NOVAS TERAPIAS PARA O AZHEIMER é o título desta notícia. Trata-se de uma descoberta de cientistas da Universidade de Ohio. À medida que a doença se agrava, as proteínas que se alojam no sangue dos doentes se modificam, tornando-se mais longas e rígidas. Tais proteínas são os **biomarcadores**: pistas fornecidas pelo próprio sistema corporal para que se avaliem o estágio da doença e as possibilidades de tratamento.

Biomarcadores é uma palavra formada por recomposição, a partir da união das bases **bio** + **marcadores**. Trata-se de um caso de recomposição, pois o elemento **bio-** abarca completamente o significado da palavra **biologia** e passa a figurar, com esse significado, compondo esse novo termo.

Conforme Gonçalves (2016, p. 72), no processo da recomposição sempre há um encurtamento de uma palavra “[...] em um formativo que adquire o significado de todo o composto”. A título de exemplo, o autor cita as palavras *fotografia* e *ecologia*, a partir de cuja reanálise depreendem-se as formas *foto* e *eco*, que conservam o significado do todo, carregando-o para as novas formações de que passam a ser constituintes: *fotojornalismo*, *fotomontagem*, *ecoturismo*, *ecovia*.

Além disso, o autor acrescenta que no processo de recomposição, podem ser utilizados como **formativos** dois tipos de radicais: aqueles que são presos e se comportam sempre como prefixos, nunca figurando de forma autônoma (é o caso de *eco*, *auto*, *tele*, *bio*) e aqueles que acabam se comportando como unidades lexicais autônomas, com estatuto de palavra (*foto*, *moto*). Gonçalves (2016) observa que o volume de formas do primeiro grupo é bem maior no português. **Biomarcadores** é, pois, um exemplo desse grupo.

CIBERESPIONAGEM

Veja, 29.03.2017

Título da reportagem: A CIBERESPIONAGEM COMPENSA. Notícia-se que há uma suspeita de que o governo de Moscou tenha orquestrado uma ação virtual para recolher informações sobre Hillary Clinton e prejudicar sua candidatura, em benefício de Donald Trump. Já que a vitória nas eleições foi deste candidato, a ação virtual, a **ciberespionagem**, foi bem sucedida, por isso, diz-se que ela compensa.

Segundo Gonçalves (2016, p. 84) “ [...] *cyber-* constitui um encurtamento não morfêmico da palavra inglesa *cybernetics* [...]”. O autor se deteve, então, a estudar o significado de *cybernetics* e concluiu que o termo nomeava “o governo dos sistemas físicos automáticos”. Com o desenvolvimento da tecnologia, entretanto, *cyber* passou a ser utilizado também em referência à internet, à comunicação virtual etc.

Devido a essa ampla possibilidade de significados atribuídos a *cybernetic* é natural que o mesmo ocorra com o elemento *cyber*. Gonçalves (2016, p. 87), portanto, faz um levantamento de termos criados a partir da importação de *cyber* e conclui que “[...] do ponto de vista formal, as construções com *cyber-X* associam-se ao padrão de prefixação em português”.

O autor chama atenção, ainda, para o fato de que há uma grande instabilidade ortográfica na utilização desse elemento.

Há registro de formas escritas aglutinadas ou soltas (*cyberloja* – *cyber loja*), com ou sem hífen (*cyberataque* – *cyber-ataque*), com <i> ou com <y> (*cyber-café* – *ciber-café*), com aspas ou outro recurso gráfico que sinalize uma espécie de “autorização” para o uso da forma (“*cyber*” filho, “**cyber**” jogador). Essa variabilidade gráfica sinaliza o baixo grau de nativização da partícula, a despeito de o português apresentar a forma ‘cibernética’ escrita aglutinada e com o <i>. (GONÇALVES, 2016, p. 86)

Dessa forma, conclui-se que o elemento *cyber-*, oriundo do encurtamento da palavra inglesa ‘*cybernetics*’, passa a ser utilizado em várias palavras do português, preservando o conteúdo de cibernética, ciência que estuda a automatização da vida e das relações.

Desse modo, conclui-se que **ciberespionagem** é um termo formado pelo processo da recomposição, a partir da união dos elementos *ciber-* + **espionagem**.

INSTAPOETAS

O Globo, 26.05.2018

A reportagem de capa do *Segundo Caderno*, intitulada VOZES POÉTICAS DE UMA NOVA GERAÇÃO divulga o trabalho de jovens poetas que ficaram famosos graças às postagens no Instagram. Através de suas postagens, esses escritores ganharam visibilidade e fama. Todos os poetas citados na reportagem já lançaram livros, e muitas dessas obras figuram nas listas dos mais vendidos em âmbito nacional ou mundial.

O poetas – **instapoetas** – citados são: Pedro Gabriel (@eumechamoantonio), Clarice Freire (@podeluaoficial), Ryane Leão (@ondejazzmeucoração), Rupi Kaur (@rupikaur), Zack Magiezi (@zackmagiezi), João Doederlein (@akapoeta).

Trata-se de uma recomposição, pois o termo, **instapoetas**, é criado a partir da junção do termo **insta** (uma abreviação, ou truncamento, a partir do termo Instagram, nome da famosa rede social mundial) mais o termo **poetas**. **Insta + poetas = instapoetas**.

TRANSRESPEITO

Veja, 02.11.2016

Noticia-se a participação de uma modelo que parece ter despontado na última edição da *São Paulo Fashion Week*. Valentina Sampaio, a modelo vinda de uma pequena cidade do Ceará, é uma transexual e declara que sempre foi respeitada em sua cidade. Daí o título da notícia: **transrespeito**.

Trata-se de recomposição, pois é um caso de palavra formada a partir da união de **trans** – que, pelo processo de truncamento, abreviação ou encurtamento, passou a abarcar a significação total da palavra **transexual** – mais a palavra **respeito**.

ECOCHATO

Veja, 12.06.2017

O título refere-se ao ator Matheus Solano, que, segundo dizem, assume atitudes sustentáveis, como dirigir um carro elétrico, instalar sistema de energia solar em sua casa etc. Por esse motivo, a notícia intitula-se ECOCHATO COM ORGULHO.

Gonçalves (2016) analisa que as formações com *eco* são um caso de recomposição. Isso porque o elemento *eco* englobou por completo o significado da palavra matriz ‘ecologia’ e passou a figurar, com esse significado, em muitas construções novas; afinal, temas relativos ao meio ambiente, à sustentabilidade, à preservação têm grande relevância no cenário mundial atualmente. É natural, pois, que surjam novas palavras relacionadas a esse contexto.

Desse modo, “[...] podemos observar que *eco-* [...] atualiza os conteúdos “ecológico”, “ecologia” e passa por uma mudança de estatuto morfológico: passou de radical neoclássico a afixóide”. (GONÇALVES, 2016. p. 55). Vale registrar que Ferreira & Lemos (2005) apontam para a denominação **pseudoprefixos**, proposta também por Cunha & Cintra (1985), para alguns elementos originários da truncação como *eco*.

Analisa-se, pois, o termo **ecochoato** como um caso de recomposição a partir da união das bases **eco** + **choato**.

4.3.1.2 Neologismos por derivação

São os neologismos formados pelo processo em que se observa apenas uma base que sofre acréscimo de um afixo – prefixo ou sufixo.

4.3.1.2.1 Neologismos por derivação PREFIXAL

Trata-se de palavras formadas pelo acréscimo de um prefixo a uma base existente.

ANTIPETISMO E ANTIBOLSONARISMO

O Globo, 24.09.2018

Em uma reportagem sobre as intenções de voto dos brasileiros nas eleições para presidente da república, o jornalista afirma que muitos brasileiros estão indecisos e tendem a apoiar Ciro Gomes, o candidato que se encontra entre o **antipetismo** e o **antibolsonarismo**, sendo, portanto, o político que escapa às grandes tendências de rejeição no momento.

Trata-se de uma derivação prefixal: acréscimo do prefixo *anti-* aos substantivos **petismo** e **bolsonarismo** – ambos neologismos formados pelo acréscimo do sufixo *-ismo*.

ANTIMOSQUITO

O Globo, 15.01.2017

É verão no Rio de Janeiro e a preocupação das pessoas em relação aos mosquitos transmissores de doenças aumenta. Noticia-se, então, a iniciativa de uma lavanderia na Barra da Tijuca que pretende imunizar os tecidos contra os indesejados insetos. A notícia aparece sob a manchete ROUPA ANTIMOSQUITO.

Antimosquito é uma criação neológica formada pelo prefixo *anti-*, que traz a ideia de ação contrária, mais a base **mosquito**, reforçando a ideia de que haverá, realmente, uma tentativa de combate às investidas dos insetos. Ressalta-se aqui a inovação no modelo de construção com base no acréscimo do prefixo *anti-*: via de regra, esse elemento sempre se une a bases adjetivas (*antiextremista*, *antidemocrático* etc). Contudo, o que se observa no exemplo em questão é a união do prefixo *anti-* a uma base substantiva.

Em relação a isso, vale registrar as palavras de Alves (2002):

Costumam afirmar as gramáticas que os elementos prefixais, ao contrário dos sufixais, caracterizam-se pela não alteração da classe gramatical das bases a que se associam. Entretanto, vários exemplos atestam que um prefixo, unido a uma base substantiva, pode atribuir-lhe função adjetiva [...] A função adjetiva é comumente verificada com o prefixo *anti-* seguido de nome substantivo. (ALVES, 2002, p. 23)

De fato, observa-se uma função adjetival em **antimosquito**.

ANTIVACINA

O Globo, 31.07.2018

Apesar da recente eclosão de muitas doenças que já eram consideradas praticamente erradicadas no Brasil (como o sarampo, por exemplo), muitos pais ainda se recusam a vacinar seus filhos. Na notícia em questão, comunica-se que muitas “fake news” que estão sendo disseminadas constituem um importante fator para a recusa das pessoas em se vacinarem ou vacinarem seus filhos.

O título da referida notícia é ‘FAKE NEWS REFORÇAM MOVIMENTO ANTIVACINA’. **Antivacina** é, pois, um neologismo por derivação prefixal.

Convém destacar ainda, no texto da notícia, dois outros neologismos: **antivacinistas**. O termo aparece em meio à informação de que há um livro, “Recusa de vacinas”, lançado pelo infectologista Guido Levi, em que é traçado o perfil dos **antivacionistas**; e *fake news*, um conhecido neologismo por empréstimo que significa notícia falsa.

Cabe observar que também se verifica função adjetival em **antivacina**.

AGÊNERO

O Globo, 15.01.2017

A reportagem de capa da *Revista de Domingo* tratava de um assunto difundido na atualidade, mas ainda polêmico: as diferenças (ou não) dos gêneros masculino e feminino. O enfoque é em relação ao modo de se vestir. Comunica-se, pois, a existência de uma estilista (Helena Pontes) que já sugere investir em peças neutras, que se ajustem a qualquer corpo. A essas roupas ela chamou de **agênero**.

A palavra **agênero**, formada pelo acréscimo do prefixo *a-* à base **gênero** responde por uma demanda da sociedade contemporânea: a reflexão e a discussão sobre o conceito de *gênero sexual* e as inúmeras possibilidades decorrentes dos novos pensamentos surgidos a partir daí. Faz-se a necessidade, hoje, de não mais impor ou atribuir papéis sociais ou comportamentos aos seres de um ou outro gênero. Assim, o mercado comercial tenta se

adequar à nova perspectiva, criando um novo tipo de vestimenta que atende a qualquer público, rompendo com a visão dicotômica e tradicional do masculino e feminino, tal qual a sociedade vem fazendo.

A sociedade se modifica, modificam-se, pois, os objetos utilizados. À língua resta a tarefa de fornecer elementos para nomear o novo objeto criado. Por derivação prefixal, acrescenta-se o prefixo *a-* cujo valor é negativo e cria-se o termo **agênero**, negando a possibilidade de a roupa ser para uso exclusivo de pessoas de um gênero específico.

Ressalta-se aqui também a função adjetival adquirida pelo termo **agênero**.

MEGAOBRAS

O Globo, 20.02.2017

O termo aparece em letras garrafais, na primeira página do caderno principal do jornal, na seguinte manchete: MEGAOBRAS VÃO FICAR R\$ 107 BI MAIS CARAS. A referida notícia denuncia o atraso na entrega e o aumento do custo em pelo menos oito obras de infraestrutura sob a responsabilidade de empresas investigadas na operação Lava-Jato.

O prefixo *mega-* acrescenta um sentido aumentativo ao substantivo **obras**. Há uma intenção crítica e ao mesmo tempo irônica na criação do termo, afinal o volume de obras (e de dinheiro) é realmente “estratosférico”, conforme se lê na continuação da reportagem.

Trata-se de uma derivação prefixal: acréscimo do prefixo *mega-* ao substantivo **obras**.

MEGADELAÇÃO

Veja, 18.01.2017

O termo aparece em letras garrafais na capa da revista *Veja*. Trata-se de uma reportagem sobre mais um dos vários episódios da delação premiada por que a política brasileira tem passado nos tempos atuais.

Vale comentar o referido termo no *corpus* deste trabalho, já que o prefixo *mega-* tem a função de intensificar a ocorrência da delação, chamando atenção para a extrema corrupção que assola o cenário político brasileiro.

Trata-se de uma derivação prefixal: acréscimo do prefixo *mega-* ao substantivo **delação**.

REAPAIXONAR

O Globo, 12.02.2017

O seguinte trecho constava da crônica de Marta Medeiros, publicação semanal na *Revista de Domingo* (atualmente *Ela*): “o documentário faz a gente se **reapaixonar** pelos Beatles sem remorso por estar chovendo no molhado”. Na referida data, a narrativa versava sobre o – à época – recém-lançado documentário sobre os Beatles.

Para demonstrar que o filme e as recordações atizaram novamente sua admiração pelo grupo, a autora usa o termo **reapaixonar**, com o significado de apaixonar-se novamente. O acréscimo do prefixo *re-* à base verbal **apaixonar** determina a criação, por derivação prefixal, do verbo **reapaixonar**.

SUPERBEBÊS

O Globo, 15.05.2017

NACIONALISTAS HINDUS QUEREM FAZER ‘SUPERBEBÊS’ é o título desta notícia que anuncia que um grupo nacionalista hindu vem investindo em pesquisas a fim de nascerem bebês perfeitos e fortes. Para tal, sugerem que os pais passem por “processo de purificação de seus canais de energia”, antes da concepção, no intuito de que espermatozoides e óvulos estejam puros e em perfeitas condições. Além disso, é importante que a concepção seja planejada em um “momento planetário favorável”.

Seguindo essas e outras instruções, a Índia terá uma população de **superbebês**. Bebês fortes e perfeitos, ideais para contribuir ao futuro do país.

Por derivação prefixal, cria-se o termo **superbebês**: acréscimo do prefixo *super-* ao substantivo **bebês**.

SUPERSÊNIORS

O Globo, 12.03.2017

No *Caderno Rio Show*, a reportagem é sobre novas produções cinematográficas que vêm fazendo muito sucesso resgatando antigos heróis, os **supersênior**s. A opção pelo acréscimo do prefixo *super-* acentua de forma positiva a característica de ser *sênior*.

Trata-se de uma derivação prefixal: acréscimo do prefixo *super-* à base *sênior*.

SEM-VOTO

O Globo, 20.08.2017

A notícia é sobre a proposta de criação de um fundo público para os partidos políticos, visando às eleições. Sob o título: MILHÕES PARA OS SEM-VOTO, anuncia-se que, na divisão dos recursos desse fundo, defendia-se que um percentual poderia ser destinado às siglas menores, que sequer têm representantes no Congresso Nacional. Não há representantes porque eles não alcançaram o número necessário de votos, portanto, são *sem-votos*.

A utilização da preposição *sem* com valor prefixal na criação do termo **sem-votos** é uma possível analogia ao já difundido **sem-terra** e certamente tenciona ressaltar a inferioridade desses partidos, estabelecendo uma contradição com a palavra ‘milhões’, que inicia o título da notícia.

Valente (2012) analisa que os neologismos criados a partir da pressuposição de um neologismo anterior devem ser entendidos sob a perspectiva da “neologia intertextual”. (VALENTE, 2012, p. 106) A neologia intertextual consiste, pois, na criação de neologismos que pressupõem “[...] a existência de outro neologismo a que se seguiram, em muitos casos, algumas criações neológicas com a mesma estrutura mórfica”. (VALENTE, 2012, p. 106)

A propósito desse fenômeno, o autor deteve-se, também, a estudar os neologismos formados a partir de **sem-terra** e considerou que “[...] a partir de *sem-terra* surgiram várias criações por analogia a esse termo: *sem-teto*, *sem-universidade*, *sem emprego*, termos já usados na linguagem midiática” (VALENTE, 2011, p. 151).

Sem-voto é, portanto, uma palavra formada por derivação prefixal: acréscimo do prefixo *sem-* à base **votos**.

4.3.1.2.2 Neologismos por derivação SUFIXAL

Trata-se de palavras formadas pelo acréscimo de um sufixo a uma base existente.

HACKEAMENTO

O Globo, 06.05.2017

A notícia era sobre o segundo turno das eleições à presidência da França. O título informava: **MACRON AMPLIA VANTAGEM SOBRE LE PEN E DENUNCIA HACKEAMENTO ÀS VÉSPERAS DO 2º TURNO**. O termo **hackeamento** surge como uma derivação sufixal a partir do hipotético verbo **hackear**, que seria uma também derivação do já dicionarizado empréstimo **hacker**. Em Caldas Aulete, versão *online*, pode-se ler o significado de hacker: “[...] especialista em programas e sistemas de computador que, por conexão remota, invade outros sistemas computacionais, normalmente com objetivos ilícitos”.

Para análise do termo **hackeamento**, importa reportar a contribuição de Bechara (2015, pág. 359), que apresenta o “princípio dos constituintes imediatos”. Conforme o autor, “[...] é preciso ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura”. Assim, depreende-se que o substantivo **hacker** dá origem ao hipotético verbo **hackear**, e, a partir deste verbo, cria-se, pelo processo da derivação sufixal, o substantivo **hackeamento**.

Ressalta-se, ainda, que o sufixo *-mento* é usual nos substantivos derivados de verbos, como em **fortalecimento**, por exemplo. Desse modo, afirma-se que **hackeamento** é uma palavra formada por derivação sufixal: acréscimo do sufixo *mento-* ao hipotético verbo **hackear**.

SEREÍSMO

O Globo, 02.04.2017

A notícia fala sobre uma nova tendência mundial: o **sereísmo**. À época da publicação da referida notícia, a Rede Globo de televisão transmitia uma novela cuja personagem principal dizia-se uma sereia, daí a tendência ter se espalhado rapidamente entre os brasileiros. O termo **sereísmo** é uma derivação sufixal formada pela palavra **sereia** + o sufixo –*ismo* e caracteriza um movimento, uma tendência.

FUNDAMENTALIDADE

O Globo, 05.04.2017

TEMER DEFENDE ‘FUNDAMENTALIDADE’ DA REFORMA é o título desta notícia. A palavra **fundamentalidade**, não dicionarizada, parece, nesse contexto, se referir à urgência e à necessidade da realização da tão falada Reforma da Previdência. Nesse caso, parece que usar a palavra **fundamentalidade** representa que se trata de algo muito mais do que importante. A Reforma, então, não seria somente importante, ela seria fundamental. O sufixo –*dade/idade* é responsável pela criação de substantivos derivados de adjetivos.

Desse modo, **fundamental** + *dade/idade*, por derivação sufixal, gera **fundamentalidade**.

RAIVOSIDADE

O Globo, 11.05.2017

Mais um exemplo de uso do sufixo –*dade/idade* em uma notícia que se refere ao presidente Temer. A notícia, intitulada TEMER PEDE FIM DA ‘RAIVOSIDADE’ NO BRASIL, data do dia em que Lula prestara seu primeiro depoimento ao juiz Moro e o

acontecimento gerara muita repercussão. Muitas pessoas se manifestaram, tanto apoiadores, como opositores do ex-presidente.

Sem citar nome de Lula ou de qualquer outro envolvido, o presidente Temer diz que “é preciso evitar certa **raivosidade** que permeia a consciência nacional [...] nada vai impedir que o Brasil continue a trabalhar.” Certamente, a polêmica gerada em torno do depoimento de Lula impedia o andamento de outros assuntos julgados de urgência pelo presidente Temer, como a já citada Reforma da Previdência, por exemplo.

O termo **raivosidade** é uma derivação sufixal a partir do acréscimo do sufixo *-dade/-idade* ao adjetivo **raivoso**.

ESPAÑHOLIZAÇÃO

O Globo, 15.04.2018

A coluna esportiva de Marcelo Barreto, no *Caderno de Esportes*, na referida data, intitula-se ESPAÑHOLIZAÇÃO À BRASILEIRA. O neologismo **espanholização**, uma derivação sufixal a partir do hipotético verbo **espanholizar** – conforme o já citado “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p. 359) – refere-se a uma característica marcante dos times europeus, em que a Espanha foi pioneira: o alto investimento na contratação dos jogadores mais caros do mundo. O jornalista discute que, aqui no Brasil, times como o Flamengo tentaram, sem muito sucesso, acompanhar essa tendência.

Espanholização é, pois, uma derivação sufixal: acréscimo do sufixo *-ção* ao verbo hipotético **espanholizar**.

UBERIZAÇÃO

Veja, 31.08.2016

A reportagem discute uma importante característica dos tempos atuais. O modelo introduzido pelo Uber (aplicativo para transporte público) está sendo adotado também para o oferecimento de serviços em outras áreas comerciais. É o fenômeno da **uberização**, estendido

a aplicativos que conectam manicures a cliente, outros destinados à contratação de cuidadores para animais de estimação e até aplicativos para agendamento de consultas médicas em domicílio.

O sufixo **-ção** forma, basicamente, substantivos derivados de verbos. Pode-se inferir, pois, que **uberização** é uma palavra formada por derivação sufixal a partir do acréscimo desse sufixo ao hipotético verbo **uberizar**: “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p. 359).

PEJOTIZAÇÃO

O Globo, 12.04.2017

O termo constava da seguinte manchete, no caderno principal do jornal: REFORMA TRABALHISTA TERÁ ARTIGO CONTRA A PEJOTIZAÇÃO. O assunto da notícia, obviamente, era a reforma trabalhista em discussão no Congresso.

Pejotizar é um verbo hipotético que significaria demitir um empregado contratado como pessoa física e recontratá-lo, como pessoa jurídica (PJ). Essa prática representa para a empresa uma enorme redução de custos, já que não se assumem mais os encargos trabalhistas quando o funcionário é contratado pelo regime de PJ.

Importa acrescentar que o hipotético verbo **pejotizar** é criado a partir do substantivo **pejota**, uma realização gráfica do som expresso no uso da abreviação **PJ**, que se refere a ‘pessoa jurídica’. **Pejotização** é, pois, um acréscimo do sufixo **-ção** ao hipotético verbo **pejotizar** – “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p. 359) – e a intenção é que tal termo signifique “a ação de contratação de pessoas jurídicas”.

DETECTORISTAS

O Globo, 07.02.2017

O termo aparece na manchete de uma curiosa notícia: OS DETECTORISTAS CHEGARAM. Parece que, ultimamente, há pessoas que vêm se especializando em caminhar

pelas areias cariocas à procura de objetos valiosos, como joias, ou até moedas. E a busca é sofisticada: eles portam um aparelho detector de metais.

Para nomear os inusitados indivíduos que se tornaram adeptos de tal prática, o jornalista criou o termo **detectoristas**. Segundo o dicionário Caldas Aulette, o sufixo *-ista* pode designar “praticante de algum esporte ou atividade”, como alpinista ou violinista, ou “especialista ou profissional em algum ramo”, como eletricista, ou “operador de equipamento”, como maquinista. Assim, àquele que opera o detector de metais, que é adepto e especialista nessa atividade, chamou-se **detectorista**. Trata-se de uma necessidade denominativa real; desse modo, o acréscimo do sufixo *-ista* à base **detector** cria, por derivação sufixal, esse termo.

LULISTA

O Globo, 03.06.2018

AVANÇO SOBRE O ESPÓLIO LULISTA é o título desta notícia que se refere à corrida pelo voto dos eleitores do ex-presidente Lula, o qual está inelegível, por ter sido enquadrado na lei da ficha-limpa. De acordo com a notícia, Marina Silva lidera nas pesquisas de intenção de voto junto aos eleitores petistas que tencionavam votar em Lula. Por esse motivo, diz-se que a candidata da Rede “avança sobre o espólio lulista”.

Lulista designa, pois, todo o espólio que pertence a Lula, ou seja, todos os seus apoiadores, e trata-se de um termo criado por derivação sufixal, através do acréscimo do sufixo *-ista* ao radical de **Lula**.

ZIRALDINOS

O Globo, 18.12.2016

No *Caderno Barra* noticia-se um novo projeto no universo das HQ’s. Trata-se da iniciativa de quatro jovens artistas, discípulos do escritor Ziraldo, que se reúnem para lançar

novos quadrinhos. Os rapazes, na manchete da notícia, são chamados de **ziraldinos**, um acréscimo do sufixo *-ino* à base substantiva **Ziraldo**. ZIRALDINOS, COM MUITO ORGULHO é o título da referida notícia.

O sufixo *-ino* indica pertinência ou origem, como nas palavras **londrino**, **novaiorquino**. Para ressaltar, pois, a qualidade dos ensinamentos recebidos pelos jovens, valorizando sua origem, o jornalista cria o termo **ziraldinos**.

SOFRÊNCIA

O Globo, 21.05.2017

No *Caderno Barra*, em uma notícia cuja manchete é A ROTA DA SOFRÊNCIA aparece a palavra **sofrência**, termo ainda não dicionarizado que remete a um tipo de produção específico da música sertaneja: composições em que as letras sempre traduzem alguma desilusão amorosa que causa sofrimento, daí a **sofrência**. A notícia em questão comunica as regiões do Brasil em que tal estilo musical vem fazendo mais sucesso.

Importa reportar o estudo de Valente (1997) em que figuram informações sobre a criação do termo **sofrência**. Segundo o autor, “[...] o neologismo “sofrência”, criado pelo compositor Billy Blanco, resulta da combinação do radical “sofr” e do sufixo “-ência”, elementos já existentes na língua [...]” (VALENTE, 1997, p. 216).

Os versos de Billy Blanco dizem:

Só mesmo a palavra sofrência

Que me dicionário não tem

Mistura de dor e paciência

Que é riso que é pranto também

Conclui-se, pois, que o sufixo *-ência* forma, a partir de verbos, substantivos que designam o resultado da ação. Portanto, tem-se **interferência**, como resultado da ação de **interferir**, assim como se tem **sofrência**, como resultado da ação de **sofrer**, produto de uma derivação sufixal.

REPRISÓDROMO

O Globo, 17.01.2017

No *Segundo Caderno*, a jornalista Patrícia Kogut assina uma coluna diária. Nessa coluna, há uma seção em que são dadas opiniões sobre os programas que alcançariam grau dez ou sobre aqueles que mereceriam nota zero. Na coluna em questão, a nota zero foi para o programa *Video Show*. Segundo Kogut, o programa merece zero por conta do **reprisódromo** em que está se transformando.

A palavra **reprisódromo** é formada a partir do acréscimo de *-dromo* (um radical erudito) à base **reprise**.

Cabe aplicar, aqui, o conceito de “neologia intertextual” proposto por Valente (2012). Sobre os termos formados a partir do acréscimo de *-dromo*, o autor sinaliza que

[...] o processo de criação vocabular por analogia constitui recurso linguístico bastante utilizado na renovação lexical. Por analogia a “sambódromo”, termo criado para designar o local destinado ao desfile das escolas de samba cariocas no carnaval de 1984, surgiram os seguintes neologismos: “camelódromo”, “beijódromo”, “namoródromo”, “malhódromo”, “sexódromo”, “fumódromo”, “cheiródromo”, “macumbódromo”, “boatódromo”, “trabalhódromo”, “grafitódromo”, “rangódromo”, “barbeiródromo” (local paa exame de motorista). (VALENTE, 2011, p. 39)

Vale lembrar que a neologia intertextual consiste, pois, na criação de neologismos que pressupõem “[...] a existência de outro neologismo a que se seguiram, em muitos casos, algumas criações neológicas com a mesma estrutura mórfica”. (VALENTE, 2012, p. 106)

Gonçalves (2016) também se deteve a estudar as palavras formadas pelo acréscimo de *-dromo* e trouxe importantes contribuições para a análise desses vocábulos. De acordo com o teórico, o radical erudito *dromo* foi reformatado para *-ódromo* e, hoje, apresenta comportamento análogo ao dos sufixos.

Cumprе registrar que Gonçalves (2016) aponta ainda para uma inovação no significado de *-dromo*, que originalmente significava “lugar onde correm”, como em **hipódromo**. Já atualmente, o sentido que se nota é o de “lugar onde”, como em **sambódromo**, termo que, segundo o autor, certamente foi “[...] o gatilho para a grande proliferação das formas *X-dromo* em português [...]” (GONÇALVES, 2016, p. 39). Além de **sambódromo**, outra criação vocabular que mereceu destaque foi **camelódromo**. E o autor

conclui, em relação a isso, que “[...] sem dúvida alguma, a popularidade e a frequência de uso dessas duas formações – ‘sambódromo’ e ‘camelódromo’ – engatilhou uma produção em série, levando à criação de formas [...] em que a noção de ‘corrida’ já não se manifesta [...]”. (GONÇALVES, 2016, p. 40).

Entende-se, portanto, que o **reprisódromo** de Kogut remete ao fato de o programa ter se tornado um “lugar onde ocorrem reprises”. Trata-se de uma palavra formada por derivação sufixal, a partir do acréscimo do sufixo *-ódromo*, que, de acordo com as considerações de Gonçalves (2016), é uma “reformatação” do radical erudito *-dromo*.

BLOCÓDROMO

O Globo, 10.01.2018

A notícia, intitulada O BLOCÓDROMO DA DISCÓRDIA, é sobre a ideia da prefeitura do Rio de Janeiro de instalar, na Barra da Tijuca, uma arena para os tradicionais blocos do carnaval carioca. O projeto vem gerando polêmica e recebendo muitas críticas, afinal, trata-se de um lugar distante e de difícil acesso. Além disso, dentre as sugestões propostas para o **blocódromo**, está a cobrança de ingressos, o que descaracterizaria completamente a recentemente resgatada tradição dos blocos de rua, daí a discórdia generalizada.

Blocódromo é uma derivação sufixal que resulta do acréscimo do sufixo *-ódromo* – haja vista as considerações de Valente (2011) e de Gonçalves (2016) – ao radical **bloco** e pretende significar “o lugar onde ficariam os blocos”.

BOTECAGEM

O Globo, 20.01.2017

Sob o título DOSE TRIPLA DE BOTECAGEM, a notícia comunica o lançamento de três novas filiais do boteco *Cumpadres*, aqui no Rio de Janeiro. A ideia do botequim partiu de

três grandes amigos, que se uniram para dar vida à nova empreitada. A expressão “dose tripla” certamente refere-se tanto ao fato de serem inauguradas três casas quanto ao fato de serem três os proprietários e idealizadores desse projeto.

Sabendo que o sufixo *-agem* une-se a verbos para formar substantivos denotadores de ação, entende-se que **botecagem** é um termo formado pelo acréscimo do sufixo *-agem* ao verbo **botecar** – verbo hipotético, de acordo com o “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p. 359) – e refere-se à ação de frequentar o boteco. Trata-se, pois, de uma derivação sufixal.

MARQUETAGEM

O Globo, 18.02.2018

O título do artigo de Bernardo Mello Franco é A MARQUETAGEM NÃO DERROTARÁ O CRIME. Trata-se, na verdade, de uma crítica à atuação do presidente Michel Temer. O jornalista informa – e critica negativamente – uma declaração dada pelo presidente: o anúncio da criação do Ministério de Segurança Pública, na mesma semana em que o decreto a favor da intervenção militar no Rio de Janeiro é assinado.

A criação do ministério não chega a ser uma inovação, afinal, há um ano, Michel Temer transformara o Ministério da Justiça em Ministério da Justiça e Segurança Pública e nada foi produzido desde então. Agora, com o anúncio da criação do novo ministério, teriam começado as especulações sobre os nomes que seriam indicados para ocupar a vaga de ministro.

Muito anúncio, muita especulação e pouco combate ao crime. Conforme anuncia o jornalista já no título de sua coluna, “a **marquetagem** não derrotará o crime”. **Marquetagem** forma-se pelo acréscimo do sufixo *-agem*, ao hipotético verbo **marquetar** – de acordo com o “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p. 359).

Por derivação sufixal, **marquetagem** é uma palavra formada a partir do acréscimo do sufixo *-agem* ao verbo **marquetar** – aportuguesado e derivado do substantivo *marketing* – e pretende significar ‘ação de **marquetar** (ou de fazer *marketing*)’.

TEATROLÂNDIA

O Globo, 14.10.2016

A palavra aparecia na chamada para a reportagem de capa da *Revista de Domingo*, atualmente *Ela*, e referia-se à grande quantidade de teatros que existem hoje ao redor da Cinelândia, no Rio de Janeiro. Já que se anunciava um local com muitos teatros, uma verdadeira “terra de teatros”, é uma **teatrolândia**. O sufixo *-lândia*, uma adaptação do alemão/inglês *land*, é bastante produtivo no português, observa-se um emprego frequente desse sufixo, cujo significado é “terra, lugar”.

Teatrolândia é, pois, uma palavra formada por derivação sufixal: acréscimo do sufixo *-lândia* à base **teatro**.

MAMAÇO

O Globo, 30.07.2017

MAMAÇO VAI CLELEBRAR SEMANA DO ALEITAMENTO MATERNO é o título desta notícia que divulga um evento, em prol do aleitamento materno, a ser realizado em Niterói. O evento ocorreria no Campo de São Bento e haveria palestras e recreação. Ao meio-dia, um **mamaço** encerraria a programação. Um **mamaço** é um ato em que várias mães amamentam seus filhos ao mesmo tempo, mostrando união e força.

Tal quais os **buzinaços**, **panelaços** e **vomitaços**, trata-se aqui de uma derivação sufixal em que o sufixo *-aço* assume um sentido de coletividade. Observa-se ainda o princípio da analogia que inspira a criação dessas palavras, cabendo, pois, considerá-las como casos da “neologia intertextual”. (VALENTE, 2012, p, 106)

Sandmann (1991) avalia que o sufixo aumentativo *-aço* é vivo na língua, mas que nele não predomina mais a ideia de aumentativo, pois “[...] houve uma deriva semântica no sentido de não se ter mais apenas a ideia de ‘pancada’ ou ‘golpe’, porém de ‘toque’ ou ‘manifestação ruidosa’, como em *apitaço* ou *panelaço*” (SANDMANN, 1991, p. 54). O estudioso conclui que “[...] a necessidade de recursos expressivos novos, a que se pode acrescentar certo modismo, fez com que *-aço* experimentasse uma renovação inusitada e até inovação, no sentido do alargamento de sua semântica.” (SANDMANN, 1991, p. 55).

Mamaço é, pois, uma derivação sufixal: **mama** + **-aço**.

ESFIRRAÇO

O Globo, 13.08.2017

O refugiado sírio Mohamed Ilenavy, morador do Rio de Janeiro, fora vítima de xenofobia há duas semanas da referida data. Em uma notícia cuja manchete era ESFIRRAÇO CONTRA A XENOFOBIA anunciava-se que, após o ocorrido, ele recebeu apoio dos cariocas, que lotaram as ruas de Copacabana para comprar os salgados – esfirras – vendidos pelo homem. O evento ganhou o nome de **esfirraço** nas redes sociais. Ressalta-se a incidência da “neologia intertextual” (VALENTE, 2012, p, 106), devido à analogia ao já criado **panelaço** e a outros tantos termos e destaca-se, também, o “[...] alargamento da semântica do sufixo *-aço* [...]” (SANDMANN, 1991, p. 55).

Esfirraço é, pois, uma derivação sufixal: **esfirra** + **-aço**.

MARIELLAR

O Globo, 13.04.2018

Havia se passado um mês do brutal assassinato de Marielle Franco e o jornal *O Globo* publica um artigo, de autoria de Anielle Silva, irmã da vereadora. Anielle intitula seu texto de VOCÊ ‘MARIELLAVA’ NOSSA VIDA.

No artigo, a moça expõe sentimentos de saudade e tristeza pela dor que a falta da irmã causa à família. Entre as suas declarações, Anielle afirma que, sem Marielle, a casa ficava “sem brilho, sem sorrisos, sem gritos, sem ânimo”, porque a vereadora chegava e “**mariellava** todo o lar”. **Marielle** + **-ar** = **mariellar**, forma verbal que acentua a presença, ainda vida, da vereadora no âmbito familiar. Cumpre observar que o jornal *O Globo* mantém a grafia original do nome da vereadora assassinada, optando por não realizar a adaptação à grafia do português.

Cardoso, Maroneze & Pissolato (2015), ao discutirem sobre a formação de verbos na língua portuguesa, afirmam que todos os sufixos formadores de verbos no português contemporâneo são de primeira conjugação, com exceção do sufixo *-ecer*. Além disso, os autores apontam que

[...] a maneira mais comum de se construir verbos no português é por meio do acréscimo de desinências flexionais diretamente à base (geralmente um substantivo). Essas desinências são sempre da primeira conjugação (infinitivo em *-ar*) e podem se aplicar a diferentes tipos de bases. Quanto ao significado do verbo resultante, dependerá muito mais do significado de sua base. (CARDOSO; MARONEZE; PISSOLATO, 2015, p. 91)

Monteiro (1987) concorda com tal posicionamento, afirmando que modernamente só se produzem verbos da primeira conjugação. Ademais, o autor avalia esse modelo de produtividade admitindo a existência do “sufixo zero” (MONTEIRO, 1987, p. 139). Segundo o estudioso “[...] a terminação *-ar*, constituída de vogal temática e desinência, se aplica a bases nominais ou a radicais presos.” (MONTEIRO, 1987, p. 139).

Entende-se, portanto, que **mariellar** é um verbo formado por derivação sufixal: **Marielle** + *-ar*.

FAVORITAR

O Globo, 13.07.2018

O Jornal *O Globo*, à época, vinha trazendo diariamente informações para os seus assinantes sobre como eles poderiam baixar e utilizar o aplicativo chamado *Clube O Globo*, disponível para todos os assinantes do jornal. Na data em questão, o jornal publicou um passo a passo cujo título era: COMO FAVORITAR E VER AS OFERTAS FAVORITAS NO APP.

Favoritar é um neologismo por sufixação formado a partir do acréscimo do sufixo *-ar*, formador de verbos, ao adjetivo **favorito**. O novo verbo tem o significado de ‘tornar algo favorito’ e, ressalta-se, tem influência direta das mídias digitais: computadores, celulares, sites, aplicativos, ambientes em que é comum ‘tornar favorito’ algum conteúdo que seja do interesse do usuário, para que ele possa acessá-lo com mais facilidade em outra ocasião.

GOURMETIZARAM

O Globo, 30.07.2017

A notícia cujo título era GOURMETIZARAM ATÉ O TRABALHO comunica que profissões tradicionais, como açougueiro, costureira e barbeiro sofisticaram-se, oferecendo serviço de excelência e, obviamente, preços compatíveis com tais serviços. **Gourmetizar** é um neologismo oriundo da gastronomia – hoje uma área em franca expansão e evidência. Na gastronomia, uma comida *gourmet* é uma comida sofisticada, apurada, cuidada. Houve, portanto, uma ampliação de significado e *gourmet* passou a significar tudo aquilo que envolve alguma sofisticação. Ao anunciar que **gourmetizaram** o trabalho, o jornalista tencionava informar que sofisticaram o trabalho.

Para formar o verbo **gourmetizar**, o jornalista recorre ao acréscimo do sufixo *-izar* á base *gourmet*, estratégia prevista nos estudos de Monteiro (1987). O autor ensina que, para a criação de verbos, é possível observar a produtividade do “[...] sufixo *-izar*. Através dele diariamente se criam verbos derivados de adjetivos ou substantivos [...]” (MONTEIRO, 1987, p. 138).

Desse modo, **gourmetizar** é um neologismo por derivação sufixal: *gourmet* + *-izar*.

PEEMEDEBIZAR

O Globo, 14.06.2017

Noticia-se a saída do político Miguel Reale Junior do PSDB. O motivo principal seria a decisão do partido de apoiar o presidente Michel Temer. Para Reale, então, o partido estaria se **peemedebizando**. O título da notícia é REALE SAI DO PSDB E AFIRMA QUE PARTIDO ESTÁ SE ‘PEEMEDEBIZANDO’.

Peemedebizar é, pois, um neologismo por derivação sufixal a partir do acréscimo do sufixo formador de verbos *-izar* ao nome do partido PMDB.

4.3.1.2.3 Neologismos por derivação PARASSÍNTÉTICA

Trata-se de palavras formadas pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base existente.

ENSAPATAR

O Globo, 02.04.2017

A propósito do programa de entrevistas comandado por Luciana Gimenez, o seguinte texto foi publicado na coluna de Patrícia Kogut: “Luciana Gimenez recebeu Monique Evans e a namorada, Cacá Werneck. Elas falaram em ‘ensapatar’”.

Como se sabe, Patrícia Kogut é responsável por avaliar acontecimentos, situações, roteiros ou atuações em programas de televisão (filmes, programas de entrevistas, novelas etc). No trecho em questão, a colunista se refere à participação de Monique Evans no programa de Gimenez. Parece que Evans, agora adepta de uma união homossexual, criou o verbo **ensapatar**, numa possível tentativa de definir seu próprio processo de transformação. Trata-se de uma derivação parassintética a partir do já consagrado neologismo **sapatão**, largamente utilizado para denominar as mulheres lésbicas.

AFFOROZADO

Veja, 30.08.2017

Na *VejaRio*, anuncia-se, sob o título REGGAE AFFOROZADO, o novo show do grupo de reggae Ponto de Equilíbrio, que contará com a participação especial da cantora Lucy Alves e, por isso, garantirá, em seu repertório, clássicos do forró nacional.

Pela mistura de estilos que se antecipa, o jornalista redator cria o vocábulo **aforrozado**. Trata-se, provavelmente, do particípio passado do verbo **aforrozar**. Um hipotético verbo – “princípio dos constituintes imediatos” (BECHARA, 2015, p.359) – em

que se verifica um mecanismo de construção por derivação parassintética: o acréscimo simultâneo do prefixo *a-* e do sufixo *-ar* ao substantivo **forró**.

Tal construção figura, também, nos estudos de Alves (2002). A autora analisa o verbo "apalhaçar", afirmando que se trata de uma formação por parassíntese, já que "[...] proveniente do substantivo *palhaço*, recebe, no momento de criação tanto o prefixo *a-*, como o sufixo *-ar*, pois não são atestadas as formas *apalhaço* e *palhaçar*". (ALVES, 2002, p. 40)

4.3.1.2.4 Neologismos por derivação imprópria ou conversão

Também chamada de conversão, a derivação imprópria é o processo em que se verifica a renovação lexical a partir da mudança de classe gramatical de uma palavra.

De todas as derivações, a imprópria é a única em que a forma da palavra não se altera. Aqui, a ampliação do léxico se dá pela mudança da classe gramatical de uma palavra, por esse motivo, apresentam-se sintagmas – e não vocábulos soltos – em todos os exemplos.

EFEITO CRISE

O Globo, 29.07.2017

Na coluna de Ancelmo Gois noticia-se que a venda de ingressos para o show do U2 que ocorreria em outubro estava muito aquém do que se esperava. EFEITO CRISE é o título escolhido pelo colunista para anunciar a informação. Trata-se de uma derivação imprópria, uma vez que o segundo substantivo **crise** está sendo usado em função adjetival.

Cumprir registrar que Maria Helena Moura Neves (2012) defende a ideia de que o segundo termo em um sintagma nominal, não obstante apresentar aspectos de adjetivo, mantém, formalmente, a natureza de substantivo. À vista disso, no exemplo em questão – **efeito crise** – e nos exemplos seguintes em que a mesma situação é verificada, ao segundo substantivo do sintagma será atribuída a característica de apresentar ‘função adjetival’.

EFEITO RESSACA

O Globo, 15.08.2017

A notícia informa uma grande ressaca que atingiu o litoral do Rio de Janeiro e deixou muita sujeira nas praias. Parece que os garis já haviam recolhido perto de cem toneladas de lixo. **Efeito ressaca** é derivação imprópria, já que o segundo substantivo está sendo usado em função adjetival.

SUPERMERCADO GOURMET

O Globo, 10.05.2018

Noticia-se a abertura de uma nova unidade do Supermercado Mundial. O novo mercado, localizado na Barra da tijuca, na Avenida Abelardo Bueno, conta com espaço para degustação de vinhos e realização de palestras ligadas à gastronomia. Por essa peculiaridade, o jornalista intitula a notícia de divulgação SUPERMERCADO GOURMET.

Vale registrar que, segundo o *Dicionário Caldas Aulete*, versão *online*, ***gourmet*** – um empréstimo de origem francesa – é o “indivíduo apreciador e conhecedor de boas comidas e bebidas”. Ao criar o sintagma **Supermercado Gourmet**, o jornalista está atribuindo ao substantivo ***gourmet*** uma função adjetival. Desse modo, tem-se um caso de derivação imprópria.

QUIOSQUE OSTENTAÇÃO

Veja, 14.09.2016

Noticiam-se novos quiosques nas praias do Rio de Janeiro que, segundo o jornalista redator da matéria, tornaram-se *points* na orla carioca. Os locais se caracterizam por oferecer

drinques, vinhos e muito conforto. Por esse motivo, trata-se de um **quiosque ostentação**. Por derivação imprópria, atribui-se função adjetival ao substantivo **ostentação**.

4.3.1.3 Neologismos por abreviação

A abreviação consiste na redução da forma de uma unidade lexical (*quilo/ quilograma, Mengo/ Flamengo*). Reitera-se o fato de que, em acordo com Azeredo (2014), esta pesquisa optou por incluir, também nesta seção dedicada à abreviação, o processo conhecido como **siglagem** ou **acronímia**, caracterizado pela utilização das letras iniciais para a representação de um nome composto (*PT/ Partido dos Trabalhadores*).

DR

O Globo, 19.07.2017

No *Segundo Caderno*, a referida matéria contava sobre uma peça de teatro cujo assunto são as relações amorosas. DESPRETENSIOSA DR era o título da notícia. **DR** é um neologismo da linguagem corrente formado pelas unidades iniciais do sintagma “discutir relação”.

Trata-se, portanto, de um caso especial de abreviação, denominado “siglas”. Conforme já foi dito, alguns autores, como Azeredo (2014) e como Bechara (2015), consideram o processo de criação de palavras por siglas como um caso especial do processo da abreviação.

TRANS

O Globo, 09.04.2017

A notícia relatava mais um caso de violência contra transexuais na cidade do Rio de Janeiro. A redação da manchete comunicava: A DOR INVISÍVEL DAS TRANS QUE SOFREM VIOLÊNCIA.

Trata-se aqui de um caso especial de abreviação, denominado ‘truncamento’, por alguns estudiosos: o prefixo **trans-** abarcou tão completamente o significado da palavra **transexual**, que ele passa a figurar como elemento único representando o significado do todo. Assim, pelo processo da recomposição, o elemento **trans**, pode, inclusive, possibilitar novas construções, conforme se pode observar na seção referente aos neologismos por recomposição.

SEMIS

O Globo, 03.04.2017

No *Caderno de Esportes*, a notícia é sobre as semifinais do Circuito Mundial de Surfe, na Austrália. O título anuncia: TOLEDO X ADRIANO: QUEM VAI ÀS SEMIS?

Por abreviação, utiliza-se apenas **semis**, no lugar de semifinais.

4.3.1.4 Neologismos por empréstimos

A neologia por empréstimo ocorre quando se verifica a utilização de termos provenientes de outros idiomas em meio às palavras da língua portuguesa.

LOUNGES / BIKEFOODS

O Globo, 18.11.2016

A notícia é sobre o evento *Primavera Literária*, que estava ocorrendo, a essa época, no Museu da República. Para orientar os leitores acerca do que encontrariam na visita, o jornalista utiliza dois termos estrangeiros: o termo **lounges**, um estrangeirismo que, embora

ainda não esteja dicionarizado, é largamente utilizado na descrição do cenário de casas noturnas, shows e eventos em geral. Em seguida, aparece o termo *bikefoods*, uma composição de dois radicais da língua inglesa, que visam comunicar a existência de bicicletas que oferecem venda de alimentos. Uma provável analogia ao já conhecido *foodtruck*.

Vale o registro do texto que apresentava o evento: HÁ LOUNGES PELOS JARDINS DO MUSEU DA REPÚBLICA PARA QUE OS VISITANTES POSSAM LER DURANTE O EVENTO. QUEM QUISE COMER, TERÁ À DISPOSIÇÃO O SERVIÇO DE BIKEFOODS.

LA NOVIA

O Globo, 03.04.2018

Noticia-se no *Segundo Caderno* que a atriz Isis Valverde foi pedida em casamento durante uma viagem de férias ao México. Para reforçar o local onde a moça se encontrava no momento do pedido – Tulum – cria-se a seguinte manchete para a notícia: ISIS VALVERDE, “LA NOVIA’ DE TULUM.

A expressão *la novia* é grafada em língua espanhola, como uma brincadeira aludindo ao idioma do local em que a atriz estava a passeio. Trata-se, pois, de um empréstimo.

PREMIUM

O Globo, 23.04.2017

No *Caderno Imobiliário*, noticiam-se, sob a manchete MINHA CASA MINHA VIDA EM VERSÃO PREMIUM, algumas alterações no formato do projeto governamental ‘Minha casa minha vida’.

Tais mudanças teriam o objetivo de facilitar o acesso ao benefício, atraindo os consumidores para o empreendimento, que, segundo se noticia, está bem melhor; portanto, está em versão *premium*. A utilização desse vocábulo, um termo emprestado do latim,

caracteriza um neologismo por empréstimo e representa uma tentativa de supervalorizar o projeto.

SNIPER

O Globo, 23.04.2017

A seguinte manchete aparece no *Caderno de Esportes*: A SNIPER. Nesse caso, a palavra *sniper* é usada em uma referência à Tandara, jogadora de voleibol do Osasco, a qual vem marcando muitos pontos para seu time ao longo do campeonato brasileiro de voleibol.

Em inglês, *sniper* significa ‘atirador’. O uso desse termo se justifica, portanto, uma vez que se reconhece em Tandara a capacidade de ‘atirar’ (marcar pontos) em grande escala na competição. Trata-se de um empréstimo linguístico deslocado de seu significando original, caracterizando também uma inovação semântica.

SPOILER

O Globo, 16.07.2017

O termo já era largamente utilizado na linguagem dos adolescentes. Agora se percebe que obteve maior alcance: adultos já o conhecem e o utilizam, assim como jornalistas já o redigem. A reportagem de capa do *Segundo Caderno*, cujo título era: O FIM ESTÁ PRÓXIMO, tratava da famosíssima série britânica *Game off thrones*,

Na primeira página do caderno, anunciava-se que a série da HBO estrearia, naquele dia, a sétima temporada. Havia fotografias e informações gerais sobre o programa. Ao fim dessa primeira página, o jornalista encerra seu texto apontando: “atenção: a partir daqui, o texto contém *spoilers*”. Em seguida, aparecia a sinalização característica do jornal “continua na página 3”.

Spoiler é, pois, um neologismo por empréstimo. Dar *spoiler* significa contar o final de um filme ou de um livro a alguém que ainda não o conhece. Na notícia em questão, o jornalista dizia que o texto continha *spoilers*, pois a seguir viriam informações importantes e ainda não divulgadas sobre a nova temporada que iniciaria.

HERMANOS

O Globo, 18.06.017

Trata-se de uma notícia em cujo título pode se ler: CRISE NO BRASIL BATE FORTE NOS ‘HERMANOS’ ARGENTINOS. A referida reportagem aborda a crise no Brasil e seus efeitos em solo argentino. Parece que esse país também sofre bastante com os problemas que vêm desgastando a economia brasileira. Para se referir à Argentina, o jornalista usa o termo *hermanos*, proveniente da língua espanhola e muito utilizado aqui no Brasil para denominar esses vizinhos de fronteira. Trata-se de um neologismo por empréstimo.

Vale informar que, na continuação do texto, o jornalista brinca novamente com as palavras e utiliza a neologia semântica ao dizer que “quando o Brasil espirra, a Argentina fica resfriada”. Às palavras “espirrar” e “resfriada” devem ser atribuídos, respectivamente os significados “sofrer” e “abalada”.

LIKE

O Globo, 28.04.2018

No mundo virtual, o termo *like* é utilizado livremente como parte integrante do vocabulário. Trata-se do substantivo que representa o que, no idioma português, poderia ser chamado de ‘ato de curtir’. Ao interagir nas redes sociais, ‘curtir’ uma declaração ou uma foto postada por alguém é uma prática bastante comum. A esse ato, denomina-se *like*.

A reportagem em questão, sob o título NÃO EXISTE LIKE INOCENTE, discute e alerta para a dependência e o vício que a interação virtual pode causar às pessoas. Isso se dá porque as plataformas das redes sociais são desenhadas para prender a atenção dos usuários e a experiência de postar algo e ver as pessoas dando *likes* pode se tornar um sistema viciante de atuação e recompensa.

O termo *like* é um neologismo por empréstimo.

GAY-FRIENDLY

O Globo, 28.04.2018

Sob o título RUA GAY-FRIENDLY GANHARÁ IGREJA EVANGÉLICA, noticia-se que, na rua Farne de Amoedo, em Ipanema, um imóvel que estava vazio há tempos acaba de ser locado por uma comunidade evangélica que ali montará sua igreja-sede. Segundo a jornalista que redige a notícia, a Farne de Amoedo é conhecida por ser um ícone da badalação LGBT no Rio de Janeiro, o que explica o fato de ela ter atribuído à localidade o título de ser *gay-friendly*.

Trata-se de um neologismo por empréstimo e, ressalta-se, é uma analogia ao termo *pet-friendly*, muito utilizado para denominar os estabelecimentos que aceitam a presença de animais de estimação.

DELAY

Veja, 14.09.2016

ELEIÇÃO COM DELAY é o título dessa reportagem em que se discute que, por conta de muitos acontecimentos (olimpíadas, *impeachment*), as eleições para prefeitura de São Paulo ficaram fora de foco. A três semanas do dia de votação, muitos eleitores ainda não sabem em que candidato votar.

Emprestado da língua inglesa, *delay* é um termo que significa atraso e representa a diferença de tempo entre o envio e o recebimento de um sinal ou informação em sistemas de comunicação. Ao atribuir às eleições o sintagma adjetival ‘com delay’, o jornalista deseja ressaltar o atraso incomum dos eleitores para tomarem suas decisões.

Tata-se, pois, de um neologismo por empréstimo.

IMPRÉVISIBLE

Veja, 26.04.2017

Sob o título UMA ELEIÇÃO IMPRÉVISIBLE anuncia-se que as eleições à presidência da França aproximam-se e quatro candidatos têm chances iguais de chegar ao segundo turno. Conforme as pesquisas, a diferença percentual entre os candidatos é tão pequena, que, considerando, ainda, a margem de erro, não é possível prever quem chegará ao segundo turno.

Os candidatos ao governo francês, á época, eram: Emmanuel Macron, Marine Le Pen, François Fillon e Jean-Luc Mélechon.

Para noticiar o caráter imprevisível da eleição na França, apresenta-se um neologismo emprestado do idioma francês: ‘eleição **imprévisible**’.

HABEMUS CANNABIS

Veja, 26.07.2017

Trata-se de uma reportagem sobre a legalização da maconha no Uruguai e seus efeitos. Segundo se noticia, o Uruguai foi primeiro país a implantar legalmente a produção, a comercialização e o consumo de maconha para uso recreativo em todo o seu território e parece que, na referida data, uma das etapas mais importantes da lei começara a vigorar: a venda da droga nas farmácias. Informa-se que longas filas se formaram e que a maioria das lojas ficou sem estoque para atender a todos os usuários.

HABEMUS CANNABIS foi o título escolhido para a notícia. O resgate da expressão latina **habemus** apoia-se na opção por utilizar, em lugar de ‘maconha’, o nome – em latim – da planta que dá origem à substância entorpecente: a *cannabis sativa*. Em português, a cânabis é a “ [...] planta da família das canabáceas (*cannabis sativa*), originária da Ásia Central, que possui folhas serrilhadas e verdes, pode atingir até 2,5m de altura e é popularmente conhecida como cânhamo ou maconha; [F.: Do lat. cient. *cannabis*.]”. (CALDAS AULETE, versão *online*).

Em **Habemus Cannabis** tem-se, pois, um neologismo por empréstimo.

4.3.2 Neologismos semânticos

A neologia semântica é o processo pelo qual o idioma se amplia a partir da mudança de significado das palavras. Trata-se, aqui, da atribuição de um novo significado a um significante já conhecido. Nesta seção, para melhor observação e apreensão dos significados das palavras, os exemplos serão apresentados contextualizados, em sintagmas ou até em orações completas.

“CAIXEIROS” DESAFIAM A POLÍCIA

O Globo, 18.03.2018

A notícia, cujo título era DE JOINVILLE PARA O BRASIL “CAIXEIROS” DESAFIAM A POLÍCIA tratava de uma nova modalidade de assalto a caixas eletrônicos utilizando técnicas industriais, sem uso de explosivos. Os **caixeiros**, os especialistas nesse tipo de roubo, levam cerca de cinco minutos para arrombar o caixa eletrônico. Trata-se de uma palavra já existente na língua portuguesa, todavia houve uma ampliação de significado.

Caixeiro era o termo usado para designar os funcionários que trabalham no atendimento ao público, como os balconistas que operam os computadores (as antigas caixas registradoras); era usado também para designar os fabricantes de caixas, ou os entregadores de caixas. Em tempos hodiernos, **caixeiro** refere-se ao assaltante dos caixas.

UMA ECOBAG NINJA

O Globo, 06.11.2016

Na *Revista de Domingo*, atualmente *Ela*, a notícia era sobre uma novidade lançada pela loja *Cantão*. As lojas estavam oferecendo como brinde às clientes que adquirissem uma calça jeans uma simpática bolsinha.

A bolsa, que a princípio parecia ser apenas um saquinho de pano, era altamente versátil. Segundo a notícia, o acessório poderia ser usado como faixa de cabelo, como bolsa de praia etc. Daí a utilização do termo **ninja**, com valor adjetival em relação à **ecobolsa**. São tantas as formas de utilização da bolsinha, que ela pode ser considerada **ninja**. **Ninja** é aquele que utiliza muitos disfarces, como os lutadores marciais. Por ampliação de significado, a bolsa, que pode ter muitas formas de uso, foi considerada **ninja**. Trata-se de um neologismo semântico com objetivo de supervalorizar a referida bolsinha, afinal a atuação dos ninjas em filmes ou desenhos animados é sempre surpreendente, o que aumenta o desejo consumidor em relação ao produto anunciado.

Vale comentar o termo **ecobag**, um neologismo por recomposição. Recordando os estudos de Gonçalves (2016), postula-se que as formações com *eco* são um caso de recomposição, pois, conforme o autor, o elemento *eco* englobou por completo o significado da palavra matriz ‘ecologia’ e passou a figurar, com esse significado, em muitas construções novas. **Ecobag** é, pois, uma recomposição híbrida a partir das bases **eco** + **bag**.

ESPIÃO ABANDONADO

O Globo, 24.07.2017

A matéria denuncia que um avião, comprado em 2009 com objetivo de ajudar a combater o crime organizado no Brasil, nunca foi usado. Milhões de reais foram gastos nessa negociação e o avião continua pousado no hangar aonde chegou. O **espião** (metáfora para o avião, já que ele seria usado no combate ao crime) está abandonado.

MARATONA PARA ATLETAS DE BALCÃO

O Globo, 14.04.2017

Iniciava mais uma temporada do projeto *Comida di Buteco*. O torneio anual consiste em uma seleção de bares que se responsabilizam pelo preparo de um petisco especial. Divulga-se a lista dos botecos, com seus respectivos petiscos, e ao público frequentador cabe a tarefa de deliciar-se com as iguarias e de avaliá-las. Como são muitas casas participantes do evento, é uma verdadeira maratona a enfrentar, portanto somente os **atletas** de balcão estariam aptos à empreitada.

A utilização do termo **atletas de balcão** estabelece uma lógica com a opção pelo termo **maratona**, garantindo a coerência da manchete. Trata-se, pois, de um neologismo semântico para os frequentadores dos bares.

'ATLETAS' DA MATEMÁTICA

O Globo, 14.06.2017

A notícia é sobre a Olimpíada Internacional da Matemática e sobre os seis jovens estudantes brasileiros que foram escolhidos para representar o país. Levando em conta que o evento chama-se Olimpíada de Matemática, é criativa e apropriada a associação dos estudantes com o termo **atletas**. O termo torna-se ainda mais pertinente pela dificuldade do feito (ser escolhido para representar o país) e pelo estudo constante que isso exige, que se equipara ao treinamento de uma atleta.

Trata-se, portanto, de um neologismo semântico.

BERÇÁRIO DE ANIMAIS

O Globo, 09.07.2017

A Lagoa Rodrigo de Freitas passou por um processo de tratamento para recuperação da qualidade de suas águas. A iniciativa parece ter dado certo. Na reportagem em questão, comunica-se que muitos animais, como aves, lagartos e peixes ameaçados em extinção voltaram a ser avistados pelos especialistas após o controle da poluição ter sido feito. Entretanto, os pesquisadores apontam para uma séria fragilidade no ecossistema, que ainda demanda cuidados,

Na manchete da notícia, diz-se que COM ÁGUAS MAIS LIMPAS, LAGOA VIRA BERÇÁRIO DE ANIMAIS. Berçários são salas onde ficam os bebês recém-nascidos; portanto, a opção por esse termo certamente provocará no leitor algum sentimento de ternura e esperança para novas vidas que surgirão, reforçando o efeito positivo do tratamento dado às águas da Lagoa e minimizando a importância da informação de que cuidados ainda são necessários.

PÃO DE QUEIJO COM SOTAQUE ESTRANGEIRO

O Globo, 19.03.2017

Noticia-se a existência de uma cafeteria, no Jardim Botânico, em que os pães de queijo são feitos, segundo relatos da proprietária do estabelecimento, a partir de conhecimentos adquiridos em Borgonha, uma região da França. Para contar a novidade, o jornalista cria um título em que atribui ao conhecido pão de queijo a característica de ter **sotaque estrangeiro**, para aludir às inspirações internacionais.

TSUNAMI CONSERVADORA

O Globo, 20.01.2017

A referida manchete anunciava a chegada ao poder do recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e a rapidez com que as tendências da direita conservadora passariam a influenciar as decisões do governo americano.

Tsunami conservadora foi o sintagma escolhido para dar título à notícia. Cabe lembrar que tsunami significa “[...] onda volumosa ou sucessão de ondas gigantescas que se deslocam em alta velocidade [...] e que têm grande poder de destruição quando atingem a região costeira”. (CALDAS AULETE, versão *online*).

Assim, a rapidez com que se sentiram os efeitos da eleição de Trump à presidência dos Estados Unidos foi chamada **tsunami**. Trata-se de um neologismo semântico por metáfora.

O ÚLTIMO TANGO DE BAUZA

O Globo, 31.03.2017

Edgardo Bauza, à época treinador da seleção argentina de futebol, estava em vias de ser demitido do cargo. Para ocupar a vaga, cotava-se o nome de Jorge Sampaoli. Havia, no entanto, mais uma partida a ser disputada pela Argentina com Bauza à frente da equipe. Noticiou-se o jogo como o último **tango** de Bauza. O elemento **tango** faz uma alusão ao ritmo musical de grande sucesso no país argentino e, nesse caso, refere-se à partida de futebol.

MIRAGEM NO DESERTO DE ATACANTES DA ARÁBIA

O Globo, 02.03.2018

A seleção da Arábia Saudita é historicamente conhecida por não ter um bom desempenho no futebol, o que inclui não ser um país com bons jogadores, principalmente

aqueles que jogam em posições de ataques. Nesse cenário, destacava-se, à época da notícia, Al-Sahlawi, que foi artilheiro das eliminatórias locais.

Visto que a Arábia é um país em que existem desertos, o jornalista, para anunciar a boa atuação do jogador árabe, diz que Al-Sahlawi é uma **miragem**, ou seja, algo inexistente, quase um sonho em um lugar onde não existem atacantes (**o deserto de atacantes**).

Trata-se da utilização de neologismos semânticos que estabelecem coesão e coerência entre si, pois **miragem** e **deserto** são palavras pertencentes à mesma esfera semântica.

SAÚDE ENDIVIDADA

O Globo, 15.07.2017

A notícia é sobre hospitais e clínicas no Rio de Janeiro que devem dinheiro à empresa distribuidora de energia. Na verdade, as instituições responsáveis por cuidar da saúde das pessoas estão endividadas. Por metonímia, o jornalista cria um impacto ainda maior para a informação, anunciando que “a saúde está endividada”. É, portanto, um neologismo semântico.

‘LARANJINHAS’ AMARELADAS

O Globo, 28.06.2017

Laranjinha em relação à bicicleta do Itaú é uma referência à cor dos modelos: todas as bicicletas são na cor laranja. **Amareladas** remete à falta de cuidado com que tanto os usuários quanto as empresas de manutenção vêm tratando esses veículos. A notícia fala de problemas como: depredação, mau uso, bicicletas quebradas, pneus furados etc. Daí a utilização de **amareladas**, no sentido de que as **laranjinhas** envelheceram e não foram preservadas.

Tanto **laranjinhas** quanto **amareladas** são neologismos semânticos.

UM MÊS NA PONTA DOS PÉS

O Globo, 18.08.2017

A reportagem principal, na capa do *Caderno Rio Show* noticiava uma série de espetáculos de balé que ocupariam a cidade no referido mês. Complementava-se a frase de chamada UM MÊS NA PONTA DOS PÉS com a expressiva imagem dos pés de uma bailarina, que usava, obviamente, uma sapatilha de ponta.

Trata-se de uma referência metonímica e visual ao instrumento de trabalho das artistas de dança. Na verdade, não será um mês **na ponta dos pés**, será um mês assistindo às bailarinas nos mais diversos espetáculos. É, portanto, um neologismo semântico.

AMOR TATUADO NO BRAÇO

O Globo, 28.03.2018

A notícia conta que a filha da vereadora assassinada, Marielle Franco, havia feito uma tatuagem no braço: o rosto da mãe foi o desenho escolhido pela jovem. Por metonímia, o jornalista anuncia que há **amor** (o rosto de Marielle) tatuado no braço. Trata-se de um neologismo semântico.

É de se comentar, também, o interessante trabalho de intertextualidade com a música de Caetano Veloso, cujos versos dizem: “dragão tatuado no braço”.

BISTURI CASEIRO

O Globo, 01.03.2018

Rodrigo Lasmar, médico da seleção brasileira de futebol, é escolhido para operar o joelho do jogador Neymar Junior. Dentre tantos renomados médicos internacionais, um médico brasileiro foi o escolhido, por isso, o **bisturi caseiro**.

Trata-se de um neologismo semântico por metonímia, já que se utiliza o instrumento (bisturi) pelo nome do profissional que o utiliza (médico).

SAI A TOGA, ENTRA A URNA

O Globo, 16.04.2018

Com a proximidade das eleições, noticia-se que muitos juízes estariam desistindo da magistratura para investir em carreiras políticas. Explica-se: a Constituição Brasileira proíbe que magistrados tenham atividade político-partidária, portanto eles precisam se desligar da carreira para ingressar na política.

Na matéria, anunciam-se vários nomes, ente aposentados e exonerados: Joaquim Barbosa, Wilson Witzel, Flavio Dino, Odilon de Oliveira entre outros. SAI A TOGA E ENTRA A URNA é o título escolhido para a notícia, uma referência à vestimenta clássica tradicional da magistratura (a **toga**) e outra ao instrumento através do qual se compilam os votos da comunidade em uma eleição (a **urna**).

Trata-se, em ambos os casos, de neologismos semânticos por metonímia.

COPA DOS POMPONS

O Globo, 15.04.2018

Comunica-se a participação, pela primeira vez, de uma equipe brasileira na Copa do Mundo de Cheerleading. Trata-se de um esporte feminino pouco conhecido no Brasil, que consiste em uma modalidade de animação de torcidas inspirada na dança. Com movimentos coreografados e figurino uniformizado, as meninas apresentam-se, cantando, dançando, animando a torcida e balançando ‘pompons’, instrumento que colabora para conferir cor e graça às evoluções, daí o título da notícia: *Copa dos pompons*.

É um neologismo semântico por metonímia, que se refere à Copa do Mundo de Cheerleading.

LOCOMOTIVA

O Globo, 18.08.2018

A notícia aparece sob o seguinte título: **LOCOMOTIVA À PORTUGUESA, CRISITIANO RONALDO IMPULSIONA FUTEBOL ITALIANO.**

A característica de ser uma ‘locomotiva’ é atribuída ao jogador português, devido ao seu excelente desempenho, que demonstra força e velocidade. Noticia-se, sob o referido título, o investimento feito pelo Juventus, time italiano, para contratar o grande jogador e reforçar seu acervo de craques.

Trata-se de um neologismo semântico por metáfora.

REVOADA DE PARDAIS

O Globo, 23.07.18

‘REVOADA’ DE PARDAIS NA AVENIDA DAS AMÉRICAS é o título desta notícia. Trata-se de informar que os equipamentos eletrônicos que flagram infrações por avanço de sinal e excesso de velocidade estariam sendo retirados da Avenida das Américas, na Barra da Tijuca. A retirada do equipamento se deve ao encerramento do contrato entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Perkons, empresa responsável pelo serviço.

O termo **pardal** é um neologismo semântico, já consagrado pelo uso e dicionarizado. Em Caldas Aulette, versão *online*, por exemplo, pode-se encontrar a seguinte definição para pardal: “Equipamento instalado em vias públicas para fotografar infrações de trânsito”. Desse modo, pela proximidade semântica que há entre **pardal** (ave) e **revoada**, o jornalista aproveita-se do fato de que revoada significa ‘voo em conjunto’ (CALDAS AULETE, versão *online*) e cria o título em questão. Trata-se de um neologismo semântico, na expressão **revoada de pardais**.

PENÉLOPES

O Globo, 10.06.2018

No *Caderno Rio*, a notícia é sobre o aumento do número de mulheres que estão utilizando a bicicleta como meio de transporte para ir ao trabalho. O foco principal do texto, além de demonstrar os incontáveis benefícios de pedalar, para a saúde das mulheres e para o meio ambiente, é analisar que, apesar de utilizarem a bicicleta como transporte, as mulheres não abrem mão da vaidade: é possível pedalar de salto alto ou de vestido, sem perder a classe.

O título da notícia é, pois, AS ‘PENÉLOPES’ SOBRE DUAS RODAS. **Penélope** é o nome de uma conhecida personagem do desenho animado ‘A corrida maluca’. Sempre vestida de rosa e impecavelmente maquiada e penteada, Penélope Charmosa (nome completo da personagem) foi um ícone feminino nos anos 80.

Às mulheres que pedalam para ir ao trabalho ou para seus deslocamentos diários, o jornalista denomina **Penélopes**. Trata-se, pois, de um neologismo semântico.

PIANO ENDIABRADO

Veja, 21.09.2016

A notícia, na *Veja Rio*, é sobre o show de uma talentosa pianista japonesa: Hiromi. A pianista é um prodígio e já alcançou sucesso mundial com sua música que mistura jazz, rock e música clássica. O anunciado show, no Theatro Municipal, já tem os ingressos contados e disputados.

Para anunciar o conteúdo, o jornalista utiliza o sintagma **piano endiabrado**. Na verdade, a característica de ser eletrizante e ‘endiabrada’, refere-se à Hiromi, não ao piano. Trata-se, pois, de um neologismo semântico.

HOSPITAIS DE PAPEL

Veja, 28.09.2016

A notícia é sobre a Venezuela e a crise que assola esse país já há um tempo. Na referida reportagem, noticia-se que a crise chegou aos hospitais fazendo com que se improvisem leitos em papelão para os pacientes.

A locução adjetiva ‘**de papel**’ que se atribui aos **hospitais** tem um caráter de denúncia, pois demonstra a fragilidade em que os habitantes do país se encontram, além de remeter ao fato de estarem usando – literalmente – papéis para acomodar pessoas. Segundo se informa, nas maternidades, os recém-nascidos estariam sendo colocados em caixas de papelão, por isso a utilização do título HOSPITAIS DE PAPEL para a matéria. Trata-se, pois, de um neologismo semântico.

TOGA DE FERRO

Veja, 09.11.2016

A notícia fala sobre as ocupações escolares, referindo-se, especialmente, ao fato de que um juiz, Alex Costa de Oliveira, deferiu um parecer em que considerava justa a utilização pela polícia de instrumentos sonoros para impor privação de sono aos adolescentes que ocupavam as escolas, forçando sua retirada.

Ainda de acordo com o que se lê na reportagem, uma investigação do Senado americano sobre as técnicas usadas pela CIA concluiu que a privação de sono era um método de tortura, prática que deveria, pois, ser banida.

Devido ao caráter radical da tática que, segundo se informa, foi sugerida pelo próprio juiz, o jornalista atribui-lhe a alcunha **toga de ferro**, em uma crítica clara à inflexibilidade e à falta de humanidade que se percebem em tal decisão. Trata-se, pois, de um neologismo semântico.

DISNEYLÂNDIA ETÍLICA

Veja, 04.01.2017

Na coluna *Radar*, noticia-se que a Ambev estuda lançar, em Belo Horizonte, uma fábrica de cervejas artesanais, aberta à visitação. Segundo se anuncia, o local terá mais de 1000 barricas para envelhecimento de cerveja, aulas, loja-conceito e bar.

Trata-se de uma excelente oportunidade de diversão para os amantes de cerveja, portanto, uma **Disneylândia etílica**. Nesse título, o nome do famoso parque americano passa a significar qualquer 'local de divertimento'. Trata-se, portanto, de um neologismo semântico por metáfora.

DEBOCHE AÉREO

Veja, 11.01.2017

Sob o título **DEBOCHE AÉREO DO GOVERNADOR**, noticia-se que Fernando Pimentel, governador de Minas, teria usado o helicóptero do governo para buscar o filho de 20 anos em uma festa de ano novo em Escarpas do Lago, uma região de casas de alto padrão, em Capitólio, a 280 km de Belo Horizonte. Enquanto Minas Gerais sofre uma calamidade financeira, o governador do estado parece alheio a tudo que acontece e esbanja o dinheiro público, utilizando-o em benefício próprio.

O **deboche aéreo** é um neologismo semântico que se refere à utilização do helicóptero pelo então governador, em detrimento da crise financeira do estado.

METÁSTASE DO HORROR

Veja, 11.01.2017

Noticia-se a matança ocorrida em uma prisão em Boa Vista, Roraima. Houve 31 mortos e muitos outros feridos. Cinco dias antes, fato semelhante ocorrera em Manaus.

Metástase é um termo oriundo da Medicina. De acordo com o dicionário Caldas Aulete (versão *online*), a metástase é o “[...] aparecimento de um tumor secundário em um organismo, proveniente de um tumor maligno”. Entende-se, pois, que a metástase é a reincidência de algo muito grave já diagnosticado anteriormente.

Na reportagem em questão, utiliza-se o termo **metástase** para relatar a reincidência de uma severa rebelião de presos na Região Norte do país. De acordo com o que se lê no texto da notícia, tanto em Manaus quanto em Boa Vista, os métodos usados na carnificina foram os mesmos: corações e vísceras das vítimas foram arrancados com facões improvisados e os corpos foram espalhados pelos corredores da penitenciária. Tudo foi registrado em fotografias e compartilhado em redes sociais.

Foi, de fato, uma **metástase do horror**, neologismo semântico.

MOCHILÃO COM DINHEIRO PÚBLICO

Veja, 12.04.2017

Comunica-se sobre o término do projeto do governo “Ciência sem fronteiras”. O objetivo do projeto, destinado a alunos de graduação, era enviar estudantes ao exterior, para que tivessem oportunidade de fazer contato com outras áreas de pesquisa e, assim, pudessem trazer experiências mais ricas para o Brasil.

No entanto, o projeto foi definitivamente cancelado. Argumenta-se, no texto, que não havia compromisso com os estudos por diversos motivos, dentre eles, a falta de domínio do idioma. A reportagem sugere, inclusive, que os estudantes tenham ido viajar a passeio, por isso a utilização do neologismo **mochilão**. Trata-se de um neologismo da linguagem popular, já bastante utilizado sobretudo pelos jovens para designar viagens de baixo custo.

Assim, intitulado a notícia sob o sintagma **MOCHILÃO COM O DINHEIRO PÚBLICO** o jornalista já antecipa o conteúdo de crítica negativa que se apresentará no texto. Trata-se de um neologismo semântico.

METALHADORA VERBAL

Veja, 24.05.2017

Na seção de entrevistas da Revista *Veja*, a entrevistada da vez é a atriz Luana Piovani, que é apresentada sob a seguinte frase: COM SUA METALHADORA VERBAL EM AÇÃO, A ATRIZ DIZ QUE AMADURECEU. Bastante conhecida por seus comentários nas redes sociais, Luana conta à *Veja* que acaba de inaugurar um novo canal no *YouTube*. A novidade é que a atriz se declara mais madura e diz que agora ‘mede as palavras’.

Luana Piovani sempre foi conhecida por dizer o que pensa, por falar muito e por falar rápido; portanto, o entrevistador utiliza, na frase de chamada da entrevista o termo ‘**metralhadora verbal**’, uma metáfora que alude a essa característica muitas vezes intempestiva da atriz. Trata-se, portanto, de um neologismo semântico.

A MUITAS JARDAS DO IDEAL

Veja, 06.09.2017

A notícia é sobre o Campeonato Feminino de Futebol Americano, realizado no Rio de Janeiro e as dificuldades enfrentadas pela falta de incentivo a esse esporte. Parece que as atletas não conseguem patrocínio nem investimento, pois a prática do futebol americano é pouco reconhecida aqui no Brasil.

Informa-se, inclusive, que uma das equipes que vai disputar a final do Campeonato usará uniformes emprestados do time masculino do clube ao qual pertencem, pois não conseguiram recursos para a própria indumentária.

Em vista disso, o jornalista redator inicia seu texto com o título A MUITAS JARDAS DO IDEAL. Importa saber que **jarda** é a unidade de medida de comprimento do sistema inglês; e que, no futebol americano, a distância – em jardas – a que uma bola é arremessada, ou a distância que um jogador corre são elementos fundamentais na obtenção de pontuação para a equipe.

Assim, fazendo uma brincadeira com elementos pertencentes ao universo esportivo que se noticia, o jornalista, para dizer que o incentivo ao esporte está aquém do que se espera, diz que está **a muitas jardas do ideal**, caracterizando um exemplo de neologismo semântico.

A XÍCARA VAI SECAR?

Veja, 20.09.2017

Trata-se de uma reportagem sobre o aquecimento global e sua ameaça à indústria cafeeira. Conforme se noticia, efeitos do aquecimento global, que tem desbalanceado o clima no planeta, podem reduzir em até 88% as áreas para o cultivo do café na América Latina – o principal polo produtor de tal bebida.

Para anunciar o problema, o jornalista, por metonímia, utiliza um neologismo semântico, dizendo que a **xícara** vai secar.

DEUS NA SALA DE AULA

Veja, 04.10.2017

Trata-se de um artigo de autoria de Maria Clara Vieira. A articulista discute a recente decisão do STF de permitir o ensino confessional de religião nas escolas públicas. De acordo com a autora, tal decisão põe a risco os direitos individuais e a liberdade religiosa.

A escolha pelo título DEUS NA SALA DE AULA implica a utilização de um neologismo semântico. Já que os assuntos religiosos normalmente envolvem Deus, a autora, por metonímia, opta pela expressão **Deus** na sala de aula, caracterizando um exemplo de neologismo semântico.

QUADRILÁTERO DO LÚPULO

Veja, 01.11.2017

Trata-se de mais um exemplo de neologismo semântico por metonímia. Na *Veja Rio*, há uma reportagem que remete ao fato de Botafogo estar ganhando fama como reduto boêmio de venda de cervejas. Acrescenta-se a isso o fato de que bares novos estão sendo inaugurados no local. Na notícia, informa-se também sobre uma nova tendência no mercado: cervejarias artesanais vêm abrindo redutos próprios. Parece que esse contato direto com os clientes está sendo bem lucrativo.

Quadrilátero do lúpulo foi o nome escolhido para anunciar que, em um determinado quarteirão de Botafogo, quatro casas com esse perfil abriram as portas: a *Hocus Pocus*, a *Brewsil*, a *Fort Mohave* e a *Estação 2cabeças*.

Sabe-se que o **lúpulo** é uma “[...] planta trepadeira [...] usada na fabricação da cerveja e responsável pelo gosto amargo da bebida [...]” (CALDAS AULETE, versão *online*). Assim, o jornalista utiliza **quadrilátero do lúpulo**, para se referir a um local em que se vendem cervejas. Trata-se, portanto, de um neologismo semântico.

CONCLUSÃO

Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há trinta anos, ou figura com outras acepções. A todo momento impõe-se tomar conhecimento de novas palavras e combinações de.

Carlos Drummond de Andrade

Essa imposição de tomada de conhecimento à qual se refere Drummond foi, inegavelmente, uma das principais motivações que levaram ao nascimento desta pesquisa. A renovação lexical a que todo idioma está diariamente exposto aguçou-me a curiosidade em observar a facilidade e a destreza com que qualquer membro de uma comunidade linguística é capaz de manejar os elementos constituintes das palavras e, através desse maneiio, compor uma infinidade de novas combinações originando novos termos.

Dominar as regras de combinação dos elementos é, de fato, uma aptidão natural e inerente aos falantes de uma língua, no entanto trata-se de uma técnica apurada, passível de investigação e análise aos olhos de um pesquisador. Assim, para trazer a este estudo esclarecimentos sobre essa capacidade inata dos seres humanos, detive-me a estudar e conceituar o léxico e a competência lexical. Compreendi que refletir sobre o léxico de um idioma requer muito mais do que se limitar a observar seu vocabulário, pois a noção de léxico, para os estudos linguísticos, guarda em si uma complexidade muito maior.

Ao léxico de uma língua correspondem todas as palavras de um idioma: as palavras atestadas (dicionarizadas), as palavras existentes (aquelas que circulam na sociedade, mas não estão em dicionários) e as palavras possíveis (todas as que podem vir a ser criadas, de acordo com as regras de formação de palavras). Correspondem ao léxico, também, os padrões morfológicos que hão de permitir a criação desses novos termos, assim como todos os elementos que podem vir a formá-los – e isso inclui os afixos. Devemos, pois, entender o léxico sob uma perspectiva muito mais abrangente, já que ele é o “[...] conjunto aberto,

organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística”. (FERRAZ, 2008, p. 146)

Vale lembrar que, de acordo com Villalva (2014, p. 28), o léxico pode ser considerado “[...] uma espécie de cérebro no corpo das línguas que armazena a informação que os outros sistemas transformam em vida”. É nesse momento que se verifica a competência lexical dos indivíduos em ação: os sujeitos falantes transformam em vida – ou em novos termos para o idioma – a informação lexical que têm memorizada.

A metáfora criada por Villalva (2014) é bastante pertinente, já que não se podem dissociar as criações linguísticas da vida em sociedade. Esse foi um dos motivos pelos quais escolhi textos jornalísticos para constituir o *corpus* desta pesquisa. Cabe ao Jornalismo noticiar os acontecimentos mais importantes e interessantes da vivência social: é a vida real, contada em textos impressos; por isso, em jornais ou revistas, é possível encontrar tantos exemplos de palavras novas. “A prática jornalística nos mostra, cotidianamente, como a língua é dinâmica, viva, e está em constante mutação”. (VALENTE, 2011, p. 21)

Foram três anos trabalhando no processo de recolha e seleção para constituir o *corpus* final desta Tese. Nesse tempo, pude perceber o quanto os acontecimentos socialmente relevantes impulsionam a renovação lexical. Em 2018, por exemplo, houve dois eventos de grande repercussão nacional e mundial: as eleições à presidência no Brasil e a Copa do Mundo na Rússia. Ambos foram gatilhos para o surgimento de vários novos itens lexicais. A propósito das eleições no Brasil, foram encontrados os seguintes termos: **antipetismo**, **antibolsonarismo**, **lulismo**, **lulista**, **bolsodoria**. E, por influência do Campeonato Mundial de Futebol, verificaram-se as criações: **homem-time**, **neymarketing**, **futurobol**, **neymart’nália**.

Posso citar, ainda, outros termos que encontrei e selecionei, como **favoritar**, **instapoetas** e **like**, que demonstram o quanto o a influência da internet e o crescimento da utilização das redes sociais veio a repercutir na renovação do idioma. Há também o neologismo semântico **caixeiros**, representativo da falta de segurança que, infelizmente, impera no nosso país.

De fato, pude comprovar que as inovações no léxico relacionam-se diretamente aos acontecimentos sociais. Investigar, observar e analisar o contexto de produção dessas novas palavras era um dos objetivos principais desta Tese. Assumi como pressuposto fundamental que cada palavra está fixada em um determinado discurso; desse modo, naturalmente, estudar a situação discursiva de produção da palavra relacionou-se diretamente ao estudo da natureza humana. Admiti, para tanto, que as palavras estão inseridas em atos de linguagem realizados

sob um conjunto de condições ao qual se denomina “contrato de comunicação”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 31)

Segundo Charaudeau (2009), o contrato de comunicação prevê que todo ato de linguagem se caracteriza por uma interação, visto que consiste em um conjunto de conhecimentos implicitamente acordados e disponíveis no repertório dos participantes, o que permite ao sujeito comunicante se expressar nas entrelinhas e, ainda assim, ser compreendido pelo sujeito interpretante. Adotei como pressuposto, portanto, a ideia de que a construção de sentidos se dá pela interação dialética entre os dois sujeitos. E não podia deixar de ser, afinal “[...] a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (BAKHTIN, 1995, p. 113)

Cabe sinalizar também que, para proceder à análise da constituição linguística dos neologismos do *corpus* – o meu outro objetivo principal –, foi crucial a realização de um estudo aprofundado dos processos de formação de palavras da língua portuguesa. Para tanto, visitei algumas das nossas principais gramáticas, além de me dedicar à consulta de muitas obras de renomados autores que se dedicaram com exclusividade ao estudo da morfologia do português.

Esse estudo aprofundado foi primordial para que eu adquirisse a segurança necessária à divisão dos neologismos. Foram 116 termos, divididos de acordo com o processo de formação de palavra que serviu de base à sua formação. Apresentei 84 neologismos formais e 32 neologismos semânticos. O primeiro grupo sofreu, obviamente, outras subdivisões. No que se refere aos neologismos formais formados por composição havia 30 termos a serem apresentados e quatro subgrupos foram formados: neologismos por composição por justaposição (13 exemplos), neologismos por composição por aglutinação (3 exemplos), neologismos por amálgama lexical (8 exemplos), neologismos por recomposição (5 exemplos). Quanto aos neologismos formados por derivação, a totalidade foi de 39 exemplos, divididos da seguinte forma: neologismos por derivação prefixal (11 exemplos), neologismos por derivação sufixal (22 exemplos), neologismos por derivação parassintética (2 exemplos), neologismos por derivação imprópria (4 exemplos). Os últimos grupos referem-se aos neologismos por abreviação (3 exemplos) e aos neologismos por empréstimo (12 exemplos).

A diferença no número de exemplos em cada um dos grupos foi independente de minha vontade, pois isso ocorreu devido ao resultado da pesquisa. Esse resultado surpreendeu-me também, em muitos momentos, como nos casos de neologismos por recomposição que encontrei. Trata-se de um processo pouco explorado nas gramáticas tradicionais e nas salas de aula, no entanto verificam-se exemplos de sua produtividade no português contemporâneo.

Devo esclarecer que houve, sim, um filtro para definir a apresentação do *corpus*. Selecionei os neologismos que deviam constar da versão final da pesquisa, todavia cuidei para que a diferença no quantitativo total de cada grupo não fosse alterada significativamente. É possível perceber, por exemplo, que os neologismos por derivação sufixal são os que aparecem em maior número no *corpus* apresentado, por isso esse foi também o grupo em que houve o maior número de exemplos desprezados. Já no grupo dos neologismos por derivação parassintética não houve descarte de nenhum termo, dado o baixo número de exemplos encontrados. Vale comentar, ainda, o caso dos neologismos por empréstimos. Selecionei 11 termos que julguei interessantes para constarem no *corpus* desta Tese, mas o número de termos de origem estrangeira que figura nos textos jornalísticos é bastante expressivo. À vista disso, optei por uma pequena amostragem que serviu ao meu propósito de análise e passei a desconsiderar todos os outros exemplos com que diariamente me deparava.

Assim, após todo esse percurso de pesquisa, estudo e escrita, julgo minha missão cumprida e meus objetivos atingidos. Reitero, agora, meus desejos já expostos na Introdução desta Tese: pretendo que as reflexões e ideias aqui expostas possam servir de inspiração a outros pesquisadores que tencionem estudar a renovação lexical da língua portuguesa. Almejo também que elas sejam úteis a professores que se preocupem em mostrar aos alunos o caráter vivo e dinâmico do nosso idioma, pois tenho certeza de que estudos descritivos como o meu podem contribuir muito para o enriquecimento do ensino da nossa língua. Explorar a criatividade léxica em sala de aula através da análise de neologismos coletados em jornais ou revistas pode ser um excelente caminho para ilustrar a apresentação dos aspectos morfológicos das palavras; afinal, trabalhar com exemplos reais tende a despertar o interesse e motivar a participação dos estudantes, tornando as aulas mais dinâmicas e produtivas.

Finalizo, pois, esta Conclusão – e esta Tese – recorrendo novamente ao grande Drummond, que poetizou: “[...] entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavra somos [...]”. Sim, Drummond, somos palavras. Somos palavras, porque é através delas que nossa existência é desenhada e tantas vezes modificada. Somos palavras, porque elas são a matéria e a expressão do nosso pensamento, do nosso viver e da nossa essência. E somos palavras, porque delas nos servimos para comunicação de nossas necessidades diárias, dos nossos anseios e das nossas ideias.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Neologia e níveis de análise linguística. In: ALVES, Yeda; ISQUERDO, Aparecida (Org.). *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Associação Editorial Humanitas, 2007. v.3
- _____. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- _____. Derivação Prefixal. In: ALVES, Ieda Maria; RODRIGUES, Angela (Org.). *A construção morfológica da palavra*. Ataliba Castilho (Coord.). (*Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 06*). São Paulo: Contexto, 2015a.
- ALVES, Ieda Maria; PEREIRA Eliane Simões. *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988
- ARAÚJO, Mariângela de. Composição sintagmática, por siglas e acrônimos. In: ALVES, Ieda Maria; RODRIGUES, Angela (Org.). *A construção morfológica da palavra*. Ataliba Castilho (Coord.). (*Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 06*). São Paulo: Contexto, 2015.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Antônio Pio de. *Dinâmica Léxica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1986.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Versão digital. São Paulo: Lexikon, 2009.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Curitiba, Editora Positivo, 2004.
- AZEREDO, José Carlos de. A palavra como limite. In: GONÇALVES, Maria Teresa; VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 1997.

BASÍLIO, Margarida. Observações sobre a Conceituação de “Formação”, “Regra” e “Palavras” na Expressão “Regras de Formação de Palavras”. In: VALENTE, André (Org.). *Língua, Língua e Literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: PORTO, Sérgio (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

CAMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANO, Waldenice Moreira. Tentativa de caracterização do neologismo: alguns critérios. In: ALVES, Yeda; ISQUERDO, Aparecida (Org.). *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (volume III)*. Campo Grande: Associação Editorial Humanitas, 2007.

CARDOSO, Elis de Almeida. A criação neológica estilística. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

CARDOSO, Elis de Almeida. Composição. In: ALVES, Ieda Maria; RODRIGUES, Angela (Org.). *A construção morfológica da palavra*. Ataliba Castilho (Coord.). (*Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 06*): São Paulo: Contexto, 2015.

CARDOSO, Elis de Almeida; MARONEZE, Bruno; PISSOLATO, Luciana. Derivação sufixal. . In: ALVES, Ieda Maria; RODRIGUES, Angela (Org.). *A construção morfológica da palavra*. Ataliba Castilho (Coord.). (*Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 06*): São Paulo: Contexto, 2015a.

CARONE, Flavia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CARVALHO, Nelly. *A palavra é*. Recife: Editora Liber, 1999.

CARVALHO, Nelly. Caminhos da neologia no Brasil. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma Nova Análise do Discurso. In: CARNEIRO, Agostinho (Org.). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*; (coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa e Ida Lucia Machado). São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CORADO, Patrícia. *Manchetes jornalísticas: ideologia e argumentatividade*. Cabo Frio: UVA, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. 20 imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEPÓSITO DO CALVIN. Disponível em:
<<http://depositodocalvin.blogspot.com/2009/01/calvin-haroldo-tirinha-537-html>>. Acesso em: 07 out. 2018.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução Rodolfo Ilari]. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

EPSTEIN, Isaac. Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua e Cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERRAZ, Aderlande. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua Portuguesa, Educação & Mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

FERRAZ, Aderlande. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana. 2010.

FERREIRA, Margarita Correia. Produtividade lexical e ensino de língua. In: GONÇALVES, Maria Teresa; VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERREIRA, Margarita Correia; LEMOS, Lucia San Payo. *Inovação lexical em Português*. Lisboa: Colibri, 2005.

FIQUEIREDO, Olivia Maria. O ficcionario de O último Voo do Flamingo, de Mia Couto. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, série 2, v.9, 2002.

GARCIA. Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia Construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016b.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2005.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARONEZE, Bruno. A expressão da afetividade em neologismos por sufixação. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana. 2010.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. rev. aum. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EDUFC, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

O GLOBO. *Manual de redação e estilo* [organizado e editado por Luiz Garcia]. São Paulo: Globo, 1992.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Neologismos, política da língua e produção de textos. In: GONÇALVES, Maria Teresa; VALENTE, André (Org.). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PERINI, Mario. *Gramática descritiva do Português*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2002.

RIO-TORTO, Graça. Caminhos de renovação lexical – fronteiras do possível. In: ALVES, Yeda; ISQUERDO, Aparecida (Org.). *As ciências do léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (volume III)*. Campo Grande: Associação Editorial Humanitas, 2007.

RIO-TORTO, Graça. Léxico, renovação e representações no Brasil e em Portugal. In: VALENTE, André (Org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

RIO-TORTO, Graça. *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, Antônio José. *Competência Lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. São Paulo: Editora Contexto, 1991a.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1961.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Morfologia. In: SCHWINDT, Luiz Carlos (Org.). *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SIMÕES, Darcília. Mídia, língua, cultura e ideologia: uma abordagem político-educacional. In: VALENTE, André (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2007.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

VALENTE, André. A criação vocabular: os neologismos. In: PEREIRA, Maria Teresa (Org.). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997a.

VALENTE, André. A produtividade lexical em diferentes linguagens. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALENTE, André. Criações neológicas na linguagem da mídia. In: BASTOS, Neusa Barbosa. *Língua portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: Educ/FASPESP, 2004.

VALENTE, André. Letras de música nas aulas de Português: estilo, cultura e cidadania. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004a.

VALENTE, André. Produtividade lexical: criações neológicas. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Org.). *Da língua ao discurso/ reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VALENTE, André. Aspectos léxico-discursivos em criações midiáticas daquém e dalém-mar. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua portuguesa, educação & mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

VALENTE, André. Aspectos semântico-discursivos e intertextuais da neologia midiática. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *Neologia e Neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguísticos-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet: 2011.

VALENTE, André. Neologia semântica, palavra-valise e intertextualidade no discurso midiático. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. v. 6. p. 101-113.

VILELA, Mario. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994

VILLALVA, Alina. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Alina Villalva, João Paulo Silvestre. Petrópolis: Vozes, 2014.